



Hinc patriam sustinet

Instituto Superior de Agronomia
Universidade Técnica de Lisboa

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Maicam Jorge Mendes Varela Monteiro

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em

Engenharia Agronómica

Orientador: Doutor Bernardo Manuel Telles de Sousa Pacheco de Carvalho

Júri:

PRESIDENTE - Doutora Cristina Maria Moniz Simões de Oliveira, Professora Associada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

VOGAIS - Doutor Bernardo Manuel Telles de Sousa Pacheco de Carvalho, Professor Associado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

- Doutor Francisco Ramos Lopes Gomes da Silva, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

- Doutora Maria Helena Guimarães de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Lisboa, 2012

“ Foi preciso uma crise alimentar à escala mundial para que os responsáveis políticos, os media e os cidadãos em geral (maioritariamente residentes em áreas urbanas) tomassem consciência da importância estratégica que a agricultura tem em qualquer sociedade.”

Arlindo Cunha

À querida minha mãe, Maria Segunda Lopes Monteiro, a minha grande
impulsionadora, pelo amor, dedicação, carinho e incentivo que permitiu ultrapassar
todos os obstáculos ao longo do meu percurso académico.

Obrigado por acreditar em mim.

Ao meu querido Tio, António da Veiga Sanches, pelo apoio e amor com que me ajudou
mesmo estando distante. Obrigado pelo teu grande carinho e amizade.

Ao meu pai, a minha avó pela ajuda e incentivo, pelo amor, carinho e confiança
que sempre depositaram em mim.

À Doutora Wanda Lourenço, (*in memoriam*), Obrigado pelo apoio, carinho e amizade.
Sempre lembrarei de ti com muito carinho e amor.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que chego ao fim desta etapa que muito marcou a minha vida

Antes de mais quero agradecer ao meu orientador, Professor Bernardo Pacheco de Carvalho, por quem tenho uma grande admiração e carinho, por permitir a realização desta tese, pelo valioso apoio, tempo, amizade e profissionalismo. Um verdadeiro mestre e um exemplo a seguir.

À ANSA (Agência Nacional de Segurança Alimentar de Cabo Verde), pela disponibilização dos dados, que permitiram realizar este trabalho.

Ao CIAT-CD – Centro de Agronomia Tropical – Cooperação e Desenvolvimento com estrutura principal de apoio ao sector de agronomia tropical do ISA, que me permitiu ter um verdadeiro “ambiente tropical” no desenrolar da minha preparação académica

Ao Professor Manuel Armando Valeriano Madeira, pelo apoio teórico relativamente, caracterização edafoclimática de Cabo Verde, pela disponibilidade e carinho.

À Professora Maria Guimarães de Almeida, por quem tenho muita admiração, e carinho, pelas preciosas aulas de tecnologias dos produtos tropicais, no qual baseei uma parte desta tese.

À Professora, Maria Isabel Januário, por quem tenho muita amizade, pelas preciosas aulas sobre cana-de açúcar, e tecnologias da área tropical.

A todos os Professores e funcionários do Instituto Superior de Agronomia, pela amizade e simpatia.

Aos meus recentes amigos Manuel Monteiro, Ana Justina, Mamadú Camará, José Francisco João, João Gamito, Manuel Marques, Henrique Mendes, pelo grande carinho, apoio e amizade.

À minha família pelo apoio incondicional e presença na minha vida

À minha querida namorada, Avelina Tavares Gonçalves, pelo amor incondicional, carinho e compreensão da minha ausência e pelo apoio sempre presente.

A todos, sinceramente, muito e muito obrigado.

RESUMO

A Segurança Alimentar e a disponibilidade de alimentos são temas vitais em qualquer processo de desenvolvimento económico sustentável, em especial para Cabo Verde. Com grandes limites de disponibilidade de recursos naturais (10% de terra arável) e com grandes restrições edafoclimáticas para a produção agrícola, o país depende dos mercados externos para o seu regular abastecimento em produtos alimentares básicos.

A presente dissertação tem como objectivo o estudo do comportamento dos mercados de produtos básicos, quer em termos nacionais quer internacionais, ao mesmo tempo que pretende analisar o trabalho da ANSA – Agência Nacional de Segurança Alimentar, no sentido de “regular” e regulamentar esses mesmos mercados garantindo a Segurança Alimentar do país.

Avalia-se a evolução dos mercados (em especial dos preços), procurando comparar o comportamento do mercado nacional com o mercado internacional para os bens alimentares básicos, utilizando vários indicadores designadamente para avaliar a “eficiência do mercado”.

Os resultados demonstram que a estabilidade dos preços dos produtos básicos (produtos locais e importados) em Cabo Verde foi maior comparativamente ao sucedido no mercado internacional.

A volatilidade do mercado de Cabo Verde em produtos básicos quase não se fez sentir, apesar das recentes crises, evidenciando-se o trabalho de “regulação” que foi possível efectuar pela ANSA, com grande benefício para os consumidores.

Palavras-chaves – Segurança Alimentar; ANSA; Preços; Regulação de mercado; Cabo Verde.

ABSTRACT

Food security and food availability are vital issues in any process of sustainable economic development, especially for Cape Verde. With large limits availability of natural resources (10% of arable land) and major climatic constraints to agricultural production, the country relies on foreign markets for its regular supply of basic food.

This thesis aims to study the behavior of commodity markets, both at national and international, at the same time you want to analyze the work of ANSA - National Agency for Food Security in the sense of “regular” and those same regulatory markets ensuring food security in the country.

This study evaluates the evolution of markets (especially prices), seeking to compare the behavior of the domestic market with international market for basic food, using several indicators to assess the particular “market efficiency”.

The results show that the stability of commodity prices (local and imported products) in Cape Verde was higher compared to what occurred in the international market.

The market volatility of Cape Verde in commodities almost did not occur, despite the recent crisis, demonstrating the work of “regulation” that could be made by ANSA, with great benefit to consumers.

Keywords: Food Security; ANSA; Prices; Market regulation; Cape Verde.

EXTENDED ABSTRACT

Food Security issues have grown in importance on the agenda of both national and international concerns, and a way to redress this lack of attention for the agricultural production systems, emphasizing the context of the agri-business, is to start by looking at the problems of food production in the context of concerns about meeting basic needs, to obtain “utility” at the end of the process from the last link in the chain of production, which is the consumer activity, until its first link, the agricultural production itself.

Cape Verde has suffered throughout its history due to periods of major feeding difficulties, and its harsh soil and climatic characteristics that constraints the food production, especially in years of drought that frequently occur. In this context Cape Verde has always depended on foreign markets for its regular supply of basic food products. However, we must bear in mind the importance of local production and development of productive forces in the primary sector, including fisheries, agro-processing industry and related activities to generate income and occupation of the people. In this sense the country is integrated in a logical set of “colonial” that has always welcomed imports and external support in the food supply, a reality that has come to be maintained after independence.

This independent country since 1975, has always felt closely the challenge to maintain the food supply, which led to the formation of a large company of State EMPA - Public Supply Company secured a supply of basic commodities by 2002. Later, with the creation of the ANSA - Food Safety Agency logic and security of supply has come to depend even more heavily on markets and food policy capable of guaranteeing food security to the people they need.

The main purpose of this present dissertation is the study the behavior of basic commodity markets; both at national and international, at the same time analyze the work of ANSA in order to “regulate” these same markets and regulatory ensuring food security of the country

With these objectives were considered the following working hypotheses, which seek to test and demonstrate how they can be relevant for understanding the market for commodities and setting appropriate food policies.

- a) The behavior of the commodity market has shown characteristics of markets with great stability, which can even be compared to the advantage of Cape Verde in the international market.
- b) The variability of import prices in Cape Verde was lower than in international markets, the various products of greater importance, and certainly this reflects the work of “regulation” of the market that has been done by regulatory agencies, such as the ANSA;
- c) With the establishment of ANSA, there were improvements in food security, ie the passage of a public water supply company (EMPA), for a private market-oriented, leading to improved food security situation by the consumers.

This dissertation is structured in seven chapters:

In the first chapter is an introduction of the subject, stating the reasons that formed the basis for their preparation, the objectives to be achieved with the work, the initially formulated hypotheses and the methodology used.

In chapter two there is a general characterization of the country both in terms of geographical location, such as the socio-economical. The general characterization of agriculture deserves special mention in this chapter.

The third chapter discusses the situation and the economic structure, markets and prices and international trade of selected commodities. Food security, consumption and quality of life deserve special attention in the fourth chapter since most Cape Verdean families in rural lives in poverty and in a constant food insecurity, and the fifth chapter presents the methodology used to study the working hypotheses to analyze, structure and application of data analyzed. Finally in the last two chapters we present and discuss the results obtained and some conclusions and final remarks as follows.

The price of the main commodities studied doubled over the period analyzed, and the price of rice has tripled in terms of international market. Turn on the relevant market in Cape Verde (Santa Catarina) followed the international market in terms of increases in commodity prices in the study, but in relative terms are much smaller compared to what occurred in the international market.

The behavior of commodity markets in Cape Verde, analyzed by studying the behavior of prices using the calculation of price indices for the average country, was very consistent over time. The variations are among the largest regional markets for different variations throughout the year.

With regard to local products, local corn and beans, there is a great consistency of behavior. The year 2008 was the year that there was a greater variation between markets and also inter-months per year. However, the changes are surprisingly small.

For imported products, including corn 2nd, Rice 1st and 2nd, and wheat (wheat flour), the variation between markets is lower than the local products. Deviations inter - markets and inter - regional are significantly higher than the local products for imported products, which might be explained due to the small markets and higher marketing costs (lack of scale) in local markets, including deficiencies information and transport costs.

As regards the analysis of indicators (indices) may be withdrawn some conclusions: The island of Maio clearly stands out as the market more problematic. The domestic markets are penalized, ie the prices of domestic products eventually reach values higher than those imported products which do not benefit from larger scale and better organization of the channels of commerce. Santa Catarina for its part has been very consistent over the years, in fact being a producing region, and the market is very close to the consumer, this has everything to gain.

Sao Filipe, Santo Antão and Sao Vicente, part of the regional markets where there is a higher efficiency compared to other regional markets. In fact São. Vicente, for reasons of scale and a point of entry (port) of the imported products they tend to be cheaper. The island of May by the fact being a consumer market with a little speech production, and due to the costs of transporting the products, the market is more problematic where imported products are more expensive.

As regards the efficiency of markets, local produce, Santa Catarina presents itself as the market more efficient, then the island of Brava, São Filipe, São Antão. But São. Miguel, Maio, and Tarrafal, are the markets deserve more attention, where there is still work space where ANSA and the Ministry of Agriculture can act in an attempt to remedy the deficiencies that may exist.

Keywords: Food Security; food prices; market regulation; Cape Verde.

ÍNDICE

| | |
|----------------------------|------|
| AGRADECIMENTOS | iii |
| RESUMO..... | iv |
| ABSTRACT | v |
| EXTENDED ABSTRACT | vi |
| ÍNDICE DE FIGURAS | xii |
| ÍNDICE DE QUADROS | xiii |
| SIGLAS E ABREVIATURAS..... | xv |

CAPÍTULO 1

| | |
|---------------------------------|---|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Contextualização | 1 |
| 1.2. Objectivos..... | 2 |
| 1.3. Hipóteses Principais | 2 |

CAPÍTULO 2

| | |
|---|----|
| CABO VERDE: CARACTERIZAÇÃO GERAL..... | 4 |
| 2.1. História | 4 |
| 2.2. Geografia..... | 5 |
| 2.3. Caracterização Edafoclimática | 6 |
| 2.3.1. Clima | 6 |
| 2.3.2. Solos..... | 8 |
| 2.3.3. Hidrografia | 9 |
| 2.4. Caracterização Sociocultural e Económica | 10 |
| 2.4.1. Demografia | 10 |
| 2.4.2. Educação..... | 12 |
| 2.4.3. Saúde | 13 |

| | |
|---|----|
| 2.4.4. Pobreza | 14 |
| 2.4.5. Desemprego | 16 |
| 2.4.6. Migração..... | 16 |
| 2.4.7. Economia..... | 18 |
| 2.4.7.1. Balança Comercial | 22 |
| 2.4.7.2. Exportações..... | 22 |
| 2.4.7.3. Importações..... | 23 |
| 2.4.7.4. Contexto Social e Desenvolvimento dos Recursos Humanos | 23 |
| 2.4.8. Agricultura, Pecuária, Silvicultura e Pescas | 26 |
| 2.4.8.1. Agricultura..... | 26 |
| 2.4.8.2. Pecuária | 31 |
| 2.4.8.3. Silvicultura | 32 |
| 2.4.8.4. Pescas..... | 33 |

CAPÍTULO 3

| | |
|--|----|
| MERCADOS E PREÇOS DE BENS ALIMENTARES | 34 |
| 3.1. O mercado internacional de “commodities” alimentares | 34 |
| 3.2. A Crise dos Alimentos, e a Escalada de Preços das Commodities Básicas | 41 |

CAPÍTULO 4

| | |
|--|----|
| SEGURANÇA ALIMENTAR..... | 43 |
| 4.1 Conceito de Segurança Alimentar | 43 |
| 4.2. Segurança e Vulnerabilidade Alimentar em Cabo Verde | 45 |
| 4.3. Agência Nacional de Segurança Alimentar (ANSA) | 47 |
| 4.4. Insegurança Alimentar..... | 52 |
| 4.5. Importância da Produção Agrícola Local na Segurança Alimentar | 54 |

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO 5 | |
| METODOLOGIA E PRINCIPAIS PROCEDIMENTOS..... | 56 |
| 5.1. Enquadramento das hipóteses do Trabalho..... | 56 |
| 5.2.Eficiência dos Mercados: Implicações para à Segurança Alimentar | 57 |
| 5.3. Conceito de Eficiência do Mercado | 57 |
| 5.4. Informação e dados disponíveis..... | 60 |
| 5.5. Estrutura Analítica | 61 |
| CAPÍTULO 6 | |
| RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO | 63 |
| CAPÍTULO 7 | |
| CONCLUSÕES | 74 |
| CAPÍTULO 8 | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 76 |
| ANEXOS..... | 86 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Mapa de Cabo verde..... | 5 |
| Figura 2: Evolução da população residente no arquipélago desde 1940 a 2010 | 1 |
| Figura 3: Crescimento real do PIB, em Cabo Verde nos últimos anos e projecções futuras | 20 |
| Figura 4: Esquema do modelo de Inovação Induzida | 24 |
| Figura 5: Evolução da produção (toneladas) das principais culturas de sequeiro em Cabo Verde, entre 1987 e 2011 | 9 |
| Figura 6: Evolução dos preços das principais commodities agrícolas desde 1957 a 2009..... | 34 |
| Figura 7: Produção e estoques mundiais de arroz (milhões de toneladas) | 37 |
| Figura 8: Evolução mundial dos estoques de cereais nos últimos anos e previsões futuras | 38 |
| Figura 9: Variação percentual dos estoques dos principais tipos de cereais | 38 |
| Figura 10: Evolução dos estoques em relação à produção (Porcentagem) | 39 |
| Figura 11: Evolução da Importação dos principais cereais em Cabo Verde (ton)..... | 51 |
| Figura 12: Distribuição da vulnerabilidade e da insegurança alimentar segundo ilha..... | 53 |
| Figura 13: Grau de Incidência de Insegurança Alimentar nos principais concelhos | 53 |
| Figura 14: Análise comparativa de preços entre o milho internacional, com o milho importado (milho 2ª) no mercado de Santa Catarina em Cabo Verde.... | 63 |
| Figura 15: Análise comparativa de preços entre o arroz internacional, com o arroz importado no mercado de Santa Catarina em Cabo Verde | 64 |
| Figura 16: Análise comparativa de preços do trigo no mercado internacional, com o trigo importado no mercado de santa catarina em Cabo Verde | 65 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Repartição das zonas Agro-ecológicas por ilha | 8 |
| Quadro 2: Evolução da população global e taxas de crescimento (1950-2010)..... | 11 |
| Quadro 3: Evolução dos Indicadores económicos de referência para o crescimento do produto e rendimento disponível..... | 19 |
| Quadro 4: Evolução das áreas cultivadas de milho 2002 a 2009 (hectare) | 27 |
| Quadro 5: Evolução das produções de milho de 2002 a 2009 (ton) | 28 |
| Quadro 6: Rendimento médio por hectare dos principais cultivos | 28 |
| Quadro 7: Evolução da produção pecuária (ton)..... | 31 |
| Quadro 8: Evolução do efectivo pecuário (milhares)..... | 32 |
| Quadro 9: Produção e Consumo Mundial de Cereais (milhões de toneladas) Médias centradas no ano | 42 |
| Quadro 10: Consumo <i>per capita</i> de cereais (em Kg por habitante/ano) em cabo verde..... | 49 |
| Quadro 11: Evolução da disponibilidade alimentar em Cabo Verde (ton) | 50 |
| Quadro 12: Evolução da ajuda alimentar em Cabo Verde (ton)..... | 51 |
| Quadro 13: Evolução da variação global de índice de preços (desvio padrão dos indicadores) | 66 |
| Quadro 14: Evolução da variação de índice de preços nos Produtos Locais (desvio padrão dos indicadores) | 67 |
| Quadro 15: Evolução da variação de índices de preços nos Produtos Importados (desvio padrão dos indicadores) | 67 |
| Quadro 16: Evolução da variação dos índices ao longo do ano (média dos desvios padrões no ano) | 68 |
| Quadro 17: Eficiência dos mercados - Variação de índice de preços inter-mercados (desvio padrão dos indicadores) | 68 |

| | |
|--|----|
| Quadro 18: Evolução da variação inter-regional (índice de preços inter-regional – média dos desvios padrões | 68 |
| Quadro 19: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Global | 69 |
| Quadro 20: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Produtos Locais | 69 |
| Quadro 21: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Produtos Importados | 70 |
| Quadro 22: Índices de preços anuais por produto (base 2005), no mercado de Santa Catarina, mercado de referência em Cabo Verde | 71 |
| Quadro 23: Índices de preços anuais por produto (base 2005) no mercado internacional | 72 |
| Quadro 24: Comportamento dos preços de produtos alimentares básicos, em Cabo Verde, 2002 a 2006..... | 73 |

SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|-----------------|--|
| ADEI | Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação |
| ANSA | Agência Nacional de Segurança Alimentar (Cabo Verde) |
| BCV | Banco de Cabo Verde |
| DGASP | Direcção Geral de Agricultura, Silvicultura e Pecuária |
| DGPOG | Direcção Geral de Planeamento, Orçamento e Gestão |
| ECV | Escudo Cabo-verdiano |
| EMPA | Empresa Pública de Abastecimento (Cabo Verde) |
| FAIMO | Frente de Alta Intensidade de Mão de Obra |
| FAO | Organização das Nações Unidas para a Agricultura |
| FIDA | Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola |
| GEP | Gabinete de Estudos e Planeamento (Cabo Verde) |
| INDP | Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas |
| ICTSD | Centro Internacional para o Comércio e Desenvolvimento Sustentável |
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| INE - CV | Instituto Nacional de Estatística (Cabo Verde) |
| INGRH | Instituto Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos |
| INIDA | Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário |
| MDR | Ministério do Desenvolvimento Rural |
| MAAP | Ministério do Ambiente Agricultura e Pescas (Cabo Verde) |
| MCA | Milenium Challenge Account |
| OMCV | Organização das Mulheres de Cabo Verde |
| ONGs | Organização Não Governamentais |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PA | Plano de Acção |
| PADA | Plano de Acção para o Desenvolvimento Agrícola |
| PEDA | Plano Estratégico de Desenvolvimento de Agricultura |
| PEA | Perspectivas económicas para África |
| PANA II | II Plano de Acção Nacional para o Ambiente |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PMD's | Países Menos Desenvolvidos |
| PND | Plano Nacional de Desenvolvimento |
| PNLP | Programa Nacional de Luta Contra a Pobreza |
| QUIBB | Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem estar |
| RGA | Recenseamento Geral da Agricultura |
| USD | Dólares Norte – Americano |
| USDA | Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América |
| ZAE | Zona Agro-Ecológica |
| ZEE | Zona Económica Exclusiva |

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

As questões de Segurança Alimentar têm vindo a entrar cada vez mais na agenda das preocupações quer nacionais quer internacionais, e de alguma forma a colmatar este défice de atenção para os sistemas de produção agrícola, colocando o acento tónico no contexto das fileiras agro-alimentares, isto é, passou-se a olhar para os problemas de produção alimentar no contexto das preocupações com a satisfação de necessidades básicas, da obtenção de “utilidade” no final do processo, desde o ultimo elo da cadeia de produção, que é a actividade de consumo, até ao seu primeiro elo, a produção agrícola propriamente dita.

Cabo Verde tem sofrido ao longo da sua história períodos de grandes dificuldades alimentares, tendo também características edafoclimáticas difíceis e limitantes para a produção de alimentos, especialmente nos anos de seca que acontecem frequentemente. Neste contexto Cabo Verde tem sempre dependido dos mercados externos para o seu regular abastecimento em produtos alimentares básicos. Contudo, não podemos deixar de ter presente a importância da produção local e do desenvolvimento das forças produtivas no sector primário, incluindo as pescas, a agro-indústria de transformação e as actividades correlatas na geração de rendimento e na ocupação das pessoas. Neste sentido o país integrado numa lógica de conjunto “colonial” recebeu sempre importações e apoio externo no abastecimento alimentar, realidade que se veio a manter após a independência.

Desde a sua independência em 1975, sempre sentiu de perto o desafio que se mantêm do abastecimento alimentar, o que conduziu à formação de uma grande empresa de Estado a EMPA – Empresa Publica de Abastecimento que garantiu o abastecimento de produtos básicos até 2002. Posteriormente, com a criação da ANSA – Agência de Segurança Alimentar a lógica e garantia de abastecimento passou a depender ainda mais fortemente dos mercados e das políticas alimentares capazes de garantir à população a Segurança Alimentar de que precisam.

1.2. Objectivos

O presente estudo procura contribuir para a análise da evolução do comportamento dos mercados de produtos básicos, quer em termos nacionais quer internacionais, ao mesmo tempo que pretende analisar o trabalho da ANSA no sentido de “regular” e regulamentar esses mesmos mercados garantindo a Segurança Alimentar do país.

Os objectivos principais deste trabalho centram-se nos seguintes aspectos:

- Analisar e avaliar a evolução da produção e consumo dos produtos básicos seleccionados (milho, arroz e feijões e farinha de trigo), no mundo e em Cabo Verde.
- Analisar o comportamento de preços destes produtos nos principais mercados regionais e internacionais e a tendência da evolução nesses mercados.
- Analisar o impacto da política alimentar do governo cabo-verdiano: modo de abastecimento, distribuição e política de preços no mercado dos principais produtos básicos.

1.3. Hipóteses Principais

Com estes objectivos foram consideradas as seguintes hipóteses de trabalho, que procuraremos testar e demonstrar quão relevantes podem ser para o entendimento do mercado dos produtos básicos e para a definição de políticas alimentares adequadas. As hipóteses definidas como resultado de questões relevantes são as seguintes:

- a) O comportamento do mercado de produtos básicos tem apresentado características próprias de mercados eficientes e com grande estabilidade, o que pode mesmo ser comparado com vantagem para Cabo Verde em relação ao mercado internacional.
- b) A variabilidade dos preços dos produtos importados em Cabo Verde foi menor do que nos mercados internacionais, nos vários produtos de maior relevo e, certamente isso reflecte o trabalho de “regulação” de mercado que tem vindo a ser feito por agências de regulação, como é o caso da ANSA;
- c) Com a criação da ANSA, houve melhorias em termos de segurança alimentar, ou seja a passagem de uma empresa pública de abastecimento (EMPA), para uma empresa privada orientada para o mercado, conduziu a uma melhor situação de segurança alimentar por parte dos consumidores.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

A presente dissertação está estruturada em 7 capítulos:

No primeiro capítulo faz-se uma introdução ao tema, apresentando as razões que serviram de base para a sua elaboração, os objectivos que se pretende atingir com o trabalho, as hipóteses inicialmente formuladas, bem como a metodologia utilizada. No capítulo dois faz-se uma caracterização geral do país tanto do ponto de vista da sua localização geográfica, como do ponto de vista socioeconómico. A caracterização geral da agricultura merece um destaque especial neste capítulo.

No terceiro capítulo discute-se a conjuntura e estrutura económica, mercados e preços e o mercado internacional dos produtos básicos seleccionados. A segurança alimentar, consumo e qualidade de vida merecem uma atenção especial no quarto capítulo uma vez que grande parte das famílias rurais cabo-verdianas vivem na pobreza e em permanente situação de insegurança alimentar e no quinto capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para o estudo, as hipóteses de trabalho para análise, estrutura e aplicação dos dados analisados. Por fim nos dois últimos capítulos apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos, bem como algumas conclusões e considerações finais.

CAPÍTULO 2. CABO VERDE: CARACTERIZAÇÃO GERAL

2.1. História

O arquipélago de Cabo Verde foi descoberto, por Diogo Gomes e António de Noli ao serviço da coroa portuguesa em 1460, procedendo-se a sua colonização em 1462. As ilhas de Santiago e Fogo foram as primeiras a serem povoadas, e para incentivar a colonização a corte portuguesa estabeleceu uma carta de privilégio de comércio de escravos, aos moradores de Santiago, na Costa da Guiné, e a partir daí foi criada uma feitoria na Ribeira Grande (Ilha de Santo Antão), ponto de escala para os navios portugueses. Dada a sua posição estratégica Cabo Verde servia de entreposto comercial, particularmente para o tráfego de escravos (Silva, 2005). Por sua vez a aridez do território e a extrema irregularidade climática tornaram-se num obstáculo ao desenvolvimento da agricultura, sendo a criação de gado uma actividade de grande relevo em detrimento da agricultura.

Durante o século XVIII e XIX o arquipélago desempenhou um papel de suma importância, para as navegações que cruzavam o oceano Atlântico, onde por sua vez o tráfico clandestino de escravos durante o século XIX para o continente Americano entre outros países sob a alçada portuguesa contribuíram para o crescimento da economia do país. No final do século XIX com o fim do comércio de escravos ocorre uma crise nas ilhas, concomitantemente o desenvolvimento de algumas culturas, como o milho nas encostas, provoca um efeito devastador na agricultura acarretado por problemas de erosão. A desflorestação com o objectivo implementar novas áreas agrícolas agrava ainda mais o problema ambiental que se vivia na altura, acompanhadas por períodos de seca e fenómeno da erosão eólica promovem a desertificação do território. Por este facto a emigração torna-se no principal recurso para a sobrevivência da população a partir da segunda metade do século XIX.

Em meados do século XX, 1956, o Engenheiro Agrónomo Amílcar Cabral criou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), lutando contra o colonialismo português e iniciando a marcha para a independência. A 19 de Dezembro de 1974 foi assinado um acordo entre o PAIGC e o governo português, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde, governo este que preparou as eleições para Assembleia Nacional Popular e conduziu o processo até à proclamação da independência a 5 de Julho de 1975.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Após 1975, Cabo Verde foi governado em regime de partido único segundo um modelo de inspiração marxista, mais tarde em 1991, na sequência das primeiras eleições pluripartidárias realizadas no país, foi instituída uma democracia parlamentar com todas as instituições de uma democracia moderna. Hoje é um país com estabilidade e paz social, desfrutando de crédito junto de governos, empresas e instituições financeiras internacionais.

2.2. Geografia

O arquipélago de Cabo Verde, com capital sediada na Cidade da Praia (ilha de Santiago) e uma superfície de 4.033 km², situa-se a oeste do continente africano, entre os paralelos 15 e 17 graus de latitude Norte e as longitudes de 22° 41' e 25° 22' Oeste de Greenwich. As ilhas encontram-se Localizadas em pleno Oceano Atlântico, ao largo do Senegal e da Mauritânia, situando-se cerca de 455 km da Costa de África (**Figura 1**). Devido ao facto deste se situar muito próximo do Cabo Verde recebeu o nome de Arquipélago de Cabo Verde. É constituído por 10 ilhas (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava) e 8 ilhéus (Branco, Raso, Grande, Luís Carneiro, Cima e os ilhéus do Rombo ou Secos), dispendo de uma zona marítima exclusiva de mais de 600 000 km².



Figura 1: Mapa de Cabo verde. **Fonte:** Moreno, 2009

As ilhas estão divididas em dois grupos, de acordo com a sua posição geográfica relativamente aos ventos dominantes. O grupo Barlavento, do lado que sopra o vento, (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau e Sal, Boavista e os ilhéus os ilhéus Branco e Raso) e o Sotavento, do lado oposto ao vento, (Brava, Fogo, Santiago, Maio e os ilhéus Grande, Luís Carneiro, Cima e os ilhéus do Rombo ou Secos).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Sendo de origem vulcânica, as ilhas apresentam um relevo acentuado, com picos abruptos, encostas escarpadas, devastadas pela erosão. O ponto mais alto do arquipélago situa-se na ilha do Fogo se onde atinge uma altitude de 2829 metros. Relativamente ao relevo, o arquipélago apresenta duas situações distintas. As ilhas do Sal, Boavista e Maio apresentam um tipo de relevo plano, nas restantes encontramos superfícies bem acidentadas onde podemos observar pontos tão altos como, Pico do Fogo, o Pico de Antónia (o segundo mais alto do país com cerca de 1819 m) situado na ilha Santiago. O terceiro ponto mais alto do país localiza-se na ilha de Santo Antão de nome Topo de Coroa com 1600 metros.

2.3. Caracterização Edafoclimática

2.3.1. Clima

O arquipélago de Cabo Verde é extremamente vulnerável ao flagelo da seca e da desertificação. As condições edafoclimáticas são caracterizadas por secas cíclicas, chuvas torrenciais e irregulares e escassez de coberto vegetal. Estas condições conjugadas com a pequena dimensão do território em geral montanhoso e a alta propensão para a erosão dos solos, definem uma estrutura produtiva de grande fragilidade para o sector agrícolas. Situado numa vasta zona de clima árido e semiárido, que atravessa o continente africano, apresenta um clima tropical seco, árido e semiárido, sofrendo grande influência de três frentes de massas de ar. Uma massa de ar que sopra de NE (húmida e fresca), outra massa de ar continental muito quente e seca que sopra de leste e atinge o país de Outubro a Junho, e uma terceira que provoca as chuvas entre Agosto a Outubro por ser demasiado húmida (sopra de S e SW). Este tipo de circulação atmosférica deu origem a duas estações, a das chuvas (de Agosto a Outubro) e a seca de Dezembro a Junho, sendo os meses de Novembro e Julho considerados meses de transição.

As precipitações são geralmente fracas sobre todo o território, não ultrapassando os 300mm nas zonas situadas a menos de 400m de altitude e 700mm nas zonas situadas a mais de 500m de altitude e expostas aos ventos alísios. Nos últimos anos a precipitação média anual tem vindo a diminuir desde a década de sessenta, com reflexos negativos para as explorações agrícolas, e no abastecimento de água. Cerca de 87% da água pluvial perde-se através de escoamento superficial e evaporação e somente 13% infiltra-se no solo (Moreno, 2009).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

As temperaturas são geralmente moderadas em virtude da influência marítima e por este facto, o ar mantém-se mais fresco, e as amplitudes térmicas anuais e diurnas registam valores baixos quando comparados com latitudes semelhantes dos países vizinhos. Os valores médios anuais são próximos de 22°C, As temperaturas médias mensais são mais elevadas no mês Setembro (26,7°C) e as mais baixas em Janeiro/Fevereiro (18,4°C). A humidade relativa anual do ar varia em média de 75 %, na zona baixa árida, a mais de 80 % nas zonas de maior altitude. Os valores mais baixos são registados durante o mês de Março. As precipitações que ocorrem no arquipélago beneficiam mais as ilhas montanhosas (Fogo, Santiago, Brava, Santo Antão e S. Nicolau) e fazem com que o relevo seja um dos principais factores determinantes do clima (Moreno, 2009).

A quantidade de precipitação que as ilhas recebem anualmente varia de acordo com a topografia. As ilhas montanhosas são mais chuvosas: Fogo (495 mm), Santiago (321 mm), Brava (268 mm) e Santo Antão (237 mm) (Silva, 2009). A actividade agrícola em Cabo Verde está quase toda concentrada nas ilhas montanhosas, cuja topografia resulta numa grande variação espacial de precipitações. As ilhas de topografia plana, situadas à Norte do arquipélago, recebem uma precipitação mínima: Sal (60 mm) e Boa Vista (68 mm). O resto das ilhas apresenta condições intermédias: Maio (150 mm), São Nicolau (142 mm) e São Vicente (93 mm). De acordo com Moreno (2009), os traços do clima acima mencionados determinam o contraste das paisagens e da cobertura vegetal de uma ilha a outra onde a vegetação é caracterizada segundo zonas ecológicas, definidas de acordo com a altitude. Essas características estão na base da identificação das zonas agro-climáticas existentes em Cabo Verde, onde uma vasta região árida cobre uma superfície considerável das ilhas (**Quadro 1**).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 1: Repartição das zonas Agro-ecológicas por ilha.

| Ilhas | Superfície total (km ²) | ZAE I Árida | | ZAE II Semi-árida | | ZAE III Sub-húmida | | ZAE IV Húmida | |
|----------------------|-------------------------------------|-------------------------|-------------|-------------------------|-------------|-------------------------|-------------|-------------------------|------------|
| | | 0 - 200 mm | | 200 - 400 mm | | 400 - 600 mm | | > 600 mm | |
| | | Área (km ²) | % | Área (km ²) | % | Área (km ²) | % | Área (km ²) | % |
| Santo Antão | 779 | 434 | 55,7 | 92 | 11,8 | 195 | 25,0 | 58 | 7,4 |
| São Vicente | 227 | 220 | 96,9 | 6 | 2,6 | 1 | 0,4 | - | - |
| São Nicolau | 345 | 200 | 58,0 | 89 | 25,8 | 48 | 13,9 | 8 | 2,3 |
| Sal | 216 | 216 | 100,0 | - | - | - | - | - | - |
| Boa Vista | 620 | 620 | 100,0 | - | - | - | - | - | - |
| Maio | 269 | 269 | 100,0 | - | - | - | - | - | - |
| Santiago | 991 | 385 | 38,8 | 344 | 34,7 | 245 | 24,7 | 17 | 1,7 |
| Fogo | 476 | 267 | 56,1 | 96 | 20,2 | 80 | 16,8 | 33 | 6,9 |
| Brava | 64 | 41 | 64,1 | 4 | 6,3 | 12 | 18,8 | 7 | 10,9 |
| Santa Luzia e ilheus | 46 | 46 | 100,0 | - | - | - | - | - | - |
| Totais | 4033 | 2698 | 66,9 | 631 | 15,6 | 581 | 14,4 | 123 | 3,0 |

Fonte: Carta de Zonagem Agro-Ecológica e da Vegetação de Cabo Verde. 1987 - 1999.

(A. Castanheira Diniz & G. Cardoso de Matos, 1986-1999) (cit in PEDa, 2004)

2.3.2. Solos

Os solos são derivados de rochas vulcânicas nomeadamente, os basaltos, fotolitos, tufo, escórias, traquitos, andesites e rochas sedimentares, principalmente calcárias. São, na sua grande maioria, esqueléticos e pobres em matéria orgânica. Apenas 10% da superfície total é considerada, potencialmente arável; destas, 95% vêm sendo ocupadas pela agricultura de sequeiro e os restantes 5% pela agricultura de regadio (Moreno, 2009). Essas terras estão, na sua maior proporção, localizadas em zonas semiáridas e áridas, onde a pressão dos factores climáticos adversos se manifesta com maior intensidade, dificultando assim o estabelecimento do coberto vegetal e a actividade agrícola.

A ocupação dos solos não tem sido feita de acordo com a sua real vocação devido ao deficiente ordenamento do território. A superfície arável está concentrada essencialmente nas principais ilhas agrícolas (Santiago, Santo Antão, São Nicolau e Fogo). Do total do solo arável, cerca de 68% possui vocação para culturas de sequeiro, 26% para actividades agro-silvo-pastoril e 6% para culturas irrigáveis nos aluviões das ribeiras ou nas encostas. Na ilha de Santiago estão localizados cerca de 58% dos solos com vocação agrícola, seguida de Santo Antão, Fogo e São Nicolau. Os solos do arquipélago são de uma forma geral pouco evoluídos, superficiais e bastante pedregosos, representando mais de metade da superfície do país.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Estes solos Apresentam em geral uma tendência para a alcalinidade, um baixo teor de matéria orgânica e uma fraca capacidade de retenção de água, sendo contudo ricos em elementos minerais que se encontram bastante erodidos. O recurso “terra” foi desde sempre, a seguir ao recurso água, o factor mais limitante ao desenvolvimento da agricultura em Cabo Verde. Esta enorme pressão sobre a terra agrícola torna-se mais extrema nos anos de precipitação regular a elevada, em que a recarga dos lençóis freáticos e a existência de águas superficiais durante uma boa parte do ano encorajam a prática da agricultura irrigada. A erosão constitui um factor primordial na destruição da capacidade produtiva dos solos, devido à combinação de factores como a intensidade das chuvas, a natureza do relevo, o processo de desflorestamento contínuo e a exploração das terras em culturas sacadas.

A agricultura surge muito ligada a actividade pecuária e devido à falta de recursos forrageiros, principalmente nas zonas áridas e semiáridas e à falta de conhecimento de gestão do efectivo pecuário, as populações têm optado pela criação de caprinos de uma forma livre, provocando um sobre pastoreio que conduz a uma degradação das pastagens e, por conseguinte, à erosão do solo.

2.3.3. Hidrografia

O aumento da população, o desenvolvimento urbano, o crescente aumento das necessidades para irrigação, o turismo e a indústria, aliados à seca dos últimos anos, tem provocado situações de carência, que tendem a agravar-se com o tempo. Não existem cursos de água superficial permanentes no arquipélago. Na ilha da Boa Vista encontra-se localizada a bacia hidrográfica de Rabil com uma superfície de 199,2 km², que por sua vez é a maior do arquipélago. Nas restantes ilhas, as superfícies das bacias são inferiores a 70 km². Na Ilha da Brava nenhuma bacia ultrapassa os 6 km². As altitudes máximas das bacias alcançam valores de 2 600 m na Ilha do Fogo, 800 m na Ilha da Brava, 950 m em Santiago e 1 750 m em Santo Antão (Costa, 2007).

A exploração das águas superficiais é seriamente condicionada pelo seu tipo de escoamento, sendo, deste modo, a água natural utilizada essencialmente de origem subterrânea (Silva, 2009). A captação e armazenamento das águas de escoamento superficial é rara e a água mobilizada desta forma representa uma parcela reduzida do volume global mobilizado. A captação por cortinas de vento poderá vir a ter uma maior importância embora actualmente se encontre apenas em aplicações locais.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Uma abordagem mais interessante para captar água no país surge sob a forma de barragens, como foi o caso da implementada na Ilha de Santiago em Julho de 2006 situada na Bacia Hidrográfica de Ribeira Seca. Esta grande infra-estrutura, financiada pela Cooperação Chinesa, permite o armazenamento de 1,2 milhões m³ de água e a irrigação de 65 novos hectares de terreno, proporcionando emprego a várias famílias, dos concelhos de São Lourenço dos Órgãos e de Santa Cruz que vivem essencialmente da agricultura. Os escassos recursos hídricos existentes têm representado e continuam a representar uma das maiores limitações ao desenvolvimento económico de Cabo Verde. Os défices hídricos têm reduzido, por um lado, as probabilidades de colheitas nas áreas de sequeiro e por outro lado, os rendimentos e as produções.

A alternativa mais viável de produção agrícola tem sido a agricultura de regadio que começa a ficar seriamente comprometida com a redução dos caudais das nascentes, furos e outros pontos de água agravada pelo aumento da procura de água para consumo doméstico como resultado do crescimento populacional. Para isso torna-se imperioso procurar novas formas de mobilização de recursos hídricos e uma gestão sustentável dos mesmos, evitando que os actuais problemas que se levantam nesse domínio possam constituir obstáculo ao desejável desenvolvimento socioeconómico do país.

A disponibilidade de água, um problema persistente, deverá melhorar, especialmente na Cidade da Praia, ilha de Santiago. Em 2010 foi instalado um dessalinizador suplementar de 5.000 m³, que se junta a outros dois, com uma capacidade de 7.400 m³ de água potável por dia. Segundo PEA (2010), o abastecimento de água deverá alcançar a 80 litros por pessoa por dia, ultrapassando o limite mínimo de 50 litros por pessoa definido pela Organização Mundial de Saúde.

2.4. Caracterização Sociocultural e Económica

2.4.1. Demografia

De 1462 até aos primeiros anos do século XIX a população cresceu lentamente, não chegando a ultrapassar os 50 000 habitantes. Cabo Verde chega aos 150 000 habitantes em meados do século XX, crescendo para 341 500 habitantes em 1990 e alcançando os 434 624 em 2000 Furtado (2008). No entanto, o elevado fluxo migratório provocou uma diminuição da taxa de crescimento de 3,1 % para 0,9 % entre os períodos 1960-1970 e 1970-1980. Entre 1990 e 2000 (anos de Censo), a taxa de crescimento aumentou 0,7 % alcançando os 2,15 %. Nos últimos anos têm-se registado um decréscimo da taxa de crescimento alcançando os 1,2% em 2010 (**Quadro 2**).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

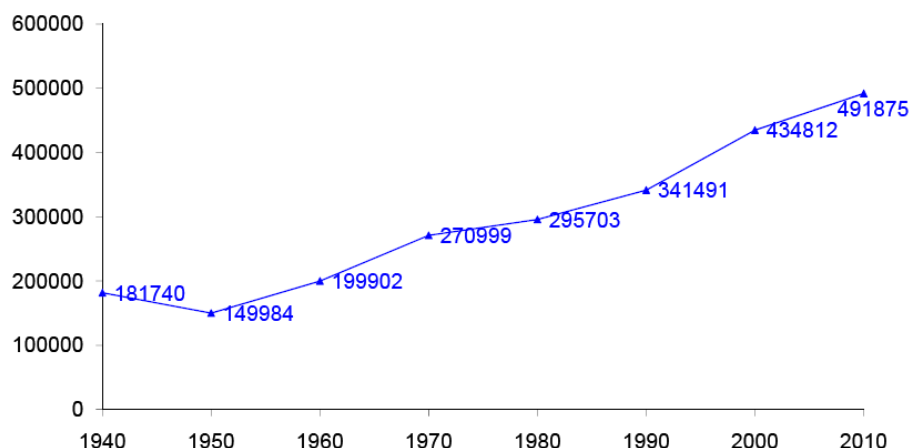


Figura 2: Evolução da população residente no arquipélago desde 1940 a 2010.

Fonte: INE-CV (2011).

Segundo o último censo realizado em 2010 pelo de INE, Cabo Verde, apresenta uma população residente de 491 875 habitantes (**Figura 2**) com 54,4% da população com idade inferior a 25 anos. A população feminina revela um número de efectivo um pouco superior ao da população masculina. Tal deve-se fundamentalmente à sob mortalidade e à predominância da emigração no género masculino, tendência que apenas na década de oitenta foi invertida, em que as mulheres chegaram a representar nesse período, 55 % do total de emigrantes. De acordo com os dados do INE, relativamente ao ano de 2010, verifica-se uma nova tendência na medida em que a percentagem do efectivo feminino (50,5%) é ligeiramente superior ao efectivo masculino (49,5%).

Quadro 2: Evolução da população global e taxas de crescimento (1950-2010).

| Anos | Ambos os géneros | Género Masculino | Género Feminino | Taxas de Crescimento |
|------|------------------|------------------|-----------------|----------------------|
| 1950 | 150000 | 68400 | 81600 | DND |
| 1960 | 199300 | 92300 | 107200 | 2,88 |
| 1970 | 271000 | 129000 | 142000 | 3,12 |
| 1980 | 295700 | 135700 | 160000 | 0,88 |
| 1990 | 341500 | 161500 | 180000 | 1,45 |
| 2000 | 434624 | 210233 | 224391 | 2,15 |
| 2010 | 491875 | 243593 | 248282 | 1,2 |

Fonte: INE-CV, 2011.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Nos últimos 10 anos a população cresceu a um ritmo médio anual de 1,2%, passando o tamanho médio dos agregados familiares para 4,4 pessoas. A Boa Vista é a ilha em que se nota o maior crescimento, de facto houve uma duplicação do número dos seus habitantes, passando de 4.209 para 9.162, um crescimento de 7,8 %. Segue-se a ilha do Sal, com um crescimento de 5,5%.

Actualmente, 62% da população cabo-verdiana reside no meio urbano, contra 38% do meio rural, sendo que Santiago é a ilha onde continua a residir a maioria da população, seguida de São Vicente. Praia é o concelho mais povoado, albergando ligeiramente mais de um quarto da população do país (26,9%). De igual modo, reagrupa 48% da população da ilha de Santiago.

2.4.2. Educação

A educação é uma área vista como a grande alavanca para o desenvolvimento de qualquer país, mormente Cabo Verde, país desprovido de recursos naturais, cujo homem é tido como o principal recurso (Medina, 2011). Se a aposta na quantidade parece ter sido ganha, agora as atenções devem virar-se para a qualidade. É para esse caminho que os governos deverão direccionar os esforços. Outro aspecto frisado por Medina (2011) prende-se com a necessidade de se reforçar a aposta no ensino profissional e técnico. Nota-se que de facto Cabo Verde não tem canalizadores, electricistas; não temos bons secretários e secretárias. Existe um vazio enorme de classe intermédia. “Criou-se a ideia de que só o ensino superior é que serve”.

Nas antigas colónias portuguesas a escola tornou-se o veículo por excelência da consolidação do poder vigente, preparando indivíduos com uma formação moral, religiosa e política, baseada nos padrões europeus. No caso de Cabo Verde as escolas e a difusão da instrução eram na sua grande maioria feitas por sacerdotes (Correia, 2008). O sistema educativo de Cabo Verde tem mostrado uma progressiva melhoria em termos de acesso, com uma generalização do ensino pré-escolar, a universalização do ensino básico e o seu alargamento de 4 para 6 anos, bem como uma gradual expansão do ensino secundário.

A taxa média líquida de matrículas no ensino primário é de cerca de 88% para os rapazes e 89% para as raparigas nas zonas urbanas e nas zonas rurais 90 e 87%, respectivamente. Além disso, a taxa de inscrição é relativamente alta no pré-escolar (60%) e no ensino secundário (82% para os rapazes e 89% para as raparigas nas zonas urbanas e nas zonas rurais 77% e 81%, respectivamente).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

A taxa de alfabetização atingiu 79,6% em 2007, com um pico de 96% entre aqueles com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. E, neste caso, sem grandes diferenças entre os sexos ou a localização geográfica (Costa, 2007).

2.4.3. Saúde

O país enfrenta ainda dificuldades originadas por deficiências na infra-estruturação em saneamento básico, por comportamentos, atitudes e práticas das populações que demonstram carências de informação e educação para a promoção e protecção da saúde. Tais situações são agravadas por um vincado êxodo rural para os centros urbanos. Este quadro tem contribuído para que o país mantenha uma marcante vulnerabilidade relativamente a muitas doenças de origem ambiental e com potencial epidémico, como demonstram as recentes epidemias de cólera, de gastroenterites e de paludismo.

A taxa de mortalidade de crianças menores de cinco anos passou de 56 por mil em 1990, para 25,7 por mil em 2007. Além disso, 73,2% das crianças dos 0 aos 11 meses foram vacinados em 2007 (GEPC, 2010). O acesso à saúde perinatal é quase universal (97,5% de cobertura para as mulheres grávidas), mas o rácio de mortalidade materna está acima da meta estabelecida pelos ODM, que prevê um máximo de 17,3 por mil até 2015, dados do Gabinete de Estudos, Planeamento e Cooperação.

A taxa de prevalência do HIV/SIDA é de 0,8%, o número de testes para o HIV/SIDA aumentou significativamente de 3.069 para 8.159 entre 2003 e 2005. Em 2009, houve 2.329 casos de HIV/SIDA, com 319 novos casos, mas acredita-se que este número represente apenas metade dos casos reais. O paludismo mostra um aumento da incidência em Cabo Verde (13,0 por cem mil habitantes em 2009). Em 2009, 266 novos casos de tuberculose foram notificados, para uma taxa de prevalência de 69,2 por cem mil. A epidemia de sarampo e do dengue, que ocorreu pela primeira vez em 2009, mostram a necessidade de manter os esforços de vigilância (GEPC, 2011).

O Relatório Estatístico Anual do Ministério da Saúde indica, por exemplo, que o índice de fecundidade (filhos/mulher) é de 2,87, sendo que a taxa de natalidade (por cada mil habitantes) era de 25,7 em 2009, contra os 29,2 que se registavam em 2000 (GEPC, 2011). Já a taxa de mortalidade infantil (por mil), também continua a decrescer, 5,7 em 2009 menos que em 2000 em que por cada mil nascidos morriam uma média de 6,8 crianças. As principais causas de mortalidade, em 2009, (taxas por 100.000) foram as doenças do aparelho circulatório, os tumores e afecções respiratórias. Isto demonstra uma mudança para doenças derivadas de uma vida mais sedentária.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

O VIH continua presente, embora a taxa de prevalência seja reduzida. Segundo dados do Serviço de Vigilância Epidemiológica, em 2009 foram notificados 319 casos de Sida em Cabo Verde, sendo 195 mulheres e 123 homens, de diferentes faixas etárias dados da GEPC.

Apesar de todos os esforços e os progressos registados são ainda importantes os problemas de saúde cujas causas residem em factores não ligados directamente aos cuidados de saúde. Destes, destacam-se principalmente, os baixos níveis de abastecimento de água potável e de saneamento básico, o analfabetismo e a falta ou precários hábitos e práticas de higiene pessoal e alimentar de uma franja significativa da população.

2.4.4. Pobreza

A pobreza assume um aspecto preocupante e constitui um factor condicionante do desenvolvimento. Este flagelo é sobretudo de natureza estrutural devido à fragilidade do tecido produtivo, às deficiências no sistema educativo, às características próprias da economia e à desigual distribuição de recursos e rendimentos. A estrutura produtiva não consegue gerar empregos para absorver a força laboral disponível, bastante limitada em termos de formação profissional (Correia, 2009).

O principal problema da sociedade cabo-verdiana, de facto é a pobreza visto que o país carece de recursos naturais e a escassez de chuva provoca secas prolongadas que se reflectem significativamente nas condições de vida da população, para além do problema de desemprego, principalmente na camada juvenil, analfabetismo entre as populações adultas e o baixo nível de escolaridade.

De acordo com Silva (2009) a pobreza atinge, de forma especial, determinados grupos da população, cuja caracterização ajuda melhor a traçar o perfil da pobreza e atingir os grupos alvo: São eles: os grupos vulneráveis, as mulheres, os trabalhadores das FAIMO (Frente de Alta Intensidade de Mão de Obra) e os desempregados. O acesso inexistente aos recursos nomeadamente, à terra e à água, a total dependência dos rendimentos agrícolas, estes decrescentes ou inexistentes, uma instrução deficiente, aliada à falta de qualificação profissional, a situação de mãe solteira e chefe de família, são factores que melhor explicam o flagelo da pobreza em Cabo Verde.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

A pobreza está distribuída numa forma díspar, sendo que é mais forte no meio rural quer em incidência, onde praticamente metade da população é considerada pobre, quer na contribuição para a formação da pobreza nacional, sendo que perto de 70% dos pobres vivem no espaço rural. As dificuldades da agricultura e a falta de alternativas de rendimento no meio rural explicam a situação que motiva a saída de pessoas do campo para as cidades, o que poderá transferir ocasionalmente os pobres para as cidades. De acordo com Silva (2009), São considerados pobres os indivíduos que têm uma despesa anual de 43 250 ECV (393 Euros) e muito pobre com um nível de despesa anual igual ou inferior a 28 833 ECV. Segundo os resultados do Inquérito às Despesas e Receitas Famílias (IDRF, 2001/02) citado por (Silva, 2009) cerca de 37% da população Cabo-Verdiana é pobre e destes 20% vivem abaixo do limiar da pobreza, concentrando-se cerca de 60% dos pobres no meio rural.

Cabo Verde é um dos países de África que poderá alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Quatro dos oito ODM objectivos (o 2.º, o 3.º, o 4.º e o 5.º) foram já alcançados em Setembro de 2010. O índice de desenvolvimento humano (IDH), calculado pelo PNUD era de 0,523 em 2000 e 0,566 em 2010, aumentou para 0,568 em 2011 permitindo ao país ocupar a 133.ª posição numa lista de 187 países (PNUD, 2010) com uma esperança média de vida de 74,2 anos. A meta que consiste em reduzir para metade a proporção de pobres entre 1990 e 2015 está prestes a ser atingida.

A taxa de pobreza passou de 49% em 1990, para 26,6% em 2007 e em 2009, o montante destinado à luta contra a pobreza representou 3,84% do orçamento. O regime não contributivo da segurança social, que afectou 23 mil pessoas de rendimento baixo em 2009 (36% da população), foi alargado aos trabalhadores domésticos e do sector informal. As contribuições/apoios também foram revistas em alta. Um programa de acesso à habitação social denominado "Casa para Todos" está em curso, e o governo prevê reduzir em 20% no final de 2011 o défice habitacional, estimado em 2008 em 80.400 unidades. Por outro lado, a introdução de um salário mínimo nacional actualmente em negociação, irá proporcionar uma rede de segurança suplementar. E a médio prazo, o emprego deve beneficiar da expansão da actividade turística para o interior das ilhas, do desenvolvimento do artesanato e da promoção dos produtos agro-pecuários locais.

2.4.5. Desemprego

Segundo dados do INE - CV (2011), a taxa de desemprego a nível nacional é de 10,7 %, para a população com idade compreendida entre 15 e 24, a taxa é de 18,3 % para os homens e 25,5 % para as mulheres. O desemprego é mais elevado em meio urbano, 11,8 %, do que em meio rural, 8,4%. Na Ilha de Santiago encontra-se o maior contraste nas taxas de desemprego do país, com a cidade da Praia, e o concelho de Santa Cruz a apresentarem a maior taxa a nível nacional, 11,3 %, e 10,9% respectivamente. Em contrapartida, todos os restantes concelhos do interior da ilha apresentam taxas de desemprego inferiores à média nacional (INE, 2010). Dos concelhos urbanos, São Vicente é aquele que apresenta a maior taxa de desemprego (14,8 %), seguido da cidade da praia (11,3 %). O Sal apresenta uma taxa de 10,8 %. Na Boavista o desemprego está muito próximo da taxa de desemprego natural, com apenas 5,7 %, menos de um terço da média nacional, dados do INE.

Segundo Costa (2007) as principais causas de desemprego advêm sobretudo da desarticulação existente entre o sistema de ensino e o ingresso no mercado de trabalho; das débeis estruturas do sector privado, onde 95 % das empresas são de pequena dimensão sem grande flexibilidade em termos de recrutamento; dos sectores tradicionais geradores de emprego, como a agricultura e pesca, caracterizados pela baixa produtividade e atrasos em termos de utilização de tecnologias.

2.4.6. Migração

A procura de melhores condições de vida foi de tal forma que a população cabo-verdiana emigrada de primeira geração deverá rondar actualmente os quinhentos mil indivíduos, número sensivelmente equivalente à população residente (Costa, 2007). Considerando os indivíduos nascidos nos destinos de emigração este número aproxima-se das oitocentas mil pessoas. Desta forma, sucederam-se no tempo diversos fluxos migratórios importantes rumo às “Américas” (Estados Unidos de América), África (Senegal, São Tomé e Príncipe e Angola) e ainda para a Europa (Borges, 2001). Os números oficiais da emigração durante o século passado são bem esclarecedores desta diáspora.

Assim, nas primeiras décadas do século XX emigraram 27 765 indivíduos (18 629 para os EUA); de 1927-1945: 10 120; 1946-1952: 6 804; 1953-1973: 135 289. O fluxo emigratório continuou muito elevado até aos nossos dias. Em 1987, os principais destinos foram os seguintes: EUA (39,7 %), Portugal (22,3 %), Holanda (8 %), Angola (5,5 %) e França (4,3 %).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Calcula-se que nos dias que correm existam comunidades cabo-verdianas espalhadas por 40 países. A nível nacional, as migrações têm de um papel muito relevante no comportamento demográfico e, conseqüentemente, na determinação das tendências de evolução demográfica. Nos anos noventa viveu-se um aumento significativo da população que se deveu essencialmente ao desenvolvimento económico e social de alguns centros urbanos, nomeadamente, Praia, S. Vicente e Sal. Segundo Furtado, (2008) o fluxo migratório, de carácter cada vez mais intenso, tem reflexos negativos sobre a desordenada expansão urbana e na satisfação das condições básicas de vida, nomeadamente a habitação, o fornecimento de água e de energia e, principalmente, saneamento do meio. De acordo com os estudos da PEA - Perspectivas económicas para África, (2010) as remessas de emigrantes interromperam o ciclo de queda que vinham observando desde 2008, atingindo um crescimento de 1,1% em 2010.

A evolução das remessas foi determinada pelo crescimento de 9,5% dos fluxos provenientes dos EUA e pela estabilização dos fluxos procedentes da Zona Euro. Entre os países da Zona Euro, de notar que as remessas provenientes de Portugal e França mantiveram um perfil ascendente ao longo do ano, crescendo em termos médios 3,4% e 5,5%, respectivamente. De realçar ainda, que a forte aceleração das remessas dos EUA foi parcialmente determinada pela apreciação do dólar americano em 4,9%, em termos médios.

No que diz respeito a população imigrante em Cabo Verde houve um aumento exponencial em cerca de 20% em 2009, tendo-se registado também um crescimento da emigração cabo-verdiana qualificada. Dados referentes aos últimos dez anos indicam que se registou um aumento exponencial da emigração proveniente da África Ocidental e Central, mas a maioria dos imigrantes são provenientes da Guiné-Bissau.

Segundo o coordenador do programa da Organização Internacional das Migrações (OIM), a emigração cabo-verdiana aumentou em termos qualitativos, isto é, quadros nacionais que emigram à procura de melhores condições de vida. Cabo Verde em pouco mais de uma década, passou de país de emigração para uma situação de país de trânsito de imigração. De acordo com os dados do INE (2010), a população estrangeira em Cabo Verde está distribuída da seguinte forma: África 71,7%, América 7,7%, Ásia 3.5% e Europa 17%.

2.4.7. Economia

A economia em Cabo Verde possui um carácter dual, com um sector agrícola bastante representativo ao nível de emprego mas com baixa produtividade, apresentando-se pouco integrado no resto da economia. Uma economia de subsistência é a base de sobrevivência para um número muito significativo de famílias que vivem dependentes das transferências quer do Estado (através das FAIMO – Frentes de Alta Intensidade de Mão de Obra) quer das remessas de emigrantes.

Observa-se uma grande disparidade entre as ilhas que constituem o arquipélago, no que se refere à distribuição da população activa, taxa de desemprego, e da mão-de-obra, o que reflecte bem a repartição desigual do crescimento entre os vários sectores económicos e as diferenças de especialização sectorial entre ilhas. Assim, verifica-se que nas ilhas do Fogo, Santo Antão, Maio e S. Nicolau o sector primário assume uma particular importância quando comparado com os outros sectores de actividade.

Por outro lado, o peso do sector secundário e terciário nas ilhas do Sal e S. Vicente evidencia-se superior à média do país, como resultado de um sector turístico mais dinâmico, da indústria e do sector de construção. Durante as últimas duas décadas tem-se assistido as mais variadas alterações quanto ao peso dos diversos sectores na economia de Cabo Verde.

O sector primário apresentou uma quase estagnação em termos reais com uma diminuição da sua importância no Produto Interno Bruto (7,2 %) em 2007 (BCV, 2011). O sector secundário é dominado pelo sector de construção. A indústria transformadora, estabelecida nas ilhas de São Vicente (Mindelo) e Santiago (Praia), embora ainda com expressão reduzida, tem alcançado um crescimento importante no último decénio representando actualmente 8 % do total do sector.

O sector terciário foi o que apresentou um crescimento mais significativo durante o último vinténio. Em 2002, este sector contribui com mais de três quartos (75,3 %) para o Produto Interno Bruto do país. Esta predominância crescente do sector terciário deve-se essencialmente ao forte crescimento do turismo, bem como dos sectores dos transportes, bancário e segurador. Importa ainda referir com relação ao comércio interno, verifica-se uma abundância de pequenos comerciantes (*rabidantes*) nas zonas não urbanas, lojas polivalentes nas zonas rurais e nas grandes zonas urbanas existem minimercados e centros comerciais a funcionar de forma moderna, criando uma competição de preços altamente favorável ao consumidor.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Destaca-se ainda o papel dos comerciantes chineses, entre outras etnias que proporcionam um aumento do poder de compra aos consumidores devido aos reduzidos preços que praticam.

A economia de Cabo Verde mostrou sinais de recuperação, face ao impacto negativo da crise financeira global que se iniciou em 2008 com o PIB real a crescer 5,3%, contra 3,6% em 2009, após um pico de 10,8% em 2006³. No entanto, em 2010, o investimento directo estrangeiro e os financiamentos associados à construção continuaram a diminuir. As perspectivas para 2012 permanecem incertas com o investimento, em grande parte oriundo da União Europeia, a crescer lentamente. As remessas dos emigrantes permaneceram praticamente constantes em 2010, após um ligeiro decréscimo de 2,2% verificado em 2009 (**Quadro 3**).

Quadro:3 Evolução dos Indicadores económicos de referência para o crescimento do produto e rendimento disponível.

| | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| PIB (milhões de US\$) | 550,20 | 616,21 | 797,31 | 924,64 | 999,33 | 1107,88 | 1331,22 | 1550,55 | 1586,93 | 1648,09 |
| PIB per capita (US\$) | 1236 | 1361 | 1733 | 1981 | 2113 | 2316 | 2756 | 3181 | 3228 | 3323 |
| Remessas (Milhões de ECV) | 8851,8 | 8010,0 | 7928,5 | 8450,8 | 11002,0 | 10827,6 | 10159,0 | 10424,3 | 10194,8 | 10333,4 |
| Balança Comercial (Milhões de ECV) | -23957,7 | -27693,0 | -30065,0 | -33656,3 | -30960,0 | -40693,6 | -53243,1 | -57232,7 | -53732,0 | -56550,8 |
| Exportações (Milhões de ECV) | 4576,8 | 4909,3 | 5150,0 | 5092,6 | 7891,4 | 8429,2 | 6544,7 | 8640,2 | 7368,4 | 11249,0 |
| Importações (Milhões de ECV) | -28534,5 | -32602,3 | -35215,0 | -38748,9 | -38851,4 | -49122,8 | -59787,8 | -65872,9 | -61100,4 | -67799,8 |
| Inflação (%) | 3,7 | 1,9 | 1,2 | -1,9 | 0,4 | 5,4 | 4,4 | 6,8 | 1,0 | 2,1 |
| Taxa de câmbio ECV/US\$ | 123,2 | 93,5 | 84,3 | 82,1 | 80,4 | 75,5 | 68,2 | 73,2 | 84,9 | 94,2 |
| Taxa de câmbio ECV/Euro | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 | 110,3 |

Fonte: INE-CV (cit in BCV, 2011).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

O ano de 2010 também foi marcado por uma nova vaga de pressões inflacionistas nos mercados das matérias-primas energéticas e não energéticas (BCV, 2011). A aceleração dos preços das matérias-primas ficou a dever-se à retoma da procura, principalmente de países emergentes e em desenvolvimento, num contexto de limitação da oferta, relacionada grandemente com fenómenos não antecipados (adversidades meteorológicas, desastres naturais e acidentes,...). O índice de preços dos alimentos compilado pela FAO cresceu 28%, em 2010, em termos médios (-39,4% em 2009 e +36,4% em 2008), enquanto o preço do petróleo aumentou 27,8%.

A nível nacional, em linha com a melhoria do enquadramento internacional, a economia Cabo-verdiana evoluiu favoravelmente em 2010 (**Figura 3**). A recuperação da economia de Cabo Verde reflecte, em larga medida, a implementação de um conjunto de medidas de política macroeconómica, visando minimizar os efeitos da transmissão da crise mundial à economia de Cabo Verde.

Nomeadamente medidas de política monetária visando a estabilidade dos influxos dos capitais externos, e medidas de política orçamental orientadas para dinamização da procura interna (redução das taxas de impostos em 2009) e promoção da competitividade da economia a médio prazo (através da execução de um ambicioso programa plurianual de investimentos públicos).

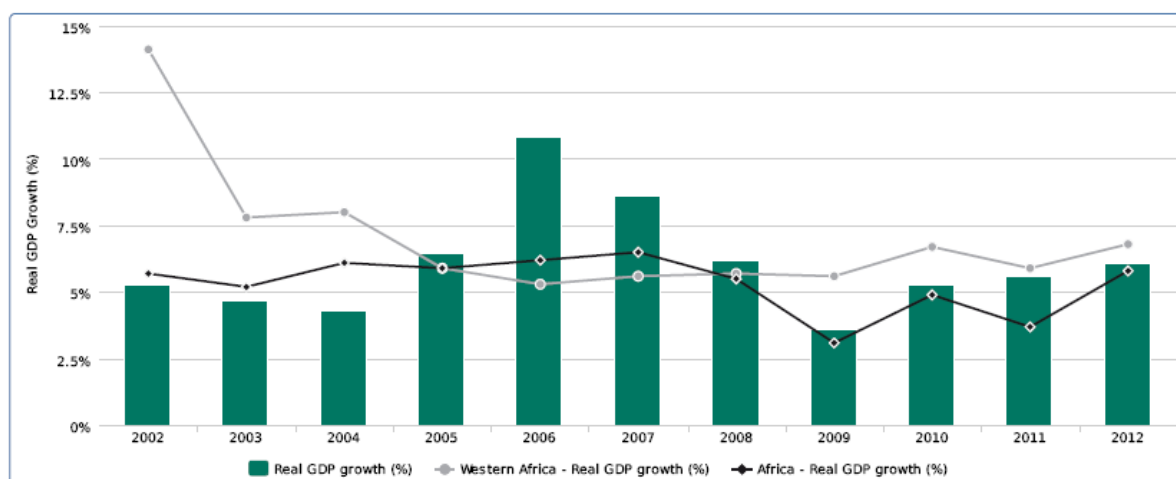


Figura 3: Crescimento real do PIB, em Cabo Verde nos últimos anos e projecções futuras.

Fonte: www.africaneconomicoutlook.org.

Do lado da oferta, para o aumento da produção nacional contribuíram, sobretudo, os sectores de construção e dos serviços. No sector dos serviços, destaca-se a performance do turismo e dos transportes aéreos.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

De acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas, a procura turística aumentou 17%. Em consequência, as receitas brutas de turismo aumentaram, embora a um ritmo menos acelerado (6,3%), reflectindo os ajustamentos de preços na oferta hoteleira. O sector turístico em Cabo Verde apresentou um desempenho positivo em 2010, em linha com a evolução do turismo mundial e da procura externa. As receitas brutas do turismo cresceram 6,3%, após uma variação negativa de 16,2%, enquanto a procura turística, medida através do número total de dormidas de turistas não residentes cresceu cerca de 17% para 2,2 milhões. A procura turística acelerou principalmente no segundo semestre do ano.

Acompanhando o aumento da procura turística, as exportações de serviços de transportes aéreos aumentaram cerca de 33%. Por seu turno, o desempenho do sector de construção está intrinsecamente ligado à execução dos projectos públicos, no âmbito do programa plurianual de investimentos públicos (BCV, 2011).

A nível dos preços, a inflação atingiu os 2,1%, aumentando 0,9 pontos percentuais relativamente a 2009, mantendo-se, contudo, em linha com as expectativas de evolução dos preços na Zona Euro. A evolução do índice de preços no consumidor em 2010 reflecte, essencialmente, a inflação importada. O crescimento estimado para a Zona Euro, o maior parceiro comercial do país, foi o mais baixo do grupo dos países desenvolvidos (1,7%), de acordo com o FMI. O produto interno bruto dos EUA cresceu, em 2010, 2,8%, não obstante a desaceleração do 2º trimestre. O Japão cresceu 4,3%, recuperando de uma contracção de 6,3%. O crescimento real do produto interno bruto dos mercados emergentes e países em desenvolvimento foi de 7,3% (2,9% em 2009). A aceleração da actividade económica na China (10,3%), na Índia (9,7%) e no Brasil (7,5%) determinou a performance do grupo dos países emergentes e em desenvolvimento³. A África Subsariana, embora muito afectada pela expressiva queda do comércio externo em 2009, cresceu 5% em termos reais.

A estabilidade política da região e o recurso a buffers, constituídos graças à considerável melhoria da gestão macroeconómica nos anos pré-crise, mitigaram substancialmente os efeitos da crise económica mundial na África Subsariana e possibilitaram uma recuperação rápida da actividade económica em termos agregados, para os níveis pré-crise. Não obstante considerável, a recuperação da economia mundial não foi suficiente para gerar ganhos substanciais no mercado de trabalho, especialmente nas economias avançadas. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o número de desempregados a nível global permaneceu nos 205 milhões, uma diferença de mais 27,6 milhões relativamente a 2007.

2.4.7.1. Balança Comercial

Como pequena economia insular, de poucos recursos naturais e fraca produção agrícola e industrial para exportação, recorre sistematicamente e de forma crescente às importações como via de assegurar a satisfação das necessidades internas. A taxa de cobertura das importações pelas exportações em 2006 rondou os 3,8 %. Relativamente ao destino, ressalta a posição de Portugal que absorve quase a totalidade das exportações enquanto ao nível de importações a União Europeia apresenta-se como o principal fornecedor.

É de salientar que as ajudas alimentares têm um peso importante na cobertura das necessidades alimentares da população cabo-verdiana. Durante o ano 2000, as ajudas alimentares permitiram suprir cerca de 49,7 % das necessidades de consumo de cereais (milho 30,4 %, arroz 64,2 %, trigo 90,5 %).

Em termos da cobertura das necessidades dos produtos alimentares de base, as ajudas contribuem com 27 %. A ajuda alimentar desempenha um papel crucial, pois parte dessa ajuda é comercializada e outra parte é distribuída gratuitamente a grupos específicos.

Torna-se, no entanto, necessário ponderar cuidadosamente o tipo de ajuda para que os efeitos benéficos excedam os nefastos. Quando a pretensão é de superar carências absolutas de alimentos, apesar de dificuldades como imperfeições na sua distribuição interna, as ajudas têm normalmente efeitos positivos. Por vezes estas estão associados a projectos de desenvolvimento e os efeitos positivos podem verificar-se a longo prazo, ou então assumem a forma de “operações triangulares” normalmente vantajosas, embora nem sempre de forma planeada ou coordenada com o desenvolvimento.

2.4.7.2. Exportações

A insipiência dos montantes globais de mercadorias, aliado à irregularidade e elevado custo de transportes, à insuficiência da infra-estrutura económica e à inexistência de uma classe empresarial nacional vocacionada para a exportação determina a escassez de exportações. Os principais produtos para exportação estão, tradicionalmente, relacionados com o sector têxtil e calçado embora nos últimos anos o sector das pescas tenha vindo a ganhar preponderância, atingindo em 2006 o lugar cimeiro nos produtos exportados. Num contexto de recuperação do comércio internacional e da acentuada redução registada em 2009, a exportação de bens e serviços cresceram 14% em termos reais, em 2010, após uma queda de 11,8%.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

A análise detalhada das exportações aponta para uma evolução globalmente favorável dos diferentes mercados, verificando-se uma forte aceleração quer de bens, quer dos serviços de turismo e de transportes aéreos. No que respeita à exportação de bens, observou-se uma significativa aceleração em termos nominais das reexportações de combustíveis e víveres, nos portos e aeroportos internacionais do país, e de pescado em 68,8% e 52,7%, respectivamente (-29,4% e 30,5% em 2009). Por mercados geográficos, as exportações de mercadorias, excluindo as reexportações de combustíveis e víveres, continuaram direccionadas essencialmente para os mercados da Zona Euro, concentrando-se particularmente em Espanha e Portugal (95%). A Espanha aumentou a sua quota de mercado em 2010, passando a absorver 72,6% do total de exportações (61,8% em 2009), enquanto Portugal diminuiu o seu peso no total das exportações (22,7%, que compara aos 33,5% de 2009).

2.4.7.3. Importações

As importações de bens e serviços registaram um crescimento real de 4,1% em termos reais, em 2010 (-12,6% em 2009). Esta evolução reflecte o comportamento das componentes da procura global com forte conteúdo importado, em especial os investimentos. Em termos agregados, as importações de bens intermédios, de capital e combustíveis, contribuíram em 68,8% para o crescimento das importações, enquanto as importações de bens de consumo em 24,1%.

A evolução das importações deve-se, na sua maior parte, ao aumento das importações de bens (11%), reflectindo em larga medida a execução do programa de investimento público, numa conjuntura em que os investimentos privados continuam com perfil descendente. Da análise das importações de mercadorias por mercados de origem verifica-se que Portugal, Países Baixos e Espanha continuaram a ser os principais parceiros de Cabo Verde. No seu conjunto, as importações destes países continuam a representar mais de 50% do valor total importado, sendo de destacar Portugal, com um peso de cerca de 51%.

2.4.7.4. Contexto Social e Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Tão importante como o desempenho macro económico é a visão “macro” social, ou seja, o quadro geral da evolução da população em termos culturais e educacionais que tem ajudado a reforçar a mudança para um patamar mais desenvolvido. Neste sentido, é conveniente dizer-se que o perfil populacional dos residentes em Cabo Verde deixa perspectivar um bom desempenho a nível de desenvolvimento geral do país no futuro.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Enquanto não se sentir limitações de espaço, a quantidade de recursos humanos (não esquecendo a qualidade) é vista como um factor importante no próprio processo de crescimento (e desenvolvimento) económico.

Os trabalhos de Carvalho (1982 e 2004), partindo do trabalho de Hayami e Ruttan (1971) debruçam-se sobre um modelo geral de desenvolvimento agrícola (denominado por Modelo de Inovação-Mudança Induzida (IMI), que explica “processos de mudança económica, essencialmente do desenvolvimento económico, mais especificamente do desenvolvimento da agricultura” (Carvalho, 2004). Fala-se inevitavelmente de mudanças tecnológicas no sector agrícola, em função da satisfação das necessidades básicas do Homem, da melhoria da segurança alimentar e qualidade de vida das populações (**Figura 4**).

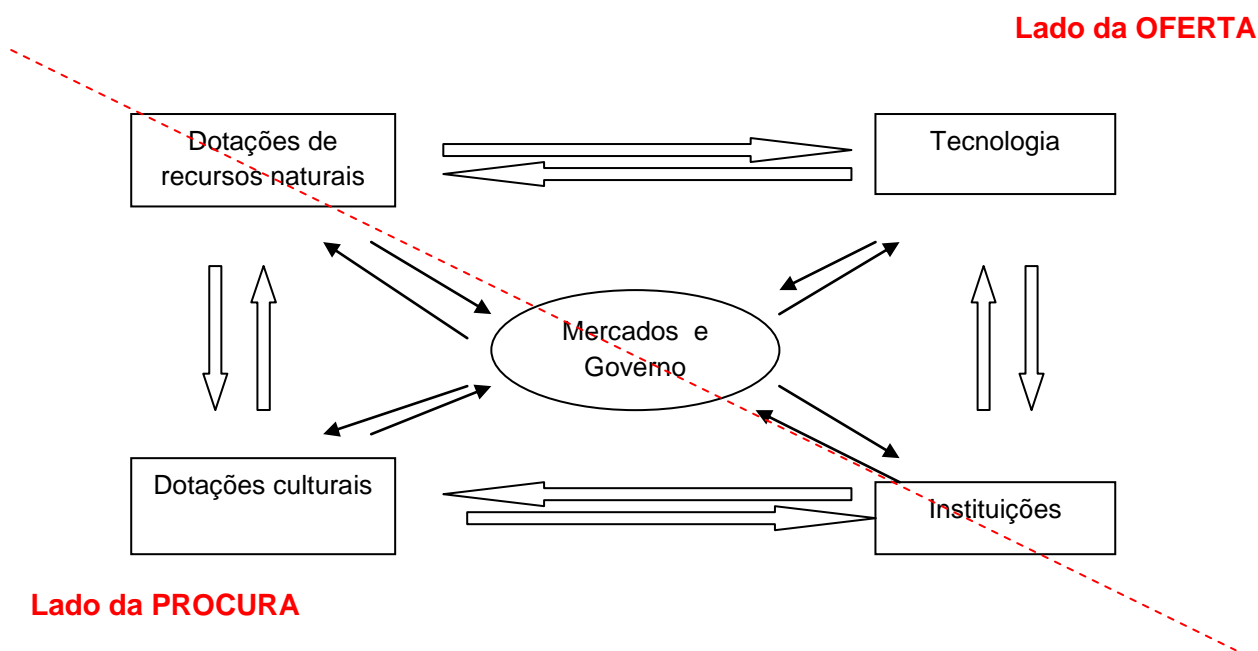


Figura 4: Esquema do modelo de Inovação Induzida. **Fonte:** Carvalho, 2004.

O contributo dos recursos humanos é reforçado, no Modelo referido, em praticamente todas as dimensões ou interfases que constituem a estrutura do Modelo, explicando que o processo indutivo de mudança social, económica e tecnológica pode ser feito pelo lado do comportamento da procura e dos consumidores (que depende das dotações culturais), dos mercados, para além das instituições, do lado da oferta com as tecnologias de produção, somadas ao factor “recursos naturais” (Carvalho, 2004).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

A intervenção do Governo afecta todo o conjunto, sendo especialmente importante no estabelecimento de normas e regulamentos, em particular na ausência de mercados.

Os modelos de desenvolvimento económico normalmente utilizados como referência em medidas de política, tinham até finais do século passado, uma clara clivagem no que diz respeito à forma como se olhava para a intervenção do Estado na Economia. De um lado a perspectiva liberal, com uma visão de Estado minimalista, em que a liberdade individual e de empreender era a solução para todos os problemas e, de outro lado, a perspectiva da necessidade de um Estado Central controlador de toda a actividade económica como garantia duma evolução justa e colectivamente satisfatória. A questão da intervenção do Estado na actividade económica e na sociedade de forma geral não é, de forma nenhuma, pacífica, sendo até hoje o cerne de discussões académicas e políticas na definição dos melhores caminhos de desenvolvimento sustentável de cada país.

Contudo, é relativamente consensual a sua presença no que diz respeito ao estabelecimento do quadro normativo e legislativo e ainda como entidade com responsabilidade dominante na administração da lei e respectiva aplicação (fiscalização) em prol da defesa do interesse colectivo, e neste sentido ainda a colecta e administração de recursos colectivos, para a prestação de serviços públicos. Como é o caso de muitas das infra-estruturas e de outros bens e serviços necessários a qualquer comunidade, em que por diversas razões, o mercado não pode funcionar eficazmente. Neste âmbito tem existido uma enorme criatividade de situações nos últimos anos, face normalmente à incapacidade do estado cumprir com as suas funções e demandas sociais, que podemos caracterizar pelo estabelecimento de parcerias e regimes “regulados” em que o sector privado entra nestes domínios (é aqui que surgem as principais iniciativas no sentido da criação das Agências de Regulação).

O caso de Cabo Verde sempre representou um bom exemplo de esforço mais ou menos bem conseguido de tentativas para “trilhar” um caminho próprio, que evidentemente se clarificou e tornou mais fácil com a queda do Muro de Berlim e o colapso dos sistemas de economia central. Ao verificar-se, pragmaticamente, que os sistemas económicos mais bem-sucedidos confiavam no sistema de mercado como base do seu processo evolutivo, caminhou-se para um momento em que o “mercado” aparece como a referência principal para uma sociedade livre e democrática.

2.4.8. Agricultura, Pecuária, Silvicultura e Pescas

2.4.8.1. Agricultura

O sector agrícola emprega uma camada muito vasta da população activa, assumindo uma importância de enorme relevo no desenvolvimento socioeconómico do país. Em 2010 a contribuição deste sector para o produto interno bruto foi cerca de 8,9%, juntamente com pesca e silvicultura perfazem um total de 17%. Em 2009 cerca de 7% do orçamento de estado foi utilizado em programas de modernização com o objectivo de aumentar a disponibilidade e a qualidade dos produtos agro-pecuários. Os avanços são notórios para a crescimento da oferta, com a construção de barragens e linhas de crédito para investimento em sistemas de irrigação gota a gota. O desafio persiste, no entanto, do lado da procura e na gestão da cadeia de valor. O processo de transformação e certificação dos produtos encontram-se numa fase ainda muito incipiente, apesar de um começo tímido no âmbito dos fundos com vista a atingir os desafios do Milénio.

A agricultura em cabo verde, em grande parte, consiste numa actividade de subsistência com uma base rural muito rudimentar, assente em pequenas unidades familiares pouco organizadas, aliados à fraca disponibilidade de solo arável, provocando pressões extremamente elevadas na utilização da terra no meio rural. Tanto a agricultura de sequeiro como a de regadio dependem sobretudo do regime pluviométrico, sendo esta predominantemente escassa e irregular. Consequentemente, a produção oscila anualmente consoante a distribuição pluviométrica.

As explorações agrícolas são de pequena dimensão média, variando de 2,45 hectares nas zonas de sequeiro e 0,28 hectare em regadio (Silva, 2005). A agricultura de sequeiro ocupa mais de 70 % das explorações agrícolas sendo a área ocupada por regadio variável de ano para ano com potencial estimado na ordem dos 2 600 hectares (Silva, 2005). A cultura de sequeiro mais importante é o do milho semeado em consociação com o feijão (**Figura 5**). Os rendimentos médios variam grandemente não ultrapassando, em norma, os 600 kg/ha nas zonas áridas e os 1 200 a 1 600 kg/ha nas zonas húmidas (Ferrão *et al.*, 1989) (**Quadro 4**). A maioria das terras irrigadas continuam a ser utilizadas para a produção de cana do açúcar, matéria-prima para o fabrico do mel e aguardente local (grogue).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 4: Rendimento médio por hectare dos principais cultivos.

| Culturas | Sequeiro | Culturas | Regadio |
|----------------------------|-----------------|-----------------|----------------|
| Milho | 580kg | Banana | 30 (ton) |
| Feijões | 380kg | C.Sacarina | 13 (ton) |
| Tubérculos e raízes | 8000kg | B. comum | 15 (ton) |
| | | Batata-doce | 12 (ton) |
| | | Cebola | 20 (ton) |
| | | Mandioca | 15 (ton) |

Fonte: Murteira & Abreu 1990.

A introdução de novas tecnologias (sementes melhoradas, sistemas de rega eficientes, fertilizações e tratamentos fitossanitários adequados), conjuntamente com uma política de apoio ao sector hortícola tem permitido um aumento considerável nos rendimentos bem como uma melhoria nítida na qualidade dos produtos garantindo desde modo a sua disponibilidade ao longo do ano.

O milho terá sido introduzido em Cabo Verde no início do séc. XVI vindo Brasil e desde logo tomou o lugar de todos os outros cereais que na altura aí se praticavam ou ensaiavam e principalmente dos cereais de proveniência europeia (Silva, 2005). A colheita do milho faz-se normalmente nos meses de Novembro ou Dezembro, sendo que o mês de Outubro desempenha um papel fulcral pois as chuvas deste mês são decisivas para a formação da espiga. Normalmente é realizada num período que oscila entre 90 a 110 dias dependendo do ciclo vegetativo da planta e dos factores inerentes a produção. Colhem-se as maçarocas e o colmo é deixado no terreno para servir de suporte à cultura do feijão. Nas regiões mais altas ou demasiado ventosas o milho é cultivado em consociação com à batata-doce.

Os factores mais importantes na escolha da variedade são nomeadamente, a coloração (amarela dominante do milho do fogo e amarela do milho de santiago) e o tipo de grão, sendo que o tipo cristalino (“flint”) de endosperma duro são preferíveis devido a suas características apropriadas para a confecção do prato local, a Cachupa.¹ Nos regadios ou zonas húmidas, o milho aparece associado a quase todas as outras culturas. Porém, em qualquer das situações, a consociação mais comum é a do milho com os diversos tipos de feijões.

¹ Cachupa – prato tradicional de Cabo Verde à base do milho local (“milho di terá”), feijão, carne e legumes.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Já em 1965 houve uma alertava para as dificuldades ou impossibilidades de Cabo Verde alcançar a sua auto-suficiência alimentar, de facto esta visão tem vindo a ser comprovado ao longo dos anos e actualmente constitui um facto incontestável.

Quadro 5: Evolução das áreas cultivadas de milho 2002 a 2009 (hectare).

| Ilha/Concelho | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | Variação 2009/2008 (%) |
|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------------------------------|
| Fogo | 6008 | 6650 | 6069 | 6177 | 4801 | 6831 | 6319 | 6319 | 0 |
| S. Nicolau | 906 | 980 | 651 | 579 | 784 | 1263 | 1113 | 1113 | 0 |
| S. Antão | 4843 | 4100 | 4257 | 2534 | 4254 | 6134 | 3693 | 3693 | 0 |
| Santiago | 20561 | 19300 | 21000 | 19809 | 18339 | 20359 | 19483 | 19483 | 0 |
| Brava | 1261 | 840 | 971 | 954 | 737 | 1129 | 1113 | 1070 | -3,9 |
| Maio | DND | DND | DND | DND | 347 | DND | 307 | 307 | 0 |
| Total | 33579 | 31870 | 32948 | 30053 | 29263 | 35716 | 32028 | 31985 | -0,1 |

Fonte: MAP-GEP Divisão estatísticas sectoriais

Da análise do quadro 5, Verifica-se que houve um decréscimo pouco significativo em termos de área de produção do milho cultura de suma importância em Cabo Verde. As ilhas de maiores áreas agrícolas, nomeadamente, Santiago e Fogo lideram em termos de áreas de produção, sendo a ilha de fogo o concelho em que não houve evolução em termos de áreas de milho.

O milho constitui a base tradicional da dieta alimentar cabo-verdiana, e a sua produção oscila muito em função das precipitações registadas no ano da safra, sendo estas produções na sua maioria de sequeiro. Ao longo do período considerado a produção média anual do milho foi de 8000 toneladas, verificando-se um decréscimo de produção em 2009 (Quadro 6).

Quadro 6: Evolução das produções de milho de 2002 a 2009 (ton).

| Ilha/Concelho | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | Variação 2009/2008 (%) |
|-------------------|------|-------|------|------|------|------|------|------|------------------------------|
| Fogo | 1464 | 1610 | 775 | 916 | 1309 | 1762 | 1906 | 1811 | -5 |
| S. Nicolau | 710 | 205 | 176 | 155 | 158 | DND | 405 | 190 | -53 |
| S. Antão | 1809 | 2071 | 346 | 162 | 316 | DND | 777 | 311 | -60 |
| Santiago | 4423 | 8169 | 6087 | 8277 | 4445 | 1924 | 4293 | 4356 | 1 |
| Brava | 185 | 267 | 30 | 60 | 81 | 738 | 652 | 708 | 9 |
| Maio | DND | DND | 17 | 2 | 69 | DND | 6 | 6 | 0 |
| Total | 8591 | 12322 | 7430 | 9572 | 6378 | 4425 | 8039 | 7383 | -8 |

Fonte: MAP-GEP Divisão estatísticas sectoriais.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Também provenientes da América, teriam entrado em Cabo Verde depois do milho e atingiram rapidamente uma importância de significativo relevo, os feijões. Os feijões ocupam o segundo lugar de preponderância na dieta da população cabo-verdiana, aparecendo sempre associado ao milho, donde se aproveitam as ramas como forragem para alimentação animal.

De acordo com Teixeira & Barbosa (1958) as variedades mais importantes de feijão são designadamente:

Cajanus cajan (L.) Millsp. – Feijão congo, figueira ou ervilha, pigeon pea;

Lablab niger (L.) Medik – Feijão pedra, careca, vaca ou araújo;

Vigna unguiculata (L.) Walp. – Feijão bongolon, cowpea, feijão frade;

Phaseolus lunatus L. – Feijão bonje ou bonjinho, “sieva bean”

Phaseolus vulgaris L. sp. Feijão de Lisboa, sapatinho (embora possa aparecer em sequeiro, é o mais utilizado nos regadios de altitude).

Os feijões mais apreciados nomeadamente, o feijão pedra branco, o Congo e o bongolon têm uma importância destacada na dieta cabo-verdiana. O feijão congo é o mais utilizado em consociação com a cultura do milho, por ser uma planta arbustiva pode ocupar o terreno durante 3 a 7 anos (Silva, 2005). O segundo, o bongolon, por ser uma espécie de crescimento rápido que pode ser colhido a fim de 2,5 a 3 meses e que oferece um feijão de muito boa qualidade muito apreciado entre a população Cabo-verdiana.

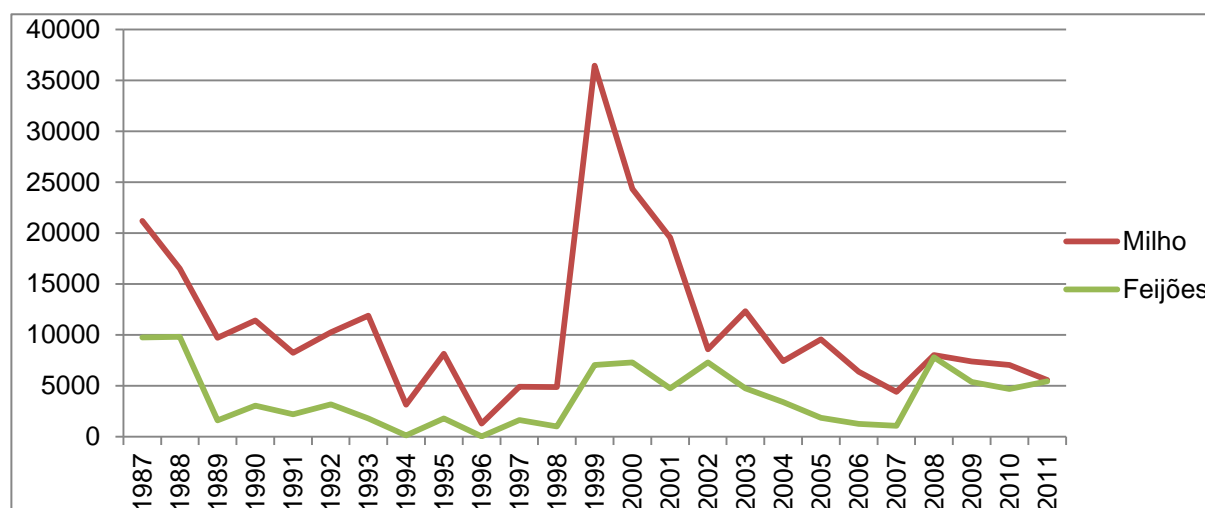


Figura 5: Evolução da produção (toneladas) das principais culturas de sequeiro em Cabo Verde, entre 1987 e 2011. **Fonte:** Ministério do Desenvolvimento Rural.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Relativamente aos tubérculos e raízes tuberosas a batata comum (*Solanum tuberosum* L.), batata-doce (*Ipomea-batatas* (L) Lam.) e a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) preenchem por completo as produções do arquipélago (Silva, 2005). O sector hortícola é considerado um dos sectores mais rentáveis da agricultura cabo-verdiana, permitindo criar postos de trabalho em vários outros sectores nomeadamente venda e revenda, comercialização de factores de produção, transporte, embalagem e alguma transformação. A produção nacional consegue abastecer o mercado em todos os produtos hortícolas à excepção da batata comum e cebola, produtos que são consumidos em muito maior escala. No que refere ao sector frutícola, a produção nacional é avaliada em cerca de 8 600 toneladas anuais, destacando-se a banana, a papaia, a manga, os citrinos e o abacate. À excepção da banana e da papaia, a produção de frutas é realizada essencialmente em regime de sequeiro, pelo que os rendimentos estão ainda muito aquém do seu potencial.

Apesar destas limitações, a introdução de variedades melhor adaptadas das várias espécies e a instalação de viveiros modernos têm permitido empreender uma certa dinâmica a este sector. Na década de setenta a exportação da banana ultrapassou as 6000 toneladas/ano, no entanto com a integração de Portugal (principal mercado) na comunidade económica europeia, conduziu a adopção de normas comunitárias mais rigorosas de qualidade dificultando assim a exportação deste produto.

Faz parte da agricultura de regadio ainda uma das culturas mais importantes do arquipélago, a cana sacarina (*Saccharum officinalis* L.), uma das primeiras culturas a ser introduzida em Cabo Verde, trazidas da Madeira, Sicília, ou mesmo do Algarve (Santos, 1992). A cana sacarina desempenhou um papel cimeiro na economia das ilhas de Santiago e de Santo Antão, e ainda hoje tem uma importância de grande relevo na produção da aguardente local (grogue) e do “mel de cana”.

Embora seja aceite que muito ainda se pode fazer, está assente que, mesmo em condições ideais (climáticas e culturais), será impossível o país atingir a auto-suficiência alimentar. Sendo assim, será sempre necessário recorrer à importação de bens alimentares cujo volume dependerá da forma como decorrer o ano agrícola e do processo das técnicas agrícolas que for sendo introduzido.

2.4.8.2. Pecuária

A pecuária é um sector de extrema importância em Cabo Verde, assegurando quase 100% do abastecimento do mercado nacional em carne e ovos e em menor escala o leite. Estima-se que cerca de 35 % do território nacional tenha vocação pastoril e silvo pastoril (Costa, 2007). A produção e a produtividade pecuária nacional são fracas devido a factores estruturais e à utilização de técnicas rudimentares de criação, sendo as explorações existentes maioritariamente do tipo familiar. Ao nível do país e das famílias, a criação de gado destina-se fundamentalmente ao auto-abastecimento das populações.

De acordo com Silva (2005), a actividade pecuária aparece muito associado a actividade agrícola em que a criação de galináceos representa uma frequência de (83 %), de suínos (81 %) e de caprinos para produção leiteira (70 %). Apenas 29 % das explorações possuem bovinos. Apesar da sua relevância, esta actividade continua a enfrentar enormes constrangimentos relacionados com um excedente de efectivos, insuficientes lugares de abeberamento e raças pouco produtivas.

Quadro 7: Evolução da produção pecuária (ton).

| Produtos | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 |
|------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Carne (t) | 4915 | 6163 | 7880 | 8586 |
| Leite (m³) | 4985 | 9348 | 9700 | 11000 |
| Ovos (milhares) | 996 | 3506 | 1850 | 1770 |

Fonte: Silva, 2005.

No que refere a produção pecuária em Cabo Verde, o efectivo caprino é dominante, entre os ruminantes, sendo que a sua produção é vocacionada para o leite, e os machos por sua vez, destinados a produção de carne, normalmente abatidos poucos meses depois do desmame. Em relação aos bovinos, aparecem em menor quantidade, utilizados na produção de leite e carne, em que os machos são abatidos normalmente com cerca de dois anos, com um peso médio entre 300-350 kg. Estes animais muitas vezes são mantidos como um capital de reserva (uma poupança) para períodos mais difíceis. A produção ovina por sua vez tem pouca expressão em Cabo Verde, sendo dominado por raças autóctones, explorados principalmente para carne.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Os suínos são animais de raça local, de pequeno porte, muito semelhante ao suíno ibérico. Em 2004 chegaram a representar cerca de 26% do efectivo pecuário nacional. A produção pecuária no arquipélago destina-se principalmente ao autoconsumo, sendo que as explorações existentes do tipo empresarial são muito reduzidas, tratando-se exclusivamente de avicultura intensiva (Silva, 2005).

Quadro 8: Evolução do efectivo pecuário (milhares).

| Produtos | 1990 | 1995 | 2000 | 2004 |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Bovinos | 19191 | 21826 | 21500 | 22500 |
| Caprinos | 109191 | 112331 | 110000 | 112500 |
| Ovinos | 5544 | 9216 | 8450 | 9500 |
| Suínos | 98962 | 70011 | 185700 | 205000 |
| Galináceos | -* | 424000 | 480000 | 450000 |
| Total | 233089 | 637384 | 805650 | 799500 |

Fonte: Silva (2005). -* Dados não disponíveis.

2.4.8.3. Silvicultura

A floresta tem contribuído significativamente, embora de forma indirecta, no combate a vulnerabilidade alimentar através da luta contra a desertificação, na satisfação das necessidades energéticas e forrageiras, na conservação dos recursos naturais e no desenvolvimento da produção agro-silvo-pastoril, para além de ter ajudado a uma modificação significativa da paisagem cabo-verdiana (Silva, 2005).

As áreas florestais correspondem, na sua maioria, a florestações recentes, fundamentalmente compostas nas zonas de altitude médias e baixas por *Prosopis juliflora*, embora pontualmente possam incluir *Acacia albida* e *Ziziphus mauritiana*. Nas maiores altitudes são frequentes plantações de *Eucaliptus* spp., elementos arbóreos dispersos de *Prosopis juliflora*, *Acacia holocericea* e *Parkinsonia aculeata* acompanham, por vezes os sequeiros no interior da ilha. De uma superfície florestada inicial, em 1975, de 3 000 ha passou-se para uma superfície superior a 85 934 ha em 2004. Este processo de reflorestação tem – se concentrado essencialmente na Ilha de Santiago e Santo Antão, com 13 % da superfície reflorestada. Segundo Costa (2007) devido às limitações naturais, as espécies florestais utilizadas não têm sido as mais adequadas para a construção ou para indústria de transformação de madeira.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

A sua utilização tem sido dirigida de uma forma mais intensa para a produção do carvão e utilização de lenha como combustível, acarretando vários problemas ao nível da sustentabilidade.

2.4.8.4. Pescas

A pesca continua a ser uma actividade de subsistência, em 2009 uma parcela muito reduzida do orçamento (0,90%) foi atribuída ao sector. Os recursos marinhos constituem um dos poucos recursos naturais importantes do país, contribuindo para a dieta alimentar da população e tendo sido nos últimos anos geradores de significativa riqueza através das exportações. A Zona Económica Exclusiva (ZEE) de Cabo Verde, com cerca de 700 000 Km², tem quase 175 vezes o tamanho da área terrestre das ilhas. No entanto, à excepção das águas próximas das ilhas do Sal, Maio e Boavista, ilhas mais rasas, as águas são geralmente muito profundas e de fraca produtividade biológica. Segundo a Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO-UN) o potencial dos recursos disponíveis do sector é da ordem das 37 000 toneladas/ano.

A sua grande parte diz respeito aos Tunídeos, espécie migradora que representa um potencial aproximado de 27 500 toneladas de captura anual, os Pelágicos (potencial de 5 500 toneladas/ano) e os Demersais (potencial de 4 000 toneladas/ano), mais conhecidos por peixes de fundo, como a garoupa, badejo, salmonete, cherne e goraz, muito apreciados na Europa onde atingem preços aliciantes.

Outra importante fonte de receita, derivados da sua exportação, são os crustáceos como a lagosta rosa, espécie endémica, com um potencial de 6,5 toneladas/ano, e a lagosta verde, com 40 toneladas/ano. Projecta-se que o sector das pescas, num futuro próximo, possa contribuir de forma mais sólida para a formação do PIB e da balança de pagamentos, não só através do aumento das exportações como através da substituição das importações. De acordo com ADEI (2011), aliada a actividade pesqueira podem surgir inúmeras oportunidades e negócio, nomeadamente a piscicultura e pesca comercial.

No entanto estas actividades têm que ser orientadas para o mercado por forma a gerar emprego e promover o desenvolvimento económico do arquipélago. De facto é necessário tirar o partido do potencial das águas territoriais, da zona económica exclusiva e das actividades correlatadas com a pesca contribuindo desta forma para o aumento de exportação dos produtos marinhos.

CAPÍTULO 3. MERCADOS E PREÇOS DE BENS ALIMENTARES

3.1. O mercado internacional de “commodities” alimentares

Este capítulo reporta-se aos mercados e preços de bens alimentares, apresentando um conjunto de dados de enorme relevância, em particular no que se refere a evolução dos preços dos principais produtos básicos considerados, quer a nível internacional e nacional em Cabo Verde. O Mercado a funcionar bem é uma das melhores garantias para que estejam reunidas as condições para se gerar crescimento e para se aumentar as oportunidades para os mais pobres (Carvalho, 2010).

Nas últimas quatro décadas os preços agrícolas apresentaram cotações “record” em 1973, 1989 e 1995 e, mais recentemente em 2008 (**Figura 6**). Estas subidas bruscas nos preços mundiais nas quatro décadas evidenciadas anteriormente tiveram associadas duas características comuns. De acordo com Avillez (2009), estas subidas corresponderam, na quase totalidade dos casos, a subida nos preços do petróleo e das restantes “commodities”. De referir que o trigo mole depois de ter atingido um valor médio anual de 192,8USD/toneladas em 1995, apresentou uma tendência decrescente situando-se entre os 95 e os 115 USD/toneladas, entre os meses de Junho de 1998 e de 2002. A partir desta data, as cotações médias mensais situaram-se entre os 125 e os 150 USD/toneladas até Setembro de 2006 em que atingiram uma média mensal de 161,7 USD/toneladas (Avillez, 2009).

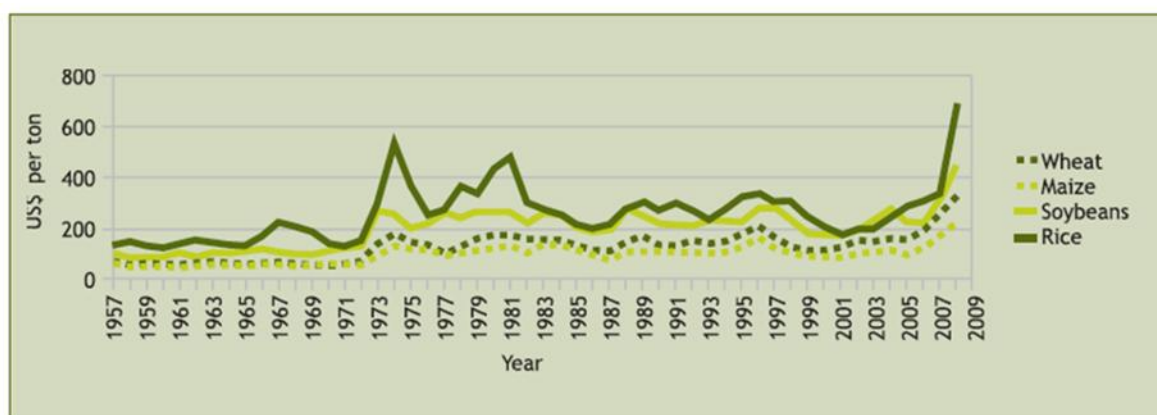


Figura 6: Evolução dos preços das principais commodities agrícolas desde 1957 a 2009.

Fonte: ICTSD (International Center for Trade and Sustainable Development, 2009).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

De acordo com Avillez (2009), Os preços mundiais do trigo mole atingiram os 200 USD/toneladas em Junho de 2007 e os 345 USD/toneladas em Dezembro desse mesmo ano, tendo chegado a um máximo médio semanal de 451,2 USD/toneladas, na segunda semana de Março de 2008. A partir de então, verificou-se um rápido decréscimo das cotações em causa que passaram a ser inferiores a 300 USD/toneladas a partir da terceira semana de Abril e inferiores a 200 USD/toneladas desde a primeira semana de Outubro, tendo caído para os 175,7 USD/toneladas na segunda semana de Novembro, ou seja, cerca de 60% menos do que o máximo médio semanal verificado em Março desse mesmo ano (Avillez, 2009).

Por outro lado, os aumentos desde então sofridos pelos preços do trigo e a dificuldade crescente de abastecimento neste cereal, reduziram significativamente a sua utilização no fabrico de rações, gerando uma procura crescente do milho e de outros cereais secundários que, conjugada com a procura crescente de matérias-primas para a alimentação animal na China e na Índia, produção do bioetanol nos EUA e potenciada pelo crescimento dos preços do petróleo, desvalorização do dólar e especulação financeira, explicam, no essencial, os elevados níveis de preços observados a partir do final de 2006 e até meados de 2008 (Esmaeili *et al.*, 2010).

No caso do milho em 1996, atingiu, uma cotação média anual de 165,1 USD/toneladas, mais de 50% superior ao verificado nos primeiros anos da década de noventa. Esta cotação tinha sido máxima em Maio desse mesmo ano (204 USD/toneladas) e situou-se, praticamente, sempre abaixo dos 120 USD/toneladas nas respectivas médias mensais do ano de 1997, atingindo os 100 USD/toneladas em Julho de 1998.

No início de 2008 a cotação do milho atingiu um máximo semanal de 311 USD/toneladas, mais de 50% do preço atingido em Dezembro de 2006 e quase 60% do preço médio mensal atingido em 2007. Observou-se nos últimos quatro meses seguintes a uma rápida descida dos preços em causa que caíram para 165,7 USD/toneladas na primeira semana de Novembro, ou seja, para cerca de metade do valor máximo anteriormente verificado. Segundo Souza *et al* (2010) os estoques mundiais de arroz tiveram uma tendência decrescente, desde 1999 atingindo um nível mínimo em 2007, quando representavam apenas 18% do consumo, comparado a 39% em 1999. De facto este evento contribui para o aumento do potencial para instabilidade de preços de mercado. Foi precisamente o que aconteceu no início de 2008, quando este decréscimo nos estoques provocara uma escaldada nos preços internacionais do arroz.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Em 2010 a maioria dos países conseguiu recompor uma boa parte de seus estoques, garantindo o abastecimento interno, que em alguns casos estava comprometido devido à disponibilidade de oferta e instabilidade de preços. De acordo com o Carvalho & Monteiro (2011) no final de Abril de 2008, os preços atingiram 0.24US\$ por quilo, o dobro do preço que se praticava sete meses antes no caso do arroz. Tratando-se de produto que não tem liquidez nos mercados internacionais, em que os grandes produtores são também os grandes consumidores e as transacções no mercado internacional são de pequena dimensão relativa, maior instabilidade pode ocorrer quando os tradicionais exportadores, como é o caso da Tailândia adoptam políticas restritivas à exportação para protecção dos mercados internos.

Embora os preços do arroz tenham atingido níveis superiores a 1000US\$/ton, voltaram a níveis do 500US\$ em Janeiro de 2009 e têm-se mantido relativamente estáveis desde então (Carvalho & Monteiro, 2011). Em Novembro de 2009, depois de meses de constante declínio para os níveis de “tendência de longo prazo” após terem atingido o seu ponto mais alto em Maio de 2008 e caído abruptamente, os preços globais do arroz começaram a subir ligeiramente novamente, agora de forma suave. Os problemas de abastecimento em alguns dos principais países produtores, nomeadamente, Índia e Filipinas, ajudaram a esta inversão de evolução dos preços (Carvalho & Monteiro, 2011). Pode se afirmar que este novo ciclo de subida de preços teve curta duração, com tendência crescente a partir de Novembro, mas voltando aos níveis normais já em Fevereiro.

Este ciclo já não reflecte efeitos indirectos (“perversos” de outros mercados) mas sim o normal funcionamento do mercado. É difícil prever o movimento dos preços no futuro, mas uma coisa é muito clara: os estoques globais de arroz em 2008-09 são mais elevados do que em 2006-07, segundo o ICTSD (2009), de acordo com o evidenciado na **Figura 7**. O cultivo de arroz é altamente susceptível a riscos climáticos (por exemplo, a irregularidade das monções na Ásia). Por outro lado os vários períodos de colheita, que ocorrem 2 ou 3 vezes por ano e em várias regiões em tempos diferenciados, contrasta com o consumo, que é constante todo o ano levando a alterações estacionais dos preços (Carvalho & Monteiro, 2011). Dada referida importância do arroz para mais de metade da população mundial a instabilidade dos preços é uma séria preocupação para os responsáveis políticos dos países em desenvolvimento. Segundo Carvalho & Monteiro (2011), a triplicação dos preços do arroz entre Novembro de 2007 e Maio 2008 empurrou um adicional de 100 milhões de pessoas para níveis abaixo do nível da pobreza.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

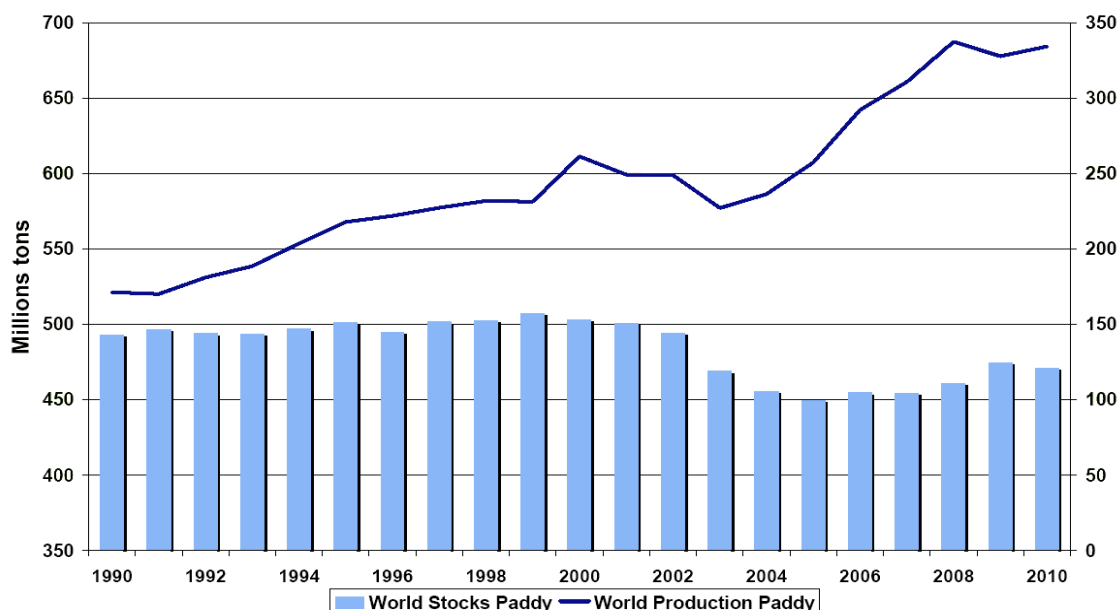


Figura 7: Produção e estoques mundiais de arroz (milhões de toneladas).

Fonte: Carvalho & Monteiro (2011).

São vários os factores que explicam a escalada nos preços do trigo mole e do milho verificado desde o final de 2006 até meados de 2009. Importa, neste contexto, sublinhar a redução significativa verificada desde o início de 2000, do peso alcançado pelos estoques destes cereais no volume total das respectivas utilizações anuais (**Figuras 8 e 9**). Esta redução, que foi consequência de um ritmo de crescimento da oferta de trigo mole e do milho para grão inferior ao da respectiva procura e que resulta de factores de natureza quer conjuntural, quer estrutural, é responsável por uma clara fragilização dos respectivos mercados mundiais e, consequentemente, por um ambiente propício à actuação de outros factores exógenos com maior ou menor influência na formação dos respectivos preços.

Podemos apontar os seguintes factores de acordo com Avillez, (2009): A escalada dos preços do petróleo; a desvalorização do dólar; a especulação financeira nos mercados de futuros agrícolas; aumento dos custos dos factores de produção e a adopção de políticas restritivas por alguns países exportadores de cereais (Toye, 2009).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

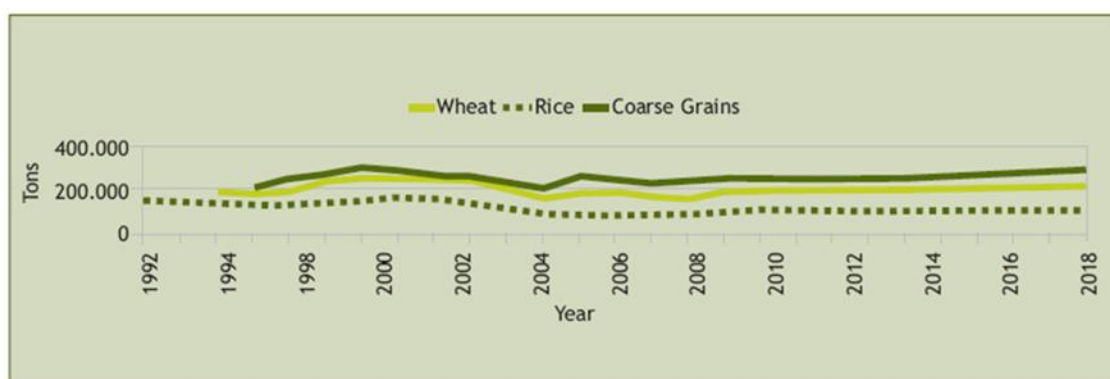


Figura 8: Evolução mundial dos estoques de cereais nos últimos anos e previsões futuras.

Fonte: ICTSD (International Center for Trade and Sustainable Development, 2009).

A primeira razão justificativa da brusca queda nos mercados mundiais dos cereais na segunda metade de 2008 deve ser procurada no comportamento dos respectivos mercados. A razão de fundo para o sucedido tem que ser procurada na total inversão, entretanto verificada, no comportamento dos outros factores determinantes na formação dos preços agrícolas, anteriormente identificados.

De facto, não só houve uma redução do preço do petróleo para menos de metade a partir do final de Junho de 2009, como a especulação financeira nos mercados de futuros agrícolas praticamente se anulou, tendo o dólar recuperado de forma significativa o valor perdido em relação às restantes moedas, e também todas políticas restritivas entretanto adoptadas, deixaram de se fazer sentir (Avillez, 2009).

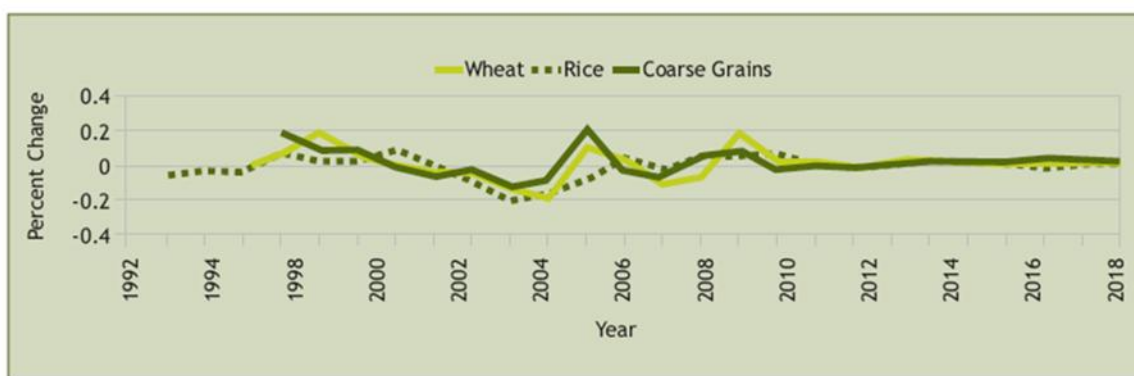


Figura 9: Variação percentual dos estoques dos principais tipos de cereais. **Fonte:** ICTSD (International Center for Trade and Sustainable Development, 2009).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Historicamente, a confluência de uma série de eventos levou a aumentos de preços dramáticos. O aumento mais íngreme dos preços do período pós-guerra ocorreu na década de 1970, (dois picos) que coincidiu com uma crise do petróleo. Outro menor aumento ocorreu em meados dos anos noventa (ICTSD, 2009). Estes picos tiveram três características em comum: a depreciação do dólar dos EUA, perdas de colheita induzidas pelas condições climáticas, o crescimento da demanda e o suporte de preços por meio de políticas do lado da oferta adotadas pelos principais países exportadores. Os picos de 1970 e 2008 tinham mais em comum um com o outro do que com o aumento surgido nos meados de noventa. Ambos ocorreram em tempos de aumento do preço do petróleo, expandindo reservas externas nos mercados de importação, e um crescimento global da demanda (ICTSD, 2009).

Os picos de preço dos cereais verificados no ano 1970 foram precedidos pela entrada das economias planificadas, como a União Soviética, nos mercados das commodities como importadores (**Figura 10**). Essas economias, incapaz de atender a demanda interna devido às condições climáticas relacionadas com quebras de safra, entraram nos mercados globais para comprar cereais a uma taxa sem precedentes (Graziano *et al.*, 2008). A sua emergência como grande importador durante um período de inflação impulsionado pelo petróleo e um dólar fraco pressionou a subida dos preços.

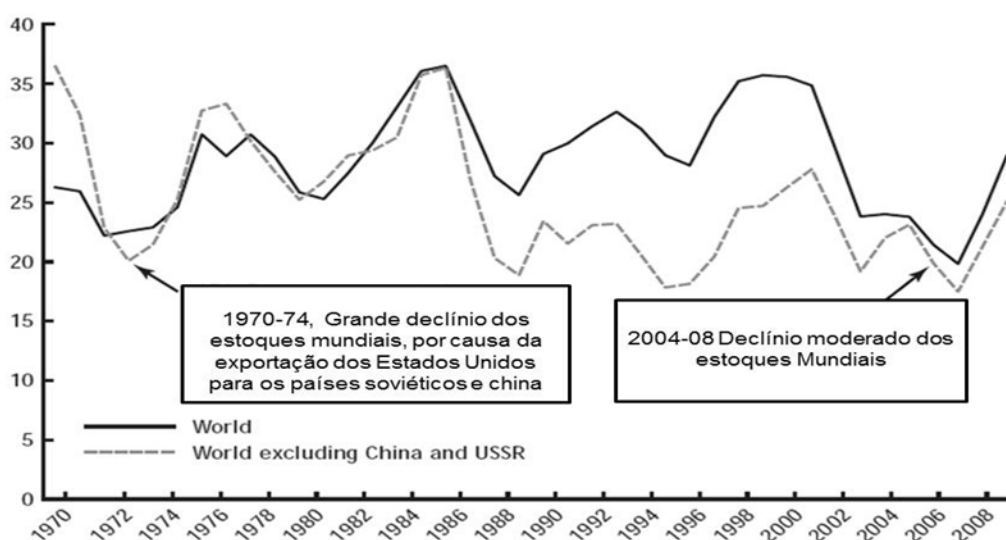


Figura 10: Evolução dos estoques em relação à produção (Percentagem).

Fonte: Adaptado de (USDA, 2008).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Muitos países exportadores responderam a estas mudanças, instituindo impostos de exportação, ou no caso de os EUA, campos agrícolas em marcha lenta para reduzir produção, elevando os preços, reduzindo os custos de subsídios agrícola para o governo (ICTSD, 2009). Os Importadores, nomeadamente os estados ricos em petróleo, decidiram subsidiar o consumo interno para proteger a sua população do aumento dos preços. Os sinais de curto prazo fornecido pelos mercados de commodities provocaram uma cadeia de eventos que repercutiu em todas as políticas do governo e também entre os decisores de mercado. A escalada de preços em 2008 semelhante em carácter as escaladas de 1970, pode ter sido precipitado por um conjunto de eventos similares.

As trocas comerciais agrícolas aumentaram cerca de 50% entre 2000-2006, devido ao aumento de exportação nos países menos desenvolvidos. Mudanças de dietas alimentares nestes países, nomeadamente, mais carne, óleos vegetais, contribuíram para um rápido aumento na demanda de grãos e óleos vegetais, recursos alimentares para a alimentação animal em particular (ICTSD, 2009).

O crescimento populacional por si só não explica esta tendência. No final dos anos 90 e início do ano 2000 verificou-se um aumento no rendimento nos países menos desenvolvidos, particularmente na sua maioria nos países emergentes como Brasil, Índia e China. Simultaneamente condições climáticas adversas fizeram com que os estoques mundiais de cereais diminuíssem, como se pode verificar na figura 8. O declínio nos estoques de trigo teve um grande efeito no mercado do arroz. Os estoques que normalmente funcionam como um amortecedor entre a demanda global e as deficiências na produção haviam sido esgotados a um nível alarmante, causando um aumento de preços por parte dos investidores no mercado futuro das commodities.

Além disso, as projecções de longo prazo afirmam que este comportamento se repita nos próximos anos (Avillez, 2009). Segundo Fürstenau (2008), da análise sobre a correlação entre os estoques e os preços da commodities, os dados sugerem que dos cereais analisados, o trigo é o cereal cujo preço é mais influenciado pelos estoques existentes. No entanto todos os cereais apresentaram uma correlação significativa entre os estoques e os respectivos preços.

3.2. A Crise dos Alimentos, e a Escalada de Preços das Commodities Básicas

A produção agrícola tem sofrido aumentos muito significativos nos últimos anos, e não se verificou uma redução no ritmo de crescimento que possa implicar subida de preços (**Quadro 9**). O comportamento dos preços das commodities agrícolas é cíclico, havendo uma correlação inversa entre crises de abastecimento e períodos de preços relativamente baixos, ou seja a cada crise de abastecimento, há um incentivo ao aumento de produção (Fürstenau, 2008). Os ciclos de aumento no volume produzido resultam num aumento dos estoques mundiais e são seguidos de períodos de redução dos preços. Os movimentos de queda nos preços ocasionam falta de incentivo à produção, e há uma estagnação ou redução do volume produzido, mas os estoques que haviam crescido anteriormente passam a suprir a demanda (Graziano *et al.*, 2008).

A crise manifesta-se quando a redução dos estoques mundiais é acompanhada de previsões de aumento de demanda, enquanto a produção ainda não encontrou incentivo nos preços de mercado ou nas políticas governamentais para o novo impulso de crescimento. Num quadro de estagnação ou de diminuição do ritmo de crescimento da produção, estoques baixos e aumento de demanda, provocam uma tendência de alta nos preços dos produtos. De seguida, o contexto de preços remuneradores faz com que os produtores decidam incrementar a produção, e inicia-se um novo ciclo de crescimento, que aumentará os estoques, e quando estes estiverem bem consolidados, iniciar-se-á um novo período de redução dos preços, e assim sucessivamente. Embora a escalada dos preços seja uma ameaça para os mais pobres, ela também apresenta uma oportunidade para salvar milhões de pessoas da pobreza extrema nas zonas rurais. De facto os preços altos estimulam a produção e, tudo indica, que a demanda continuará a crescer no futuro próximo. A lógica de competição entre biocombustíveis e a segurança alimentar não precisa existir e que a primeira pode, efectivamente, aumentar a segunda.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 9: Produção e consumo mundial de cereais (milhões de toneladas). Médias centradas no ano.

| Ano | Arroz | Consumo Aparente per capita (Kg/ano) | Milho | Consumo Aparente per capita (Kg/ano) | Trigo | Consumo Aparente per capita (Kg/ano) |
|--------------|--------------|---|--------------|---|--------------|---|
| 1965 | 260360,0 | 77,7 | 229118,7 | 68,3 | 278741,0 | 82,9 |
| 1970 | 308112,3 | 76,8 | 282986,6 | 76,1 | 322302,3 | 86,7 |
| 1975 | 345086,3 | 84,4 | 333448,4 | 81,3 | 378166,5 | 92,9 |
| 1980 | 393939,0 | 88,4 | 420673,0 | 94,1 | 437607,1 | 98,2 |
| 1985 | 465590,3 | 96,0 | 471384,6 | 97,1 | 513514,3 | 105,6 |
| 1990 | 517380,7 | 97,8 | 484866,7 | 91,7 | 559131,6 | 105,6 |
| 1995 | 562530,3 | 99,3 | 558469,2 | 97,7 | 551613,1 | 96,8 |
| 2000 | 599586,0 | 98,5 | 605055,5 | 99,2 | 587711,6 | 96,4 |
| 2005 | 616131,7 | 95,3 | 716312,7 | 110,6 | 620800,8 | 95,8 |
| 2006 | 627311,0 | 95,9 | 706698,0 | 122,4 | 602887,2 | 91,8 |
| 2007 | 647077,0 | 97,7 | 789480,9 | 135,2 | 612606,8 | 91,8 |
| 2008 | 661811,0 | 98,7 | 826224,2 | 123,5 | 683406,5 | 101,6 |
| 2009 | 684779,9 | 101,1 | 817110,5 | 246,5 | 681915,8 | 99,4 |
| Média | 514592,0 | 92,9 | 557063,8 | 111,1 | 525415,7 | 95,8 |

Fonte: Cálculos do autor com base em dados FAO, 2011

A questão da produção de biodiesel não tem, pelo menos até o momento, uma influência tão significativa como tem sido veiculada (Fürstenau, 2008). O biodiesel é, por enquanto, apenas mais um factor que influi sobre o crescimento actual dos preços das commodities. Além dos movimentos cíclicos do aumento da produção, da variação dos estoques de grãos e dos preços dos produtos, têm-se também os problemas climáticos, que, dependendo da sua intensidade, reflectem directamente nos preços agrícolas. Há, ainda, um complicador nesse quadro, que é a actuação dos fundos de investimento, que, nos últimos anos, têm atuado fortemente na compra e/ou venda de commodities no mercado futuro.

CAPÍTULO 4 – SEGURANÇA ALIMENTAR

4.1 Conceito de Segurança Alimentar

Este conceito encontra-se em constante evolução, no entanto a questão surge sempre associado a uma preocupação de certezas e/ou ausência de incertezas no que se refere ao acesso ao alimento em quantidade e qualidade adequadas à vida saudável do homem (Carvalho *et al.*, 2011). Na bibliografia, aparecem dois conceitos complementares, em função do tipo de preocupações que existem relativas a possíveis crises colectivas e individuais, no acesso e no consumo de alimentos (Carvalho & Monteiro 2011). Essas duas perspectivas são ainda muito diferenciadas em função da localização geográfica das regiões em análise ou sobre as quais se localizam as preocupações referidas (Carvalho *et al.*, 2011).

Particularmente os países menos desenvolvidos utilizam este conceito na sua forma mais global, ou seja, preocupam-se basicamente com o acesso físico e económico das populações ao alimento e a uma alimentação capaz de satisfazer as necessidades básicas do ser humano em quantidade e qualidade para uma vida saudável. Os países desenvolvidos estão cada vez mais atentos à problemática da segurança alimentar em função das sucessivas crises alimentares/saúde (como é o caso da gripe das aves, os problemas com a carne bovina mais comumente conhecida por crise das “vacas loucas”, nitrofuranos no caso das aves, e a presença de dioxinas).

A Segurança alimentar é essencialmente uma área de intervenção que passa pela avaliação de riscos (físicos, químicos, biológicos e económico-sociais) e pela sua redução ao nível mínimo possível, dadas as circunstâncias económicas e o conhecimento humano disponível (Carvalho, 2003).

De acordo com Carvalho & Monteiro (2011), no que refere a segurança alimentar existem quatro dimensões básicas; a disponibilidade de produtos alimentares, as questões relativas a acesso ao alimento (como são os aspectos da distribuição e funcionamento dos mercados, as questões relativas ao alívio da pobreza, a organização da sociedade, etc.) e ainda a dimensão relativa aos aspectos do consumo propriamente dito (hábitos de consumo, costumes, comportamentos individuais e colectivos, a qualidade dos alimentos e a sua utilização). Por último estas três dimensões devem ser estáveis ao longo do tempo (dimensão estabilidade).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

“A segurança alimentar existe quando todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico e económico a alimentos seguros e nutritivos suficientes de que atende suas necessidades dietéticas e preferências alimentares para uma vida activa e saudável (World Food Summit, 1996) ”.

Nesta cimeira mundial de alimentação realizada em 1996, foram introduzidas quatro dimensões principais: Disponibilidade física do alimento, acesso físico e económico ao alimento, utilização, e estabilidade nas dimensões acima consideradas. O interesse em questões de “Fome”/disponibilidade alimentar aparece com grande ênfase após a crise mundial de alimentos de 1972-1974. Esta crise teve origem devido a vários factores, incluindo as condições adversas em várias regiões do mundo, que reduziu a oferta mundial de cereais. Posteriormente, um aumento dramático na demanda de importações de cereais duplicou os preços internacionais de cereais, que ameaçava o “status” de Segurança Alimentar dos países importadores de alimentos.

De facto inicialmente havia uma preocupação do tipo “MALTHUSIANO” que foi o de se saber se existiriam condições de alimentar a população à escala mundial em termos de capacidade de se dispor de alimentos para todos e que esteve presente pelo menos até meados da década de 1970 (Timmer *et al.*, 1983). Na década de 80, apercebeu-se que o conjunto de países mais industrializados tinha agora problemas de excedentes alimentares e que a disponibilidade alimentar à escala global não seria um problema para as próximas décadas (Carvalho *et al.*, 2011).

Segundo Ferrão (2002) esta problemática teria então que ser centrada numa escala local/regional e com grande relevo para a dimensão económica e social, em que para os países menos desenvolvidos o desafio continua a ser, em primeiro lugar, dispor de oferta de alimentos em quantidade suficiente, simultaneamente com as questões de acesso ao alimento de grandes parcelas da sua população.

Para os países desenvolvidos os desafios estão centrados nas questões da qualidade do alimento, ou seja em termos de disponibilidade de alimentos com garantia de não trazerem efeitos negativos para a saúde do homem. Esta preocupação na alimentação nos países industrializados deriva em grande parte do facto do consumo alimentar se fazer cada vez mais através de produtos transformados, assim como está associado a grandes aglomerados quer de população a alimentar quer de processos produtivos, com sistemas de produção mais intensivos, onde existe uma maior intervenção do homem (Carvalho *et al.*, 2011).

4.2. Segurança e Vulnerabilidade Alimentar em Cabo Verde

No caso de Cabo Verde as principais preocupações são claramente de carácter físico, isto é disponibilidade de alimentos (oferta local = produção local + importações) com qualidade mínima para garantir a alimentação adequada da sua população, e de carácter económico-social, no sentido em que é preciso garantir o acesso da população ao alimento em condições de poder satisfazer as suas necessidades básicas para uma existência saudável (Carvalho, 2008). Tendo em conta o processo de desenvolvimento do país, que atingiu um nível de vida dos mais elevados de África, esta Nação continua a ter grande vulnerabilidade nesta área, não só a nível global por depender do exterior, mas também porque muitas famílias são muito vulneráveis.

Desta forma, as iniciativas de luta contra a pobreza são sempre bem-vindas desde que permitam gerar empregos e/ou melhorar o rendimento disponível das famílias. Actualmente no mundo em que vivemos somos confrontados com desafios de sustentabilidade, na procura de formas de minorar as vulnerabilidades dos sistemas básicos dos quais dependemos para viver. A alimentação e a garantia de termos disponibilidade de alimentos, assim como capacidade de acesso aos mesmos, é uma das vertentes indiscutíveis da Segurança Humana. Segundo. As mudanças tecnológicas e institucionais são vectores claros de análise de mudanças dos sistemas produtivos e de consumo com o processo de desenvolvimento assim como a análise de mercados. A questão da análise da evolução dos mercados de produtos alimentares básicos tem preocupado os governos de várias Nações, onde pode haver interesse numa maior sinergia entre países (Carvalho *et al.*, 2011).

No espaço lusófono encontramos dois países que fizeram uma grande evolução na última década no que refere a matéria de Segurança alimentar e que por vias diferenciadas conseguiram atingir uma melhoria substancial dos critérios de “Segurança Alimentar” da sua população. Tratam-se do Brasil e Cabo Verde que nas suas respectivas áreas geográficas, América Latina e África, são de facto exemplo do que de melhor se conseguiu em termos de evolução da “Segurança Alimentar das respectivas populações”.

O caso do Brasil, país com liderança de Luís Inácio Lula da Silva trouxe para a agenda política, em primeira linha, as questões alimentares e de Segurança Alimentar. O conhecido programa “Fome Zero”, veio de facto a atingir uma grande notoriedade tanto a nível nacional e internacional.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Inicialmente muito associado à distribuição de alimentos (cesta de alimentos) e de “projecto” passou de facto a constituir uma “Estratégia Nacional” incluindo um conjunto alargado de intervenções, de carácter social e de distribuição de rendimentos, passando ainda pelo “ordenamento” (regulação) de mercados e de intervenção nas cadeias de produção.

De facto este conceito veio a constituir-se como um programa/estratégia com uma visão integrada de segurança alimentar. Conforme sublinha Carvalho & Monteiro (2011), os programas de transferência condicionada de rendimento contribuem mais eficientemente para o bem-estar das famílias quando associados a programas complementares que afectam positivamente a capacidade de gestão das famílias na utilização de recursos, incluindo o acesso a programas de educação, saúde e nutrição.

Conseguiu-se uma enorme melhoria no alívio da pobreza e situação alimentar da população, num país que tem sido capaz de crescer do ponto de vista da oferta alimentar a taxas acima dos 4% ao ano, mas que tem sido uma enorme preocupação com o acesso à alimentação, uma vez que a produção/disponibilidade de alimentos não é, frequentemente, o principal problema. Este programa implicou não só a criação de uma plataforma de distribuição de rendimentos mas também de educação e saúde, inclui um conjunto de formas de apoio à produção familiar de enorme relevância, como sejam as compras locais para a distribuição através de escolas e/ou até mesmo a constituição de sistemas de garantia de compra da produção (CONAB) para a distribuição local ou regional.

Estamos perante sistemas de “ordenação” (e/ou regulação) de mercados que têm tido também uma enorme relevância no apoio ao desenvolvimento sustentável e melhoria das condições de vida das famílias. Havendo ainda um longo caminho a percorrer os resultados positivos obtidos na última década no Brasil são indiscutíveis no que se refere a vários dos indicadores de Segurança Alimentar o que obriga a que se olhe com toda a atenção para o exemplo que este país tem dado.

Cabo Verde aparece também com um exemplo regional (e das melhores evoluções verificadas no continente africano), no sentido em que se conseguiu na última década avançar de forma excepcional em muitos aspectos de desenvolvimento, mas em particular merece destaque os que foram as conquistas obtidas do ponto de vista de Segurança Alimentar.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Muitos aspectos de carácter geral, dado o bom desempenho da economia, podem ser apontados, mas há de facto exemplos de intervenção na área da “food policy” que são de enorme interesse e merecem o nosso reparo, no sentido de melhor identificarmos exemplos de sucesso e as causas/razões desse sucesso, de forma a podermos entender, modelar, e racionalizar os sistemas que permitiram fazer a diferença.

O arquipélago de Cabo Verde é grande importador de produtos alimentares (**Figura 11**), e aparentemente do conjunto da CPLP será este país que terá maior dificuldade a partida em obter uma situação confortável do ponto de vista de abastecimento alimentar. Uma vez que o seu potencial produtivo é mais baixo em termos das condições edafoclimáticas que determinam essa condição e que dificilmente podem ser contrariadas pela acção do homem. Paradoxalmente, porém, é o país africano que maior êxito teve em matéria de melhorias da alimentação da sua população (com base em vários indicadores) em termos africanos e do melhor que podemos encontrar em termos do conjunto dos países em desenvolvimento. Não fazendo sentido explorar em pormenor esta constatação, iremos centrar a nossa investigação no que se tem sido mais evidente do conjunto de políticas implementadas, de que se destaca a criação da ANSA em Agosto de 2002 – Agência Nacional de Segurança Alimentar.

4.3. Agência Nacional de Segurança Alimentar (ANSA)

A Agência veio a instalar-se na sequência da passagem de um modelo económico de “base centralista,” (modelo de desenvolvimento de economia central) para um modelo de desenvolvimento com base no mercado, mas em que se procura garantir um “mercado regulado”. Isto é, Cabo Verde sendo um país de pequena dimensão, de grande dispersão geográfica, com uma dinâmica empresarial débil teve que enfrentar o desafio de acreditar na actividade e iniciativa das suas agentes e empresas.

Com o devido cuidado implementou - se um processo gradual de transição, de tal forma a garantir que a desmobilização/desactivação de uma empresa pública de Abastecimento (EMPA) não trouxesse consequências negativas para a população, principalmente para os mais carenciados em termos alimentares. A EMPA foi criada em 1976 para garantir o abastecimento do país, através da importação e comercialização, em regime de monopólio, dos bens de primeira necessidade. A empresa era também responsável pela comercialização dos produtos recebidos por Cabo Verde no âmbito da ajuda alimentar concedida pelos seus parceiros bilaterais e multilaterais.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Com a liberalização do comércio, nomeadamente a importação dos bens de primeira necessidade como o arroz, açúcar, trigo e outros, a EMPA entrou num crescente processo de decadência porque as suas estruturas, demasiado pesadas, não estavam preparadas para fazerem face à concorrência.

Foi este o grande desafio que o Banco Mundial propôs a uma equipe alargada, liderada por um dos professores associados do Instituto Superior de Agronomia, o Doutor Bernardo Pacheco De Carvalho, e com participação de vários técnicos de Cabo Verde, incluindo responsáveis da cooperação internacional, que permitiu desenvolver trabalho no final do anos 90 e produzir um Relatório para o Governo em 2000.

Mais tarde este trabalho veio a servir de referência à definição da estrutura da Agência e do próprio trabalho da ANSA. A ANSA funciona como um observatório do mercado de produtos alimentares essenciais, acompanhando a disponibilidade e o estoque interno, a conjuntura internacional, a evolução dos preços, o comportamento dos agentes, etc. Apoiase nas suas antenas regionais para actualização das informações sobre os mercados e que são publicadas através do seu Boletim Mensal – INFO ANSA.

A Agência é responsável pela recepção e venda aos operadores económicos, em concurso público, da ajuda alimentar e, a título muito excepcional, pode importar e distribuir os produtos de primeira necessidade para assegurar, em quantidade e qualidade, a segurança alimentar às populações.

A agência nacional de Segurança Alimentar é uma das primeiras agências de regulação a serem estabelecidas no quadro de um processo de transformação da economia Cabo-verdiana, passando gradualmente a estimular a acção das empresas e cidadãos de forma autónoma a intervir mais directamente na economia. Muitos dos serviços previamente prestados no quadro de um serviço público, quer através de empresas públicas, quer de organismos de Estado, começaram a ser estudados de forma a procurar-se que a sociedade “civil” tivesse mais espaço de intervenção e, quando possível, substituísse os serviços públicos até mesmo na produção de “bens públicos e semipúblicos.”

As mudanças que o país sofreu, e pela quais a comunidade internacional também passou, viabilizaram cada vez mais a construção de alternativas que passassem por uma economia de mercado e por um contributo do sistema privado no processo.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

A grande dúvida que sempre persistiu, não era propriamente o facto da EMPA se ter transformado numa empresa de enorme dimensão, com mais de 700 empregados, que apresentava sinais de muito ineficiência e de responsabilidades orçamentais, mas sim de como se poderia contar com o sector privado para garantir um “bem” tão essencial como são os alimentos, numa palavra, como seria possível garantir a Segurança Alimentar do país com a ausência de uma entidade pública que o fizesse.

É evidente que não havia uma resposta simples, muitos estudos se realizaram, designadamente com o apoio da comunidade internacional. As agências/organismos internacionais também foram chamados a contribuir, designadamente com a contribuição do Banco Mundial. O caminho apontado foi no sentido da constituição de uma Agência de Regulação, com uma estrutura ligeira, em que se estabeleceram os princípios, métodos e modos de actuação.

É essencialmente com base nesse modelo que surge a ANSA, que nasceu em Agosto de 2002, que de uma forma gradual permitiu a articulação e dinamização do sector privado de tal forma que hoje podemos dizer que a sua intervenção e serviço prestado ao país tem sido um enorme sucesso (basta referir que, sem crises de abastecimento, de 2002 a 2006 os preços dos produtos alimentares da “cesta básica” sofreram um aumento nominal de cerca de 1%, em regime de pleno funcionamento dos mercados).

Cabo Verde tem sempre dependido dos mercados externos para o seu regular abastecimento em produtos alimentares básicos, embora não podemos desprezar a importância da produção local na garantia da Segurança Alimentar de uma boa parte da população. Os quadros seguintes reportam sobre a evolução da disponibilidade em termos dos cereais provenientes quer de importações, ou através de ajudas alimentares e também o consumo *per capita* destes cereais ao longo dos anos.

Quadro 10: Evolução do consumo *per capita* de cereais (em Kg/habitante/ano) em Cabo Verde.

| Produtos | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|--------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Milho | 142 | 81,6 | 96,9 | 120 | 99,5 | 105 | 107 | 63,7 | 60,2 | 68,3 | 60,2 | 57,9 |
| Arroz | 64,5 | 48,8 | 64,9 | 55,2 | 61,9 | 53,3 | 88,6 | 98,1 | 59,8 | 59,2 | 59,8 | 48,3 |
| Trigo | 55 | 47,2 | 40,2 | 51,4 | 37 | 22,3 | 39,8 | 31,8 | 41,9 | 45,1 | 41,9 | 45,9 |

Fonte: ANSA, 2011

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Durante a década de noventa os cabo-verdianos consumiram praticamente a mesma quantidade de milho, no entanto, a partir de 2004 tem havido um decréscimo no consumo *per capita* de milho, relativamente ao trigo consumo tem estado muito estável com poucas variações. A grande variabilidade no consumo do milho reflecte as flutuações em termos de produções de ano para ano, no que refere ao arroz, como não existe produção interna, o consumo deriva todo da importação ou da ajuda alimentar.

Quadro 11: Evolução da disponibilidade alimentar em Cabo Verde (ton).

| Produtos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|--------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Milho | 41478 | 51766 | 44030 | 47485 | 49143 | 29751 | 33548 | 33101 | 29759 | 28919 |
| Arroz | 27780 | 23847 | 27407 | 23988 | 40627 | 45856 | 31085 | 28683 | 29532 | 24121 |
| Trigo | 17218 | 22194 | 16352 | 10061 | 18273 | 14859 | 7968 | 21845 | 20695 | 22960 |

Fonte: ANSA, 2011

Da análise do quadro 11 verifica-se que a disponibilidade dos cereais tem sofrido muitas variações ao longo do período analisado. Em termos do milho houve uma diminuição ao longo dos anos, no caso do arroz houve um aumento muito significativo em 2003 e 2004. No caso da farinha de trigo em 2005 teve um decréscimo muito significativo voltando aos valores normais nos últimos anos.

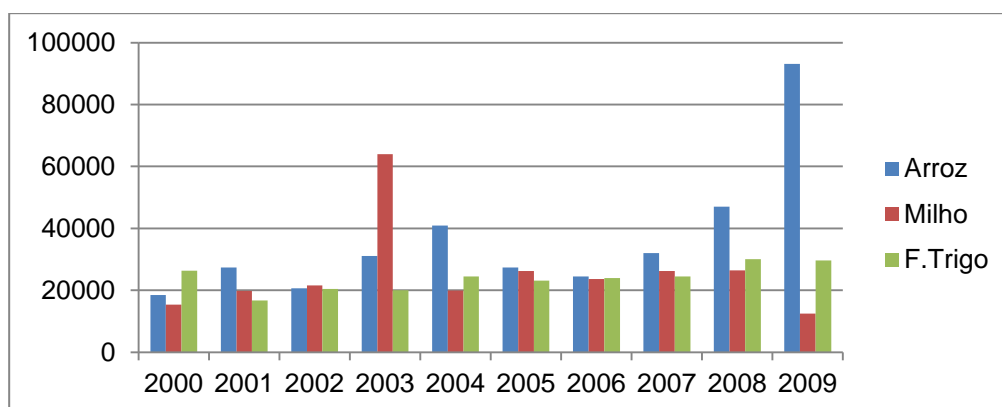


Figura 11: Evolução da Importação dos principais cereais em Cabo Verde (ton).

Fonte: FAO, 2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Cabo verde é dependente da importação de bens de primeira necessidade, nomeadamente, o arroz, o milho e trigo, ocupando o arroz um lugar cimeiro nos últimos anos no que refere a importação de cereais. As importações sofreram um aumento muito significativo entre 2000 e 2009, no caso do arroz em 2000 atingiu as 18000 toneladas aumentando para 93000 toneladas em 2009. Em relação ao milho apesar dos aumentos ao longo dos anos houve um decréscimo de cerca 60% entre 2008 e 2009. O trigo tem tido um comportamento estável com poucas variações ao longo dos anos com uma média anual de cerca de 23000 toneladas anuais. De referir ainda que União Europeia destaca-se como o principal fornecedor de Cabo Verde no que se refere a produtos alimentares básicos.

Quadro 12: Evolução da ajuda alimentar em Cabo Verde (ton).

| Ano | Cereais | Trigo e Farinha de trigo | Arroz | Grãos Grosseiros |
|-------------|----------------|---------------------------------|--------------|-------------------------|
| 1975 | 14900 | 6500 | 1700 | 6300 |
| 1980 | 31116 | 5000 | 9250 | 16845 |
| 1985 | 50717 | 12540 | 15684 | 22279 |
| 1990 | 59549 | 10400 | 7612 | 40805 |
| 1995 | 50124 | 16234 | 9829 | 21878 |
| 2000 | 53861 | 16042 | 16115 | 21704 |
| 2001 | 33035 | 11500 | 5676 | 15524 |
| 2002 | 44179 | 5971 | 11205 | 26411 |
| 2003 | 24718 | 5904 | 4009 | 14168 |
| 2004 | 41323 | 7875 | 5089 | 27606 |
| 2005 | 24869 | 4000 | 5493 | 15376 |
| 2006 | 15845 | 6970 | 3848 | 5027 |

Fonte: FAO, 2011.

O abastecimento do mercado interno em produtos alimentares básicos, é garantida através da produção local, ajuda alimentar e da importação comercial. Cabo Verde continua muito dependente da importação e da ajuda alimentar para fazer face às suas necessidades em termos de alimentos. No período de 1975 a 2006, Cabo Verde recebeu em média 37000 toneladas de cereais dos quais 9000 correspondem as ajudas em termos de trigo e farinha de trigo e 7000 toneladas em arroz. No caso do milho a ajuda rondou as 20000 mil toneladas.

4.4. Insegurança Alimentar

A vulnerabilidade alimentar advém da fragilidade à condição de Segurança Alimentar, ou seja, é a susceptibilidade que uma população ou grupo de populações encerra em conseguir alimento em quantidade e qualidade suficiente para satisfazer as suas necessidades de forma sustentável ao longo do tempo (Carvalho, 2005).

O recurso à ajuda alimentar internacional e a importação de bens alimentares tem sido uma via encontrada para conseguir reduzir a vulnerabilidade alimentar da população cabo-verdiana (**Quadro 12**). Outra medida passa pela responsabilização do Estado que, com a criação de instituições habilitadas, designadamente, a CNASA, DSSA e ANSA, tem conseguido a melhoria da gestão das questões de Segurança Alimentar.

Sabendo que existe alimento suficiente a escala global, o problema da fome deve ser atacado tendo em conta as restrições da procura, a localização geográfica dos produtos, a sua distribuição e em particular o fraco poder aquisitivo dos mais pobres.

A discussão sobre qualidade alimentar está normalmente associada ao que se entende por qualidade de vida. A qualidade alimentar é, sem dúvida uma das dimensões indispensáveis à qualidade de vida (Carvalho, 2003). O conceito de qualidade de vida surge-nos na década de 60 quando se usava o PIB para medir o crescimento económico das sociedades. No entanto, esta visão puramente economicista não permitia analisar o desenvolvimento de uma sociedade. Assim, a definição foi evoluindo passando a incluir não só os indicadores sociais mas também aspectos mais subjectivos ligados ao bem-estar da população, tanto na escala individual como olhando para o colectivo.

A fome não é um fenómeno de massa em Cabo Verde, pelo que verdadeiramente se deve falar de insegurança alimentar e não de fome. Esta insegurança é de natureza estrutural e resulta de limitações agro-ecológicas agravadas por fenómenos de seca, desertificação e pela actuação humana ofensiva sobre o meio ambiente. A dependência alimentar é elevada considerando que a base produtiva do país não consegue garantir, quando muito, uma percentagem razoável das necessidades em bens alimentares essenciais.

No entanto todo esse esforço em prol do desenvolvimento dirigido ao alívio da pobreza e melhoria das condições de integração socioeconómica da população no processo exige igualmente a necessidade de uma enorme atenção às questões de abastecimento e de funcionamento dos mercados de bens alimentares, a par e passo com todas as outras preocupações de Segurança Alimentar.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

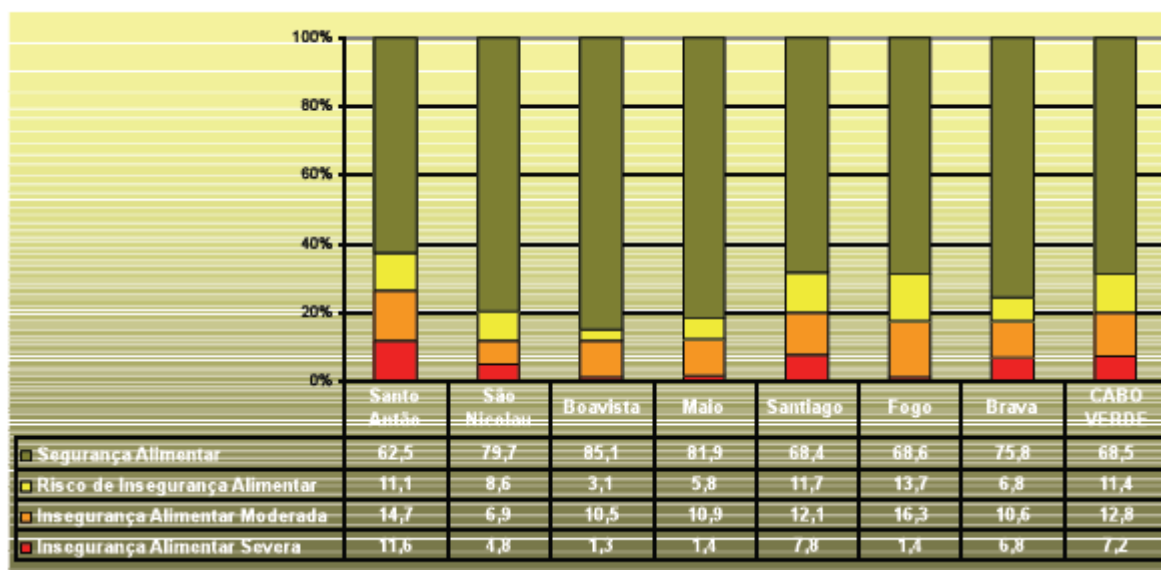


Figura 12: Distribuição da vulnerabilidade e da insegurança alimentar segundo ilha.

Fonte: Relatório das Vulnerabilidades e Segurança Alimentar, DSSA, (2009), cit in Relatório dos Progressos Realizados para Atingir os ODM (2009).

O combate à insegurança alimentar constitui um elemento constante e central das políticas públicas. É essencial promover a produção nacional a fim de mitigar a condição de extrema pobreza das populações afectadas. Para além da produção/abastecimento e disponibilidade alimentar preocupa ao país garantir com sustentabilidade o acesso e a diminuição da vulnerabilidade das famílias a bens alimentares essenciais.

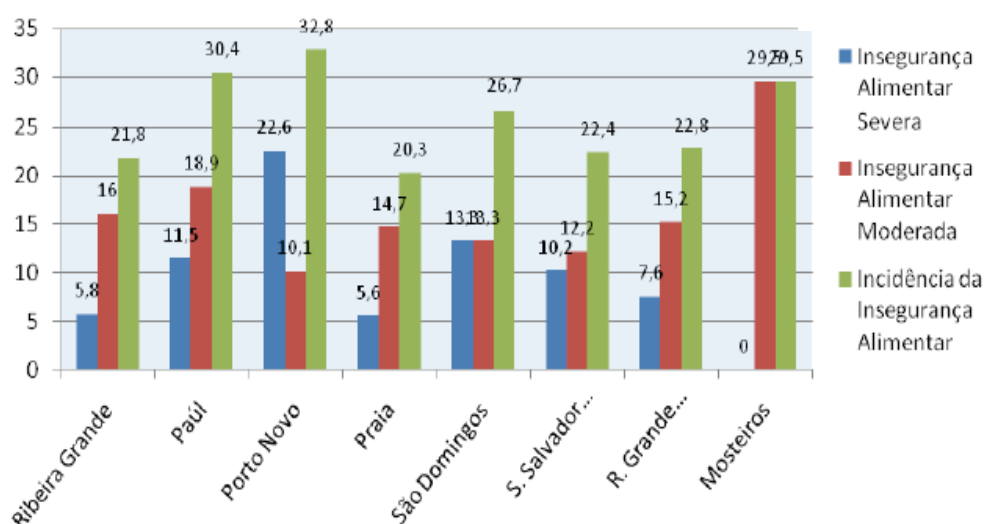


Figura 13: Grau de incidência de Insegurança Alimentar nos principais concelhos. **Fonte:** MADRRM, Plano Nacional de Segurança Alimentar, cit in Relatório dos Progressos Realizados para Atingir os ODM (2009).

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Apesar da incidência da insegurança alimentar atingir uma boa parte da população, uma percentagem muito significativa das famílias inquiridas no âmbito do QUIBB (Questionário Unificado de Indicadores de Bem-estar) (2007) não aponta a ausência ou insuficiência de alimentos no rol das suas necessidades em nítido contraste com o grau de percepção de pobreza. Em 2006 aproximadamente 78% dos agregados familiares consideravam-se pobres.

Não obstante disso, 73,2% dos mesmos afirmaram não enfrentar penúria de alimentos (70,4% no meio urbano e 76,1% no meio rural). Entretanto, no município de Ribeira de Grande de Santiago 50,9% dos agregados familiares confessaram experimentar situações de insatisfação das suas necessidades alimentares básicas.

Deste modo o presente trabalho pretende contribuir efectivamente para melhorar estes aspectos, quer no sentido de permitir facilitar o acesso a informação relevante sobre a segurança alimentar, quer no sentido de facilitar a análise e a definição de políticas de intervenção para melhorar o funcionamento do mercado e a qualidade de vida dos cidadãos, com mais rigor e menos incertezas.

4.5. Importância da Produção Agrícola Local na Segurança Alimentar

Existe ainda muitos países do mundo, pessoas que dependem principalmente da agricultura local para a satisfação das suas necessidades alimentares. A tecnologia nesses países ainda é bastante limitada, competindo o desenvolvimento agrícola mediante o apoio à investigação e extensão rural, concessão de créditos e à criação de infra-estruturas, que permitam desenvolver o sector agrícola, com objectivo de melhorar a qualidade de vida das populações. O acesso aos alimentos depende da oportunidade para os produzir directamente ou para os obter em troca de outros produtos ou serviços, através do acesso aos recursos, tecnologia de produção nas condições ambientais e do mercado (FAO, 1996).

A produção agrícola familiar assume uma grande importância na garantia da oferta de alimentos e segurança alimentar, principalmente numa altura em que o mundo enfrenta grave crise de alimentos, devido ao aumento da procura dos cereais para produção de biocombustíveis, alimentação animal, das alterações climáticas e da escalada do preço do petróleo, pelo que urge incentivar e desenvolver cada vez mais a produção local de alimentos para fazer face ao aumento do preço de alimentos importados e reduzir a dependência externa.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Actualmente todas as estratégias de desenvolvimento apontam a agricultura como um factor fundamental do crescimento, principalmente nos países Menos Desenvolvidos (Silva, 2009). O crescimento do sector agrícola nos países Menos Desenvolvidos deve ser extensivo as pequenas e médias explorações agrícolas, orientado para o mercado, estimulados pelas mudanças tecnológicas que favorecem o aumento da produtividade dos factores de produção. A agricultura praticada em Cabo Verde é sobretudo de subsistência e apresenta um alto grau de risco derivado das condicionantes agro-climáticas. A fraca rentabilidade da agricultura de sequeiro condiciona os agricultores nacionais a uma frágil condição participativa no mercado na compra e venda dos demais produtos alimentares (não produzidos pelos próprios agregados) e bens não alimentares e serviços que necessitam para o dia-a-dia, indispensáveis para atingir a sua segurança em termos alimentares.

Em Cabo Verde os recursos hídricos constituem um dos principais factores limitantes da produção agrícola, e o aprovisionamento do mercado em produtos alimentares básicos efectua-se através da reduzida produção nacional, da ajuda alimentar e da importação comercial. Porém a produção agrícola e haliêutica desempenham um papel de suma importância na garantia da segurança alimentar das populações e a estabilização dos preços, em especial dos outros bens alimentares, coberto em grande parte pela produção nacional. No ano 2000 a produção nacional teve uma participação importante no aprovisionamento do mercado de produtos alimentares de base, contribuindo com cerca de 25,2% (Silva, 2009).

A contribuição da produção nacional para o balanço energético nesse ano foi de 31,1% em termos calóricos. O ano de 2000, foi um ano excepcional em termos de produção agrícola, donde resultou esta grande contribuição energética registada. As necessidades em proteínas, lípidos, vitaminas, etc. são maioritariamente cobertas pelas produções agrícolas locais e pela pesca.

No entanto a agricultura de subsistência, em Cabo Verde tem vindo a transformar-se aos poucos, com os produtos agrícolas a "inundarem" os principais mercados do arquipélago, ao ponto de os importadores se queixarem da "concorrência". Hoje em dia, já é mais fácil encontrar "produto di terra" (produto da terra), fresco e viçoso, graças ao aumento das pequenas explorações que, aos poucos, começam a surgir um pouco por todo o lado, diversificando a tradicional cultura, anual, do milho, abrindo-se espaço para a grande maioria dos restantes legumes e frutas.

CAPÍTULO 5. METODOLOGIA E PRINCIPAIS PROCEDIMENTOS

5.1. Enquadramento das hipóteses do trabalho

A base para a elaboração do presente trabalho assenta num conjunto de questões que foram inicialmente estruturadas e sobre as quais procedemos o trabalho de investigação presente. O trabalho faz uma caracterização do país, do sector agro-alimentar e dos mercados principais de um conjunto de produtos seleccionados em função da sua importância para a alimentação e segurança alimentar e ainda em função da disponibilidade de informação. O conjunto de produtos alimentares a estudar inclui:

O trigo e farinha de trigo, milho, arroz e o feijão.

A análise dos mercados irá incluir as seguintes dimensões:

O estudo do comportamento e análise de mercado deste conjunto de produtos em termos internacionais, e o acompanhamento dos mercados locais destes produtos em todas as principais ilhas do país;

O estabelecimento de comparações sobre o funcionamento dos mercados destes produtos, nos vários tipos de mercados através de indicadores de eficiência relativa dos mercados e o estudo da capacidade de resistência e resiliência dos mercados em relação a choques exógenos.

Com este conjunto de preocupações em mente segue-se o estudo das séries temporais e as respectivas comparações entre mercados, procurando estabelecer índices analíticos e modelando nalguns casos os respectivos comportamentos de preços (análise gráfica e econométrica).

Recorrendo a formalizações mais ou menos complexas da racionalidade dos comportamentos verificados, procura-se mostrar de que forma a regulação através da boa informação e da acção pró-activa na análise de mercados com a respectiva comunicação aos agentes intervenientes no sistema pode contribuir para melhorar o funcionamento dos mercados e garantir a maior segurança alimentar do país num ambiente de livre escolha e opção.

5.2. Eficiência dos Mercados: implicações para à Segurança Alimentar

De acordo com Carvalho (2010) “O mercado é normalmente considerado uma instituição, mas todos percebemos que se trata de uma instituição muito particular. Desde que há trocas entre pessoas e essas trocas são feitas entre um número razoável de membros, num determinado espaço e tempo que “naturalmente temos um mercado” sem que para isso seja necessário qualquer organização da sociedade com esse propósito específico. De alguma forma é um fenómeno de interacção entre entidades, que começa na própria condição biológica de seres vivos interactivos e com relações de troca entre elementos de um determinado grupo. De facto é um processo típico de muitas relações biológicas da própria natureza.”

Nas áreas rurais a maior parte da população, especialmente os mais desfavorecidos, dependem dos sistemas de mercado para fornecimento de alimentos, bens e serviços essenciais. Por outro lado, do lado das receitas, do mercado dependem os circuitos de venda dos produtos. Nos países com baixo nível de rendimento vamos encontrar mercados caracterizados, para os produtos alimentares, por terem elasticidade rendimento da procura muito elevada, sendo igualmente previsíveis elasticidades preço da procura muito baixas para quase todos os produtos alimentares. Isto é, para qualquer aumento brusco de produções existe baixa capacidade de reacção do mercado, fazendo recair na “dimensão preço” quase todo o processo de ajustamento, consequentemente com grandes prejuízos para o produtor. Como referido, esses mercados também são caracterizados por terem elevada elasticidade rendimento, o que significa que, para pequenos aumentos de rendimento disponível das famílias, o consumo alimentar sobe muito significativamente (Carvalho, 2002).

5.3. Conceito de Eficiência do Mercado

A teoria de mercados eficientes, foi debatida por Roberts (1967) e mais tarde aperfeiçoada por Fama (1970 e 1991), onde é definido que os mercados eficientes são aqueles em que os preços reflectem completamente as informações disponíveis. São caracterizados por um grande número de pessoas bem informadas, cujas decisões de compra e venda de “forma cumulativa” exercem uma rápida influência sobre os preços, simultaneamente numa situação em que ninguém individualmente afecta o respectivo preço. Segundo Jensen (1978), um mercado diz-se eficiente quando não existe possibilidade de se obter lucro económico a partir de informações disponíveis.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Deste modo de acordo com Brealey & Myers (2000), num mercado eficiente de capitais qualquer transacção de compra ou venda de um título ao preço de mercado nunca deveria apresentar um valor actual líquido positivo.

Do ponto de vista de Fama (1995), um mercado eficiente pode ser definido como:

“...Um mercado onde haja um grande número de agentes racionais maximizadores de lucros competindo activamente e tentando prever o valor futuro de mercado dos títulos individuais e onde informações estejam disponíveis para todos os participantes a um custo próximo de zero. Num mercado eficiente, a competição entre muitos participantes inteligentes conduz a uma situação onde, em qualquer momento no tempo, os preços reais dos activos individuais já reflectem os efeitos de informações, tanto com base em eventos que já tenham ocorrido no passado ou em eventos que o mercado espera que ocorram no futuro.

Em outras palavras, num mercado eficiente o preço de um activo será uma boa estimativa do seu valor intrínseco em qualquer momento”.

A hipótese de que, em qualquer instante, os preços reflectem completamente as informações disponíveis são conhecidas como hipótese de Eficiência de Mercado (HEM). No estudo do comportamento dos preços no mercado destacam-se os trabalhos de Osbourne (1959) e Roberts (1967), sendo este último o pioneiro no que se refere à comparação de séries dos números aleatórios e as séries de preços correntes. Vários estudos abordam este tema no mercado de commodities, no entanto as suas conclusões, divergem relativamente ao que Fama encontrou para o mercado das acções nos Estados Unidos (Silva & Takeuchi, 2010).

Ao analisar a aleatoriedade das oscilações dos preços nos mercados futuros, Larson (1960), argumentou que os actantes no mercado de commodities tentam obter lucro antecipando o comportamento dos preços. Para tal, utilizam novas informações que chegam ao mercado e como o acontecimento dessas notícias é aleatório, as oscilações de preços também se dão de forma aleatória. Todavia, o autor faz uma ressalva:

“No actual market behaves exactly like an ideal market. Many commodity futures markets approach the ideal, and differ principally in that traders react with varying skill to varying sources of information, and so some of the response to price-making forces is delayed. (LARSON, 1960, p. 316)”.

Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional: A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde

Stevenson e Bear (1970) analisaram o comportamento dos preços de milho e da soja com objectivo de estudar a aleatoriedade dos preços, ou se existe uma tendência nas cotações dessas commodities que permitisse elaborar uma estratégia para obtenção de lucros. Os autores concluíram que havia um movimento sistemático nos preços dos grãos – justamente o oposto de um movimento aleatório, que não oferece uma explicação satisfatória para as oscilações. Portanto, identificam uma tendência que possibilita lucro sob certos padrões de comercialização das commodities.

McKenzie *et al.* (2002) também analisaram a eficiência dos mercados futuros de arroz nos Estados Unidos aplicando, a metodologia de cointegração e modelo de correcção de erro. As previsões fora da amostra são comparadas às obtidas por modelos acima a fim de avaliar o desempenho dos mercados futuros de açúcar como previsor. Os resultados são favoráveis à hipótese de eficiência dos mercados futuros de arroz. Relativamente aos mercados futuros de soja e trigo foram avaliados por Wang (2003), da mesma forma, recorrendo ao método de cointegração. Os resultados foram favoráveis à existência de eficiência nos mercados de soja. Por outro lado, para o mercado de trigo, apontou-se ineficiência, causada, provavelmente, por excesso de especulação e intervenção governamental.

Em síntese, este tema parece ser bastante controverso, de modo que estudos não apontam um resultado conclusivo no que refere a eficiência de mercado, principalmente quando se tratam de commodities agrícolas. Contudo, podemos afirmar que as diferenças de preços ao longo do tempo e entre regiões num mesmo momento, devem poder ser estudadas com lógicas/racionalidade económica. Enquanto para as diferenças no tempo dependem de uma série de factores locais e internacionais do lado da oferta e da procura, as diferenças inter-regionais de preços devem reflectir no essencial as diferenças de custos de transporte e de comercialização. Neste sentido os preços entre regiões deverão mostrar-se consistentes no tempo e poderão ser estudadas essas diferenças com uma componente sistémica e outra aleatória.

O Modelo de referência é do seguinte tipo:

$P_{ijt} = P'_{ijt} + C_{ijt} + \varepsilon_{ijt}$, onde:

$i = 1, \dots, n$ Commodities

$j = 1, \dots, m$ locais

$t = 1, \dots, k$ meses/anos.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

P_{ij} – preço de referência no mercado de consumo.

P'_{ij} – preço numa localidade marginal, de origem da oferta

C_{ij} – Custos de comercialização.

ε_{ij} – Variação aleatória no tempo (erro aleatório).

5.4. Informação e dados disponíveis

A rede ANSA de informações está a funcionar para quase todas as ilhas, para além dos três pontos de observação que são cobertos pelo INE, Santiago (Praia e Assomada) e S. Vicente, a que se adicionou recentemente S. Antão, no entanto necessita de melhorar a fiabilidade dos dados, operacionalizando a sua rede de contactos próprios.

Para o caso de Cabo Verde em particular utilizou-se os dados disponíveis nas publicações INFOANSA, para o período de 2005 a 2010. A INFOANSA é uma publicação mensal editada pela agência Nacional de Segurança Alimentar em Cabo Verde, que trata as informações sobre o funcionamento do mercado dos produtos alimentares básicos. Com estes dados construiu-se uma matriz de dados de séries temporais no programa Microsoft Excel para o seu posterior tratamento. Esta matriz de dados contém informações relativamente dos preços médios dos produtos alimentares de base, praticadas nos principais Concelhos de Cabo Verde, sendo que o mercado de referência será o mercado de Santa Catarina.

Esta análise implica a criação de uma série de indicadores, designadamente Indicadores Ansa, que têm por função permitir seguir o funcionamento dos mercados de forma próxima, de tal forma que funcionem como indicadores de alerta para deficiências que seja preciso colmatar.

Carvalho, 2006 propõe nesta data uma metodologia própria com a construção de indicadores específicos, como os indicados a seguir:

INDICADOR ANSA - SERIE 1 – Compara os preços em termos médios dos últimos seis meses, incluindo o mês de referência em relação aos preços médios da cidade da praia no ano anterior.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

INDICADOR ANSA - SERIE 2 – Compara os preços em termos médios dos últimos seis meses, incluindo o mês de referência, de cada concelho, com os preços médios de todos os mercados (concelhos para os quais se publica informação no INFOANSA), com exclusão da cidade da praia.

INDICADOR ANSA – SERIE 2.1 – Compara os preços em termos médios dos últimos seis meses, dos produtos importados, incluindo o mês de referência, de cada concelho, com os preços médios de todos os mercados (concelhos para os quais se publica informação), com exclusão da cidade da praia.

INDICADOR ANSA - SERIE 2.2 – Compara os preços em termos médios dos últimos seis meses, dos produtos de produção local, incluindo o mês de referência, de cada concelho, com os preços médios de todos os mercados (concelhos para os quais se publica informação), com exclusão da cidade da praia.

Para este estudo em concreto utilizou-se o indicador ANSA SERIE 2, sendo que o mercado de referência será o mercado de Santa Catarina, devido ao facto de não existirem dados consistentes relativamente à Praia. Neste caso faz-se referência ao terceiro maior mercado regional de Cabo Verde que é o mercado de Santa Catarina, uma vez que São Vicente (Mindelo) é um mercado praticamente só consumidor.

Os dados disponibilizados pela Food and Agriculture Organization (FAO) e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), referente às produções agrícolas, produtividades, área de produção, variação de estoques, consumo aparente e preços, permitem construir uma matriz de dados temporais desde 1961 a 2009. A partir desta matriz de dados computados incidirá a nossa análise do comportamento dos preços dos principais produtos básicos acima referidos em termos nacionais internacionais, para o período entre 2005 e 2010 inclusive.

5.5. Estrutura Analítica

Em primeiro lugar faz-se uma análise gráfica permitindo por inspecções realizadas comparações, designadamente da evolução dos preços e das respectivas variações ao longo dos vários anos e ao longo de cada ano (análise mensais).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Em segundo lugar para maior rigor da análise, toda informação é tratada de forma a permitir comparações numéricas através da construção de indicadores, começando por criar sistemas adimensionais, utilizando a metodologia sugerida por Carvalho (2006), mencionado anteriormente, escolhendo conforme o tipo de indicador, o indicador ANSA – SERIE 2.

Em seguida, dispondo de medidas adimensionais para os vários mercados e produtos ao longo de 6 anos (2005 a 2010), calculando-se nas várias dimensões, produtos, regiões/mercados indicadores de variação tendo-se escolhido o desvio padrão dos índices calculado como medida adequada, reflectindo a variação média na série em análise. No tratamento da informação porém são considerados dois grupos de produtos distintos, os produtos de produção local e os produtos importados, o que permitirá responder a algumas das hipóteses do estudo.

CAPÍTULO 6 RESULTADOS - ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este capítulo incide sobre o tratamento da informação procurando confrontar os resultados obtidos com as hipóteses estabelecidas.

6.1. O comportamento do mercado de produtos básicos tem apresentado características próprias de mercados eficientes e com grande estabilidade, o que pode mesmo ser comparado com vantagem para Cabo Verde em relação ao mercado internacional.

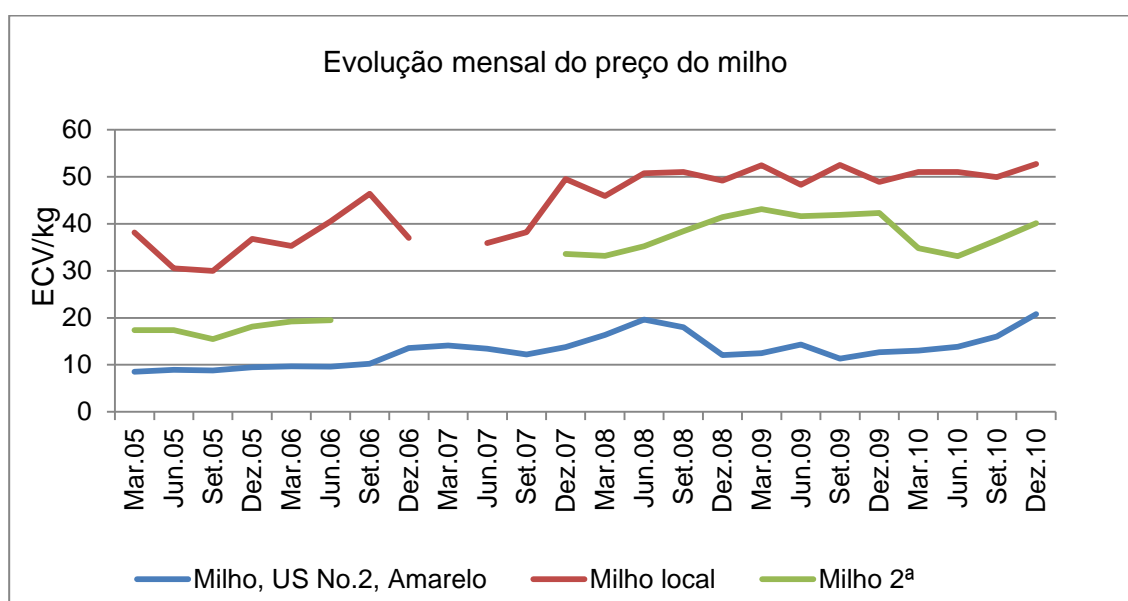


Figura 14: Análise comparativa de preços entre o milho internacional (milho americano), com o milho importado (milho 2ª) no mercado de Santa Catarina em Cabo Verde. **Fonte:** Cálculo do autor com base em dados FAO/ANSA, 2011.

Podemos verificar através da análise dos dados, que o preço do milho no mercado internacional mais que duplicou em 2008 atingindo os 280 US/toneladas em Julho. No ano seguinte, reduziu-se para cerca de metade tendo-se estabilizado em torno dos 150 US/toneladas (subida de cerca de 50% em relação ao período de 2005 e 2006). No entanto os preços tiveram um decréscimo nos anos seguintes, mas continuaram acima dos níveis observados anteriormente à escalada verificada no ano 2008. No caso do milho importado em Cabo Verde, manteve um comportamento de relativa estabilidade, apesar do aumento de cerca de 50% registado verificando-se um maior ajustamento dos preços relativamente ao arroz e o trigo.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

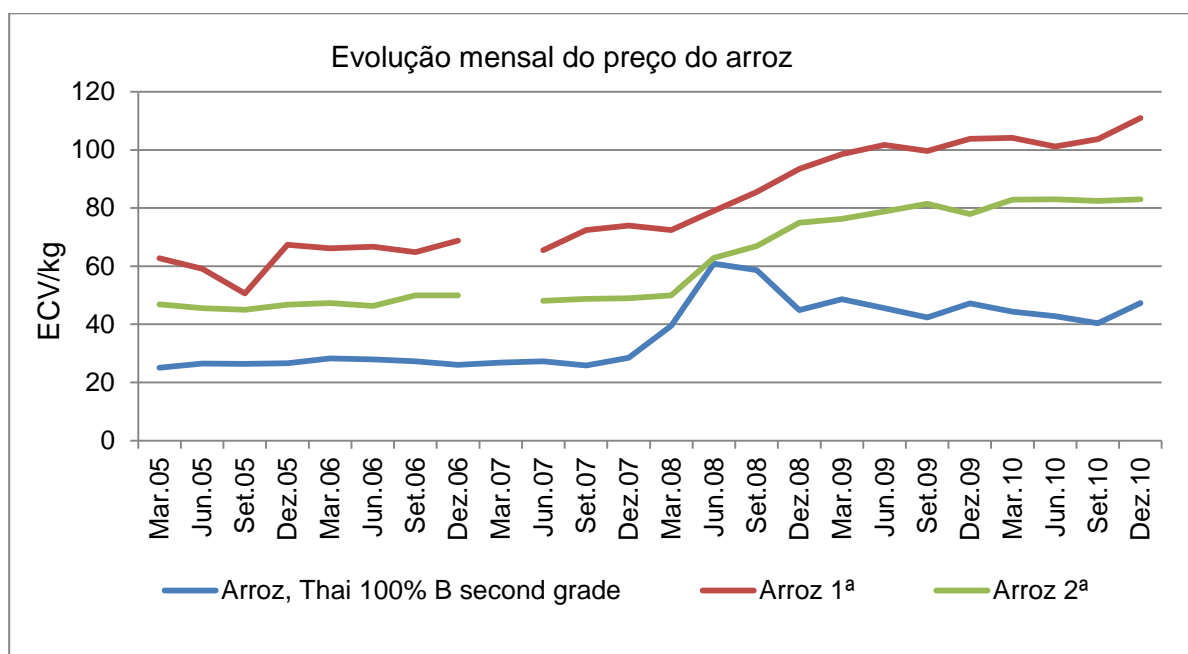


Figura 15: Análise comparativa de preços entre o arroz internacional, com o arroz importado no mercado de Santa Catarina em Cabo Verde. **Fonte:** Cálculo do autor com base em dados FAO/ANSA, 2011.

Para o caso do arroz a situação é muito similar, verificando-se que o preço do arroz no mercado internacional triplicou, ou seja partindo de 297,5 US\$/ton em Junho de 2005, atingiu os 962,6 US\$/ton em Maio de 2008. Apesar da redução do nível de preço (com níveis em torno dos 550 US\$ quando anteriormente tínhamos um nível médio de 300 US\$ em 2005 e 2006) nos anos seguintes, os preços continuaram, em patamares mais elevados. No mercado de Cabo Verde por sua vez, embora os preços dos dois tipos de arroz tenham acompanhado a evolução internacional, como de facto era de esperar manteve-se um comportamento bastante estável relativamente à escalada de preços no mercado internacional, atingindo aumentos ainda que significativos, mas em termos relativos são muito menor comparativamente ao sucedido no mercado internacional.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

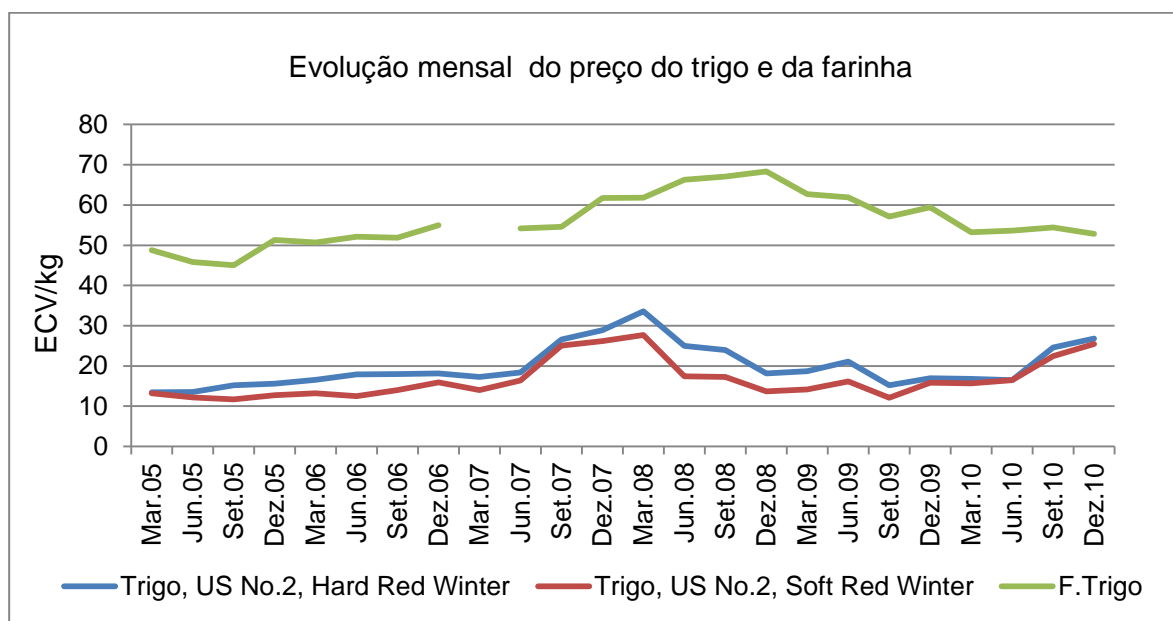


Figura 16: Análise comparativa de preços do trigo no mercado internacional, com o trigo importado no mercado de santa catarina em Cabo Verde. **Fonte:** Cálculo do autor com base em dados FAO/ANSA, 2011.

O trigo duro no mercado internacional aumentou de 157 US\$/ton em 2005 para 344 US\$/ton em 2008, tendo atingido um pico de 481 US\$/ton em Março do mesmo ano. No caso do trigo mole, passou de 155 US\$/ton para 387 US\$/ton no mesmo período, ou seja de Março de 2005 a Março de 2008. Podemos verificar, que os preços triplicaram durante os períodos considerados. Mas a partir de Dezembro de 2008 até Dezembro de 2010 voltaram sensivelmente aos níveis anteriores.

Comparativamente ao mercado em Cabo Verde verificou-se um “fenómeno”, que merece a nossa atenção, de facto o mercado obteve um bom comportamento face a escalada de preços do trigo no mercado internacional. Observa-se em Cabo Verde um comportamento de grande estabilidade do preço da farinha de trigo e consequentemente do pão (100g), que manteve o preço médio de aproximadamente 10 ECV, ao longo do período analisado. Neste caso as subidas foram menores (menos de 50%) e a estabilidade foi evidente.

6.2. A variabilidade dos preços dos produtos importados em Cabo Verde foi menor do que nos mercados internacionais, nos vários produtos de maior relevo e, certamente isso reflecte o trabalho de “regulação” de mercado que tem vindo a ser feito por agências de regulação, como é o caso da ANSA;

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Os quadros seguintes permitem, de facto uma leitura clara do que tem sido a evolução dos índices de preços nos vários produtos de maior relevo para este estudo nos vários mercados.

Quadro 13: Evolução da variação global de índice de preços (desvio padrão dos indicadores).

| Ano | (A) Média dos desvios anuais² | (B) Variação Inter-mercados³ | (C) Variação inter-regional⁴ |
|--------------|---|--|--|
| 2005 | 4,9 | 9,5 | 8,2 |
| 2006 | 4,3 | 7,6 | 6,3 |
| 2007 | 3,9 | 9,5 | 9,5 |
| 2008 | 3,6 | 9,3 | 8,6 |
| 2009 | 2,8 | 9,1 | 8,7 |
| 2010 | 3,4 | 10,0 | 8,7 |
| Média | 3,8 | 9,2 | 8,3 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Globalmente verifica-se um comportamento muito consistente ao longo tempo. As variações são maiores entre mercados relativamente a média dos desvios anuais verificadas. De facto as diferenças no tempo dependem de uma série de factores locais e internacionais do lado da oferta e da procura, as diferenças inter-regionais de preços por sua vez devem reflectir no essencial as diferenças de custos de transporte e de comercialização. Neste sentido os desvios entre regiões são consistentes no tempo.

As folhas de cálculo dos indicadores (índices ANSA tipo 2) para os diferentes de produtos seleccionados, podem ser consultados em anexo no quadro 25, onde está apresentado os cálculos para o ano 2005 a título de exemplo.

² Desvios (desvio padrão) no ano (variação inter - mensal) por mercado e média inter - mercados desses desvios. Variações ao longo do ano.

³ Média anual dos desvios (desvio padrão) inter - mercados.

⁴ Desvios inter-regionais (desvio padrão) das médias dos índices de preços anuais.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 14: Evolução da variação de índice de preços nos Produtos Locais (desvio padrão dos indicadores).

| Ano | (A) Média dos Desvios anuais | (B) Variação inter-mercados | (C) Variação inter-regional |
|--------------|---|--|--|
| 2005 | 5,5 | 13,4 | 12,2 |
| 2006 | 5,5 | 11,8 | 11,2 |
| 2007 | 4,8 | 14,9 | 15,1 |
| 2008 | 6,1 | 17,1 | 15,9 |
| 2009 | 4,7 | 13,9 | 13,1 |
| 2010 | 5,9 | 14,2 | 12,1 |
| Média | 5,4 | 14,2 | 13,3 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

No que refere aos produtos locais em estudo nomeadamente milho local e os feijões, observa-se uma grande consistência ao longo dos anos. De referir que o ano de 2008 foi o ano em que houve uma maior variação entre os mercados e também inter- meses/anos.

Quadro 15: Evolução da variação de índices de preços nos Produtos Importados (desvio padrão dos indicadores).

| Ano | (A) Média dos Desvios anuais | (B) Variação inter-mercados | (C) Variação inter-regional |
|--------------|---|--|--|
| 2005 | 3,9 | 8,8 | 8,1 |
| 2006 | 4,4 | 7,7 | 6,6 |
| 2007 | 4,5 | 6,8 | 5,5 |
| 2008 | 3,2 | 6,9 | 6,0 |
| 2009 | 2,7 | 8,7 | 8,3 |
| 2010 | 3,7 | 9,3 | 8,0 |
| Média | 3,7 | 8,0 | 7,1 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Relativamente aos produtos importados, nomeadamente milho de 2ª, Arroz de 1ª e 2ª, e trigo (farinha de trigo), a variação entre mercados é menor do que nos produtos locais. Os desvios inter -mercados e inter – regionais são significativamente mais elevados nos produtos locais do que nos produtos importados.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Este facto pode ser devido a pequena dimensão dos mercados e maiores custos de comercialização (falta de escala) nos mercados locais, incluindo deficiências de informação e custos de transporte.

Para melhor comparar o comportamento dos mercados, apresentamos nos quadros 16,17 e 18 as comparações entre os indicadores gerais e os específicos para o mercado local e de produtos importados.

Quadro 16: Evolução da variação dos índices ao longo do ano (média dos desvios padrões no ano).

| Ano | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|----------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Total | 4,9 | 4,3 | 3,9 | 3,6 | 2,8 | 3,4 |
| Produtos Locais | 5,5 | 5,5 | 4,8 | 6,1 | 4,7 | 5,9 |
| Produtos Importados | 3,9 | 4,4 | 4,5 | 3,2 | 2,7 | 3,7 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Quadro 17: Eficiência dos mercados - Variação de índice de preços inter-mercados (desvio padrão dos indicadores).

| Ano | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|----------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Total | 9,5 | 7,6 | 9,5 | 9,3 | 9,1 | 10,0 |
| Produtos Locais | 13,4 | 11,8 | 14,9 | 17,1 | 13,9 | 14,2 |
| Produtos Importados | 8,8 | 7,7 | 6,8 | 6,9 | 8,7 | 9,3 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Quadro 18: Evolução da variação inter-regional (índice de preços inter-regional – média dos desvios padrões).

| Ano | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|----------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Total | 8,2 | 6,3 | 9,5 | 8,6 | 8,7 | 8,7 |
| Produtos Locais | 12,2 | 11,2 | 15,1 | 15,9 | 13,1 | 12,1 |
| Produtos Importados | 8,1 | 6,6 | 5,5 | 6,0 | 8,3 | 8,0 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Apresenta-se ainda os índices anuais de cada mercado que permitem mensurar (avaliar) diferença de custos de comercialização *vis a vis* locais de produção e pontos de entrada de produtos importados.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 19: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Global.

| S. Filipe | Maio | Brava | St^a Catarina | St^o Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Ano |
|----------------------|-------------|--------------|------------------------------------|---------------------------------|-----------------------|----------------------|-----------------|---------------|
| 96,1 | 116,0 | 100,5 | 90,2 | 104,0 | 99,8 | 93,5 | 93,3 | 2005 |
| 98,2 | 114,0 | 97,5 | 93,8 | 104,8 | 97,3 | 99,9 | 98,8 | 2006 |
| 98,5 | 123,3 | 96,2 | 93,8 | 103,0 | 102,0 | 94,8 | 97,0 | 2007 |
| 98,8 | 117,5 | 95,2 | 91,5 | 102,3 | 105,3 | 91,2 | 100,3 | 2008 |
| 96,5 | 120,4 | 96,4 | 91,2 | 100,5 | 101,4 | 98,7 | 97,1 | 2009 |
| 94,3 | 118,9 | 92,9 | 91,5 | 104,0 | 102,2 | 101,1 | 98,8 | 2010 |
| 97,1 | 118,3 | 96,4 | 92,0 | 103,1 | 101,3 | 96,5 | 97,6 | Média |
| 1,7 | 3,3 | 2,5 | 1,5 | 1,5 | 2,7 | 3,9 | 2,4 | Desvio |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

A análise dos dados revela alguns aspectos importantes. Por um lado verificamos quais os mercados que funcionam menos bem, quer seja devido a razões estruturais, como seja a fraca dimensão do mercado e os custos de transporte, quer seja mesmo por deficiências que sejam passíveis de melhoria, de tal forma a conseguir – se melhor servir os consumidores. Por outro lado, verificamos que as regiões produtoras de alimentos, com maior aptidão agrícola, acabam também por ter mercados com bom nível de preços dos produtos importados, com vantagem para os consumidores.

Quadro 20: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Produtos Locais.

| S. Filipe | Maio | Brava | St^a Catarina | St^o Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Ano |
|----------------------|-------------|--------------|------------------------------------|---------------------------------|-----------------------|----------------------|-----------------|---------------|
| 97,6 | 119,5 | 95,7 | 85,5 | 106,7 | 114,1 | 90,8 | 90,0 | 2005 |
| 100,2 | 123,0 | 91,6 | 89,0 | 108,1 | 107,1 | 93,6 | 96,7 | 2006 |
| 99,2 | 133,9 | 94,6 | 88,1 | 105,0 | 109,7 | 89,1 | 92,5 | 2007 |
| 97,6 | 130,9 | 96,1 | 83,8 | 101,9 | 114,9 | 83,9 | 93,8 | 2008 |
| 95,2 | 126,5 | 94,1 | 86,6 | 100,9 | 112,2 | 98,9 | 89,2 | 2009 |
| 90,5 | 122,1 | 90,0 | 88,6 | 104,2 | 113,6 | 101,0 | 96,4 | 2010 |
| 96,7 | 126,0 | 93,7 | 86,9 | 104,5 | 111,9 | 92,9 | 93,1 | Média |
| 3,5 | 5,5 | 2,4 | 2,0 | 2,8 | 3,0 | 6,4 | 3,2 | Desvio |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

De notar que, para o caso do Maio, claramente mercado mais problemático, os mercados de produtos nacionais são penalizados, isto é os preços de produtos de mercado interno acabem por atingir valores superiores aos produtos importados que não beneficiam de maior escala e melhor organização dos circuitos comerciais. Santa Catarina por seu lado tem sido muito consistente ao longo dos anos, de facto sendo uma região produtora, estando o mercado muito próximo do consumidor, este só tem a ganhar.

Relativamente a eficiência dos mercados do ponto de vista de preços mais baixos, nos produtos locais, Santa Catarina apresenta-se como o mercado mais eficiente, seguida da ilha da Brava, São Filipe, Santo Antão. No entanto São Miguel, Maio, Tarrafal, constituem os mercados mais problemáticos, onde ainda existe espaço de trabalho onde ANSA e o Ministério da Agricultura podem actuar, numa tentativa de colmatar as deficiências que possam existir.

Quadro 21: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços Produtos Importados.

| S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Ano |
|----------------------|-------------|--------------|-------------------------|----------------------|-----------------------|----------------------|-----------------|---------------|
| 95,0 | 112,3 | 104,2 | 94,8 | 100,5 | 84,0 | 98,1 | 97,8 | 2005 |
| 95,3 | 110,4 | 100,9 | 99,5 | 101,5 | 88,0 | 105,4 | 101,8 | 2006 |
| 98,0 | 109,9 | 97,4 | 100,6 | 100,8 | 90,4 | 99,9 | 102,8 | 2007 |
| 99,9 | 105,2 | 94,8 | 99,6 | 102,1 | 89,8 | 97,9 | 109,5 | 2008 |
| 97,9 | 114,9 | 97,9 | 95,7 | 99,8 | 85,2 | 98,3 | 103,7 | 2009 |
| 98,2 | 116,5 | 95,3 | 94,4 | 103,9 | 89,9 | 100,8 | 100,6 | 2010 |
| 97,4 | 111,5 | 98,4 | 97,4 | 101,4 | 87,9 | 100,1 | 102,7 | Média |
| 1,9 | 4,0 | 3,6 | 2,8 | 1,5 | 2,7 | 2,8 | 3,9 | Desvio |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

No caso dos produtos importados, São Filipe, Santo Antão e São Vicente, fazem parte dos mercados regionais onde existe uma maior eficiência, comparativamente aos restantes mercados regionais. De facto São Vicente, por questões de escala sendo um local de entrada do produto (porto) os produtos importados são mais baratos. O Maio sendo um mercado consumidor com pouca expressão produtiva, e devidos aos custos de transporte dos produtos, representa o mercado mais problemático onde produtos importados são mais caros. No quadro seguinte avalia-se a evolução dos preços no tempo no mercado local e internacional.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 22: Índices de preços anuais por produto (base 2005), no mercado de Santa Catarina, mercado de referência em Cabo Verde.

| Produtos | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Milho2^a | 100,0 | 109,3 | 165,9 | 214,1 | 240,1 | 208,8 |
| Milho Local | 100,0 | 118,7 | 122,9 | 157,7 | 153,2 | 150,1 |
| Arroz1^a | 100,0 | 106,7 | 113,1 | 132,0 | 160,9 | 167,8 |
| Arroz2^a | 100,0 | 104,2 | 106,0 | 133,7 | 168,5 | 175,0 |
| F.Pedra | 100,0 | 118,8 | 131,6 | 126,6 | 129,5 | 112,9 |
| F.Sapatinha | 100,0 | 107,5 | 95,3 | 89,5 | 86,9 | 89,7 |
| F.Congo | 100,0 | 120,5 | 102,4 | 85,1 | 92,3 | 124,2 |
| Farinha de Trigo | 100,0 | 105,2 | 115,3 | 133,9 | 125,6 | 112,8 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

Com base no quadro 22, podemos verificar que o preço médio do milho de segunda ou seja milho importado, duplicou nos últimos anos, enquanto que o milho local, obteve um aumento de 50%. No que refere ao arroz, o arroz de 1^a houve uma menor variação no preço médio do que no arroz de segunda categoria, havendo aumentos de 60% e 70% respectivamente.

No caso de milho, é importante sublinhar que o mercado de milho local se consubstancia como um mercado diferenciado do mercado de milho importado, cuja lógica estará muito dependente da produção local e do comportamento dos produtores em termos de “segurança alimentar,” isto é, da sua disponibilidade ou não em colocar o produto no mercado, em função dos preços desse mercado mas também em função do seu “preço implícito” para consumo próprio.

Relativamente aos feijões, o feijão pedra e congo tiveram os maiores aumentos nos últimos anos, mas muito ligeiro. No que refere ao feijão sapatinha houve mesmo um decréscimo nos últimos anos. A farinha de trigo teve um comportamento muito rígido no que diz respeito ao preço médio, de facto não houve praticamente aumentos de preços.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 23: Índices de preços anuais por produto (base 2005) no mercado internacional.

| Produtos | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Milho tipo US No.2, Amarelo | 100 | 123,1 | 165,3 | 226,8 | 168,4 | 187,6 |
| Arroz tipo Thai 100% B second grade | 100 | 107,1 | 115,1 | 240,1 | 200,9 | 179,0 |
| Trigo tipo US No.2, Hard Red Winter | 100 | 126,5 | 167,2 | 218,4 | 149,4 | 152,6 |
| Trigo tipo US No.2, Soft Red Winter | 100 | 116,3 | 172,7 | 197,6 | 136,5 | 167,7 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados FAO, 2011.

De facto a variabilidade dos preços em Cabo Verde foi menor do que nos mercados internacionais, principalmente para o arroz e trigo nos produtos considerados, onde podemos verificar que apesar de instabilidade internacional a nível de preços, o mercado em Cabo Verde tem conseguido atenuar os efeitos da transmissibilidade de preços no mercado nacional. Os resultados indicam que por trás desse comportamento invejável está o trabalho de regulação de mercado que tem sido feito por agências de regulação, neste caso a ANSA.

6.3. Com a criação da ANSA, houve melhorias em termos de segurança alimentar, ou seja a passagem de uma empresa pública de abastecimento (EMPA), para uma empresa privada orientada para o mercado, conduziu a uma melhor situação de segurança alimentar por parte dos consumidores;

De facto a análise para o período 2005/2010 permitiu evidenciar o trabalho de regulação com grande estabilidade de preços, sendo possível encontrar na bibliografia referência a um mesmo resultado para o período anterior a partir de 2002, ano de entrada em funcionamento da ANSA.

Podemos verificar que, tomando 2002 como ano base (em que não houve qualquer intervenção significativa da ANSA e último ano de intervenção da EMPA), nos anos posteriores se verifica uma enorme estabilidade de preços e uma clara tendência decrescente dos preços até 2005 (**Quadro 24**).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Os produtos locais apresentam maior variabilidade de preços, estão muito dependentes das variações da oferta e não fazem parte do cabaz de intervenção de produtos básicos em que a ANSA intervém directamente (Farinha de trigo, arroz, milho, açúcar e óleo alimentar).

Apesar das limitações óbvias deste tipo de análise, é facto que considerando só os produtos de intervenção da ANSA que os resultados apontam para um decréscimo de 4 a 5% nos preços até 2005, e em relação a 2006 uma situação sem grandes alterações, num ano em que os preços internacionais começam a dar sinais de subida (em termos concretos as médias de preços para 2005 e 2006 em relação a 2002 são de -4.28% e 1.64% respectivamente).

Quadro:24 Comportamento dos preços de produtos alimentares básicos, em Cabo Verde, 2002 a 2006.

| Produtos | | 2002 | 2004 | 2005 | 2006 | Dif% 2005-02 | Dif% 2006-02 |
|----------------------|--------|--------|--------|--------|--------------|-----------------|-----------------|
| Arroz agulha | Kg | 54,76 | 49,58 | 54,82 | 59,10 | 0,11 | 7,93 |
| Arroz carolino | Kg | 45,83 | 43,43 | 43,00 | 44,80 | -6,17 | -2,25 |
| Milho 1 ^a | Litros | 29,43 | 29,67 | 29,67 | 29,70 | 0,82 | 0,92 |
| Milho 2 ^a | Litros | 23,92 | 24,50 | 24,50 | 24,50 | 2,42 | 2,42 |
| Milho Local | Litros | 52,88 | 55,42 | 57,92 | 56,70 | 9,53 | 7,22 |
| Açúcar | Kg | 57,78 | 43,26 | 44,71 | 64,10 | -22,62 | 10,94 |
| Farinha de Trigo | Kg | 43,93 | 44,40 | 44,64 | 45,00 | 1,62 | 2,44 |
| Óleo alimentar | Litros | 113,31 | 109,15 | 101,52 | 102,70 | -10,41 | -9,36 |
| Batata comum | Kg | 109,01 | 93,92 | 77,94 | 106,20 | -28,50 | -2,58 |
| Batata-doce | Kg | 124,13 | 115,53 | 115,74 | 139,50 | -6,76 | 12,38 |
| Mandioca | Kg | 263,87 | 258,77 | 248,44 | 280,00 | -5,85 | 6,11 |
| Feijão Congo | Litros | 169,79 | 170,43 | 184,96 | 193,80 | 8,93 | 14,14 |
| Feijão sapatinha | Litros | 150,87 | 148,84 | 145,12 | 160,70 | -3,81 | 6,52 |
| Feijão pedra | Litros | 119,22 | 116,00 | 120,80 | 121,90 | 1,33 | 2,25 |
| Feijão Bongolon | Litros | 93,15 | 85,97 | 99,31 | 93,60 | 6,61 | 0,48 |
| | | | | | Média | -3,52 | 3,97 |

Fonte: Carvalho *et al.*, 2011.

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES

A hipótese de eficiência de mercado suscita ainda muita polémica teórica, portanto requer ainda uma constante avaliação empírica com aplicações metodológicas mais precisas, de modo a revelar o grau de conteúdo informacional dos preços formados nos mercados. Neste trabalho, tais evidências auxiliam na tomada de decisão e o posicionamento frente ao risco de agentes que operam nos mercados de futuros agrícolas em especial no que se refere às commodities em estudo.

Os resultados demonstram que a estabilidade dos preços dos produtos básicos (produtos locais e importados) em Cabo Verde foi maior comparativamente ao sucedido no mercado internacional. A volatilidade do mercado de Cabo Verde em produtos básicos quase não se fez sentir, apesar das recentes crises, evidenciando-se o trabalho de “regulação” que foi possível efectuar pela ANSA, com grande benefício para os consumidores.

O comportamento dos mercados dos produtos básicos em Cabo Verde, analisado através do estudo do comportamento dos preços recorrendo ao cálculo dos índices de preços relativamente a média do país, foi muito consistente ao longo do tempo. As variações são maiores entre os diferentes mercados regionais relativamente as variações ao longo do ano. No que refere aos produtos locais, milho local e feijões, observa-se uma grande consistência de comportamento. O ano de 2008 foi o ano em que houve uma maior variação entre os mercados e também inter- meses por ano. Contudo, as variações são surpreendentemente pequenas.

No que refere à eficiência dos mercados, nos produtos locais, Santa Catarina apresenta-se como o mercado mais eficiente, seguida da ilha da Brava, São Filipe, Santo Antão. No entanto São Miguel, Maio, Tarrafal, constituem os mercados a merecerem mais atenção, onde ainda existe espaço de trabalho onde ANSA e o Ministério da Agricultura podem actuar, numa tentativa de colmatar as deficiências que possam existir.

Internacionalmente é necessário perceber que a enorme crise de preços de 2008 é de facto uma crise que vem interromper um ciclo de relativa estabilidade, mas com tendência (de longo prazo) decrescente de preços nas últimas décadas. De acordo com Carvalho (2011) podemos também identificar ciclos de preços, com intervalos de 20 a 30 anos de grandes subidas de preços (1918,1948,1976,2008).Contudo de facto houve uma evolução positiva de disponibilidade *per capita* de alimentos em termos globais.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Ficou evidente que os mercados de produtos alimentares apresentam riscos para a segurança alimentar de muitos países, em especial os africanos que têm vindo a depender de forma crescente dos cereais, muitas vezes com base em importações. A importância de capacidade institucional de regular e de melhor apoiar o funcionamento dos mercados internos mostrou-se factor que pode ter um impacto enorme para muitos países e populações carenciadas, sendo o exemplo de Cabo Verde um caso de estudo que melhor deve ser aproveitado.

As dúvidas que ainda existiam quanto ao papel da ANSA, e seu impacte real no sistema, ficaram esclarecidas recentemente com o seu desempenho na crise recente de 2008. O seu papel de estabilização e de “ordenação” dos mercados sempre de forma indirecta (pois podendo comprar e vender produtos, nunca foi necessário a sua intervenção nesses termos) veio a permitir um contributo indiscutível.

No que refere a terceira hipótese, os resultados apenas nos indicam um caminho a seguir para a sua validação, sendo necessário ainda mais trabalho de investigação nesta matéria. Nomeadamente séries temporais mais longas para que se possa efectuar um conjunto de testes, e estudos com vista a evidenciar o papel que a ANSA desempenhou nos últimos anos no que diz respeito a regulação do mercado de produtos básicos em Cabo Verde.

No caso da colecta e tratamento de informação, é sempre importante o maior rigor possível e consistência nos dados. De facto ao longo da realização deste trabalho houve situações de inconsistência (falta de dados), para vários períodos, e dificuldades que se espera venham a tornar-se menos frequentes.

CAPÍTULO 8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEI (2011). Apresentação sucinta de oportunidades de negócio nos sectores primário, industrial ou de transformação e serviços. Praia. www.adei.cv. (Obtido em 03 de Maio de 2012).

Alghalith, M. (2010). The interaction between food prices and oil prices, Economics Department., UWI, St Augustine, Trinidad and Tobago, **32**, 3pp. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140988310001337> (Obtido em 21 de Outubro de 2011).

Alexandratos, N. (2008). Food Price Surges: Possible Causes, Past Experiences and Relevance for Exploring Long-Term Prospects, **34 (4)**, 42pp. http://www.fao.org/fileadmin/templates/esa/Global_perspectives/Long_term_papers/FoodPriceSurges-Alexandratos.pdf (obtido em 04 de Agosto de 2011).

Anderson, K. (2010). Globalization's effects on world agricultural trade, 1960-2050, The Royal Society, **365**, 16pp. <http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/365/1554/3007.full> (obtido em 29 de Novembro de 2011).

Anuário de Segurança Alimentar (2006). Coordenação Técnica CIAT/DAIAT- ISAUTL, Lisboa. 173pp. http://www.ansa.cv/index.php?option=com_publicacoes&Itemid=40 (obtido em 29 de Setembro de 2011).

Avillez, F. (2009). Evolução recente dos preços mundiais dos cereais: principais causas e possíveis consequências, In Gazeta das Aldeias, Lisboa, 4pp. <http://www.agroges.pt/Artigos/img-5200757-0001.pdf> (obtido em 14 de Outubro de 2011).

Banco Mundial (2010). Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, Desenvolvimento e Mudança Climática, Washington, D.C., 58pp. http://www.scribd.com/full/34594574?access_key=key-f8oh4vihcslufsz6nzo (obtido em 14 de Setembro de 2011).

Banco de Portugal (2011). Evolução das economias dos PALOP e de Timor – Leste 2010/2011 Lisboa, 19pp. http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoesIntervencoes/Banco/Cooperacao/Publicacoes/04_CVerde_Txt.pdf (obtido em 01 de Janeiro de 2012).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

BCV (2011). Relatório anual de 2010, Departamento de Estudos Económicos e Estatísticas, Praia, 158pp. [Http://www.bcv.cv](http://www.bcv.cv) (obtido em 28 de Dezembro de 2011).

Borges, J. M. (2001). Cabo Verde e a Emigração – Uma Parceria para o Desenvolvimento? *In: População, Ambiente e Desenvolvimento em África*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. 419-438pp.

Carvalho, B. P. de (1995). Segurança Alimentar, Hedonismo e Desenvolvimento Económico. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 1 (2) Secção de Agronomia Tropical, Lisboa.

Carvalho, B. P. de (1996). Economia do Desenvolvimento, Agronomia Tropical e Segurança Alimentar. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 2 (2). Lisboa. Secção de Agronomia Tropical e Subtropical, Instituto Superior de Agronomia.

Carvalho, B. P. de (2000). Segurança Alimentar: Desenvolvimento Económico na Africa Sub-sahariana. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 6(1). Secção de Agronomia Tropical e Subtropical, Instituto Superior de Agronomia/UTL, Lisboa.

Carvalho, B. P. de (2000). Política de Segurança Alimentar em Cabo Verde: Estudo de Caso. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 6 (2). Secção de Agronomia Tropical e Subtropical, Instituto Superior de Agronomia/UTL, Lisboa.

Carvalho, B. P. de (2002). A Segurança Alimentar e o Desenvolvimento Rural: África Sub-Sahariana. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 8(1). Secção de Agronomia Tropical e Subtropical, Instituto Superior de Agronomia/UTL, Lisboa.

Carvalho, B. P. de (2003). Restrições da Procura, Mudança Tecnológica e Institucional e Oportunidades do “Agronegócio”. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 9 (8). Secção de Agronomia Tropical e Subtropical, Instituto Superior de Agronomia/UTL, Lisboa.

Carvalho, B. P. *et al* (2004). Cooperação e Desenvolvimento: Oportunidades e Desafios para o Século XXI. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. Vol.10 (3). ISA/CIAT- Instituto Superior de Agronomia, Secção de Agronomia Tropical – Departamento de Agro-Indústrias e Agronomia Tropical da Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento. Lisboa.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Carvalho, B. P. de (2006). Desenvolvimento Sustentável e Segurança Alimentar.

Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas, Vol 12 (3), ISA/UTL –

Secção de Agronomia Tropical, CIAT/CD. Lisboa.

Carvalho, B. P. de (2008). Regulação, Cidadania e Segurança Alimentar, Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. Vol.13 (1). ISA/CIAT- Instituto Superior de Agronomia, Secção de Agronomia Tropical – Departamento de Agro-Indústrias e Agronomia Tropical da Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento. Lisboa.

Carvalho, B.P. De. (2010). Bioenergy and Food Security: Markets, Institutions and Regulation, Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. Vol.16 (1). ISA/CIAT- Instituto Superior de Agronomia, Secção de Agronomia Tropical – Departamento de Agro-Indústrias e Agronomia Tropical da Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento, Lisboa.

Carvalho, B. P. de, Monteiro, D. (2011). Arroz: Mercados, Produção e Consumo À Escala Global, Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. Vol.17 (2). ISA/CIAT- Instituto Superior de Agronomia, Secção de Agronomia Tropical. Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento, Lisboa.

Carvalho, B.P. De, Monteiro, D. Leite, I. (2011). Global Food Outlook: Global Challenges and Local Solutions, Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. Vol.17 (1). ISA/CIAT- Instituto Superior de Agronomia, Secção de Agronomia Tropical. Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento, Lisboa.

Chen, S.T., Kuo, H.I., Chen, C.C., (2010). Modeling the relationship between the oil price and global food prices. Applied Energy, **87**, Taiwan, 9pp.

Clapp, J. (2009). Food Price Volatility and Vulnerability in the Global South: considering the global economic context', Third World Quarterly, **30 (6)**, Ontario, 15pp.

Correia, A. M. N. G. (1990). A Agricultura de Cabo Verde. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa. 26 pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Correia, A.A.N. (2008). Análise Sectorial da Educação e Desenvolvimento em Cabo Verde que Intervenção, Universidade Aberta, Lisboa 190 pp.

<http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1408/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20em%20Engenharia%20Agr%C3%B4noma.pdf>

(obtido em 21 de Novembro de 2011).

Costa, C.H.T.S. (2008). Importância da Mulher na Segurança Alimentar e Redução da Pobreza: Estudo de Caso no Concelho de Santa Cruz – Cabo Verde, Relatório do Trabalho Final do Curso de Engenharia Agronómica. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa., Lisboa, 180pp.

Costa, D.M. (2007). Vulnerabilidade Alimentar e Familiar na Ilha de Santiago, Concelho de São Domingos. Relatório do Trabalho Final do Curso de Engenharia Agronómica. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa., Lisboa, 96pp.

Costa, M.L.B. (2002). A Qualidade na Indústria. Um Objectivo realista. In: V Colóquio Nacional de Produtos Horto-industriais.

Cunha, A. (2008). A crise Alimentar no Mundo. Lições a Extrair para o Futuro. In: Revista Espaço Rural nº 63,4pp.

DECRP (2008). Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza – II, Ministério das finanças e Administração pública de Cabo Verde, 232 pp. http://www.governo.cv/documents/DECRP_II.pdf (Obtido em 22 de Dezembro de 2011).

Duarte, J.D.C.M. (2011). Empreendedorismo e Educação Financeira dos Estudantes Universitários: Um estudo de caso na universidade Jean Piaget de cabo verde, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Praia, 93pp.

Esmaili, A., Shokoohi, Z. (2010). Assessing the effect of oil price on world food prices: Application of principal component analysis, Department of Agricultural Economics, College of Agriculture, Shiraz University, Energy policy, **39**, 4pp.

Fama, E. (1970). Efficient capital markets: a review of theory and empirical work, Journal of Finance, **25**, pp. 383–417.

FAO (1996). Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação, Itália. World Food Summit, 36 pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

FAO (2010). The state of food Insecurity in the World, Addressing food insecurity in protracted crises Rome, 62pp. <http://www.fao.org/docrep/013/i1683e/i1683e.pdf> (obtido em 22 de Setembro de 2011).

Ferrão, J.E.M., Correia, A.G., Januário, M.I.N., Almeida, M.H. (1987). Relatório da Visita de Estudo a Cabo Verde dos Docentes e Alunos de Agronomia Tropical do Instituto Superior de Agronomia Realizada entre 12 e 26 de Agosto de 1987, Lisboa, 56pp.

Ferrão, J.E.M., Carvalho, B.P., Correia, A.G., Almeida, M.H. (1989). Relatório da Visita de Estudo a Cabo Verde dos Docentes e Alunos de Agronomia Tropical do Instituto Superior de Agronomia Realizada entre 30 de Julho e 12 de Agosto de 1989, Lisboa, 76pp.

Ferrão, J.E.M. (2002). Conceitos de segurança alimentar – Consequências nos países mais pobres, In: Gazeta das Aldeias nº: 3094 33 – 39 pp.

Furtado, O.S. (2008). Dinâmica Empresarial e o Desemprego em Cabo Verde, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Praia, 71pp.
[Http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/123456789/139/1/Orizanda%20Furtadopdf](http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/123456789/139/1/Orizanda%20Furtadopdf) (obtido em 14 de Novembro de 2011).

Furtado, E.A.R. (2008). A expansão da cidade da Praia, na década de 1990-2000, Crescimento espontâneo e pobreza urbana. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, 102pp.
<http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/123456789/65/1/A%20expans%C3%A3o%20da%20cidade%20da%20Praia.pdf> (obtido em 15 de Setembro de 2011).

Fürstenau, V. (2008). A crise dos alimentos *versus*, o crescimento dos preços da commodities.
<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/2189/2597> (obtido em 21 de Dezembro de 2011).

GEPC (2010). Relatório Estatístico 2009 - Ministério da Saúde da República de Cabo Verde, Praia, 121pp. <http://www.minsaude.gov.cv> (obtido em 12 de Dezembro de 2011).

Gittinger, J.P., Leslie, J. e C. Hoisington ed. (1987). Food Policy: Integrating Supply, Distribution and Consumption. EDI Series in Economic Development. Published for the World Bank, The Johns Hopkins University Press, 567 pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Godfray, H.C.J., Crute, I.R., Haddad, L., Lawrence, D., Muir, J.F., Nisbett, N., Pretty, J., Robinson, S., Toulmin, C. Whitely, R. (2010). The future of the global food system, The Royal Society, London, **365**, 10pp. <http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/365/1554/2769.full>. (obtido em 24 de Agosto de 2011).

Graziano, J., Tavares, L. (2008) - Segurança alimentar e a alta dos preços dos alimentos: oportunidades e desafios, Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, 15(1) 15pp. http://www.unicamp.br/nepa/arquivo_san/5_artigo_14119_Seguranca_alimentar_e_a_alta_d_e_precos.pdf (obtido em 22 de Janeiro de 2012).

Hayami, Y e V. Ruttan (1985). Agricultural Development: An International Perspective. John Hopkins University Press, Baltimore e Londres, 506 pp.

Headey, D., Fan, S. (2010). Reflections on the Global Food Crisis, How Did It Happen? How Has It Hurt? And How Can We Prevent the Next One? IFPRI, Washington, **165**, D.C. 142pp. <http://www.ifpri.org/sites/default/files/publications/rr165.pdf> (obtido em 15 de Agosto de 2011).

INE-CV (2011). Recenseamento Geral da População e Habitação – 2010, Instituto Nacional de Estatística, Praia, 19pp. <http://www.ine.cv/> (obtido em 18 de Agosto de 2011).

International Center for Trade and Sustainable Development (2009). How do Food Prices Affect Producers and Consumers in Developing Countries? Geneva, 12pp. <http://ictsd.org/downloads/2011/12/how-do-food-prices-affect-producers-and-consumers-in-developing-countries.pdf> (obtido em 20 de Outubro de 2011).

Iqbal, B.A. (2010). World food scenario: Emerging trends and issues, Department of Commerce, Aligarh Muslim University, Aligarh (UP), **4(8)**, 5pp. <http://www.academicjournals.org/ajbm/pdf/pdf2010/18July/Iqbal.pdf>. (obtido em 29 de Setembro de 2011).

Ivanic, M., Martin, W. (2008). Implications of Higher Global Food Prices for Poverty in Low-Income Countries, The World Bank Development Research Group, 57pp. http://www.wds.worldbank.org/servlet/WDSCContentServer/WDSP/IB/2008/04/16/000158349_20080416103709/Rendered/PDF/wps4594.pdf (obtido em 23 de Novembro de 2011), 57pp.

Jensen, M. (1978). Some anomalous evidence regarding market efficiency, Journal of Financial Economics, **6**, 95–101pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Kilima, F.T.M. (2006). Are Price Changes in the World Market Transmitted to Markets in Less Developed Countries? A Case Study of Sugar, Cotton, Wheat and Rice in Tanzania, Department of Agricultural Economics and Agribusiness, Sokoine University of Agriculture, Morogoro, 38pp. <http://www.tcd.ie/iis/documents/discussion/pdfs/iisdp160.pdf> (obtido em 16 de Agosto de 2011).

Larson, A. B. (1960). Measurement of a Random Process in Future Prices. Food Research Institute Studies, **1(3)**.

Mckenzie, A. M.; Jiang, B.; Djunaidi, H.; Hoffman, L. A.; Wailes, E (2002). Unbiasedness and Market Efficiency Tests of the U.S. Rice Futures Market. Review of Agricultural Economics, **24 (2)**, 474-493pp.

Medina, D. (2011) entrevista à 18 de Janeiro de 2011.
<http://www.voanews.com/portuguese/news/Cabo-Verde-Vota-Educacao--114136779.html> (acesso em 13 de Dezembro de 2011).

Moreno, C.S.V. (2009). Aplicação de SIG no processamento do inventário Florestal Nacional – Cabo Verde, ISEGI – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 93pp.
<http://run.unl.pt/bitstream/10362/3421/1/TSIG0061.pdf> (obtido em 15 de Setembro de 2011).

Murteira, M., Abreu, A.T. (1990). A agricultura no desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde, Centro de Estudos Africanos, ISCTE, Lisboa, 16 pp.
http://www.oplop.uff.br/sites/default/files/documentos/cea_op_murteira_abreu_cabo_verde-1.pdf (obtido em 29 de Dezembro de 2011).

Nações Unidas (2009). “Relatório dos Progressos Realizados para Atingir os ODM”, Praia, 54 pp. [http://www.un.cv/files/RELATORIO%20ODM%20\(2008-2009\).pdf](http://www.un.cv/files/RELATORIO%20ODM%20(2008-2009).pdf) (obtido em 17 de Agosto de 2011).

Nelson, G. C., Rosegrant, M.W., Palazzo, A., Gray, I., Ingersoll, C., Robertson, R., Tokgoz, S., Zhu, T., Sulcer, T.B., Ringler, C., Msangi, S., You, L. (2010). Food Security, Farming, and Climate Change to 2050: Scenarios, Results, Policy Options, IFPRI, Washington, D.C., <http://www.ifpri.org/sites/default/files/publications/rr172.pdf> (obtido em 14 de Julho de 2011), 140pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

PEA (2011). Perspectivas económicas para África, 15pp.

http://www.africaneconomicoutlook.org/fileadmin/uploads/aeo/Country_Notes/2011/Full/cv_po_pdf_long.pdf (Obtido em 22 de Novembro de 2011).

PEDA. (2004). Agriculture et pêche: strategie de développement a l' horizon 2015 & plan d'action 2005-2008. Ministère de l'Environnement, de l'Agriculture et de la Pêche. Cap-Vert. FAO.

PNSA. (2006). Programa Nacional de Segurança Alimentar 2007-2011. Ministério do Ambiente e Agricultura. Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Praia. 92pp.

Roberts, H. (1967). Statistical versus clinical prediction of the stock market, unpublished paper presented to the Seminar on the Analysis of Security Prices, University of Chicago.

Santos, P. O. P. (1992). Cabo Verde – Cana-de-açúcar e tecnologias intermédias. 1^{as} Jornadas sobre agricultura de Cabo Verde, 23-25 Outubro. Série de Ciências Agrárias. 8: Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa. 185-195pp.

Silva, J.H.C. (2009). Importância da Horticultura para a Segurança Alimentar em Cabo Verde – Estudo de Caso na ilha do Fogo. Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Agronomia, Lisboa 115pp.

Silva, M.F.D.F. (2005). Hábitos de Consumo e Comportamento do Consumidor: Estudo de Caso da Ilha de Santiago, Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Agronomia, Lisboa 167pp.

Silva, R., Takeuchi, R. (2010). Mercados futuros e à vista de açúcar: uma análise empírica de eficiência versus arbitragem. Rev. Econ. Sociol. Rural, **48 (2)**, 307-330pp. <http://www.scielo.br/pdf/resr/v48n2/03.pdf> (obtido em 26 de Março de 2012).

Stevenson. R. A.; Bear. R. M (1970). Commodity Futures: Trends or Random Walks? Journal of Finance, **25 (1)**, 65-81pp. <http://www.forexnet.lv/Portals/2b5f83cd-2e41-4a77-9cc0-d657a8c275bb/R%20A%20Stevenson%20R%20M%20Bear%20Commodity%20Futures%20Trends%20or%20Random%20Walks.pdf> (Obtido em 26 de Dezembro de 2011)

Sumpsi, M.J. (2011). Volatilidad de los mercados agrarios y crisis alimentaria, X Seminario Análisis Mercados de Materias Primas para Alimentación Animal, Barcelona, 15pp.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Souza, G. C., Souza, S. R., Wander, A. L. , Gazzola, R. (2010). Evolução da produção e do comércio internacional do arroz e projecção de preços, **2**, Embrapa, Rio de Janeiro, 10pp. www.podesenvolvimento.org.br/ojs/index.php?journal (obtido em 08 de Novembro de 2011).

Teixeira, A. J. S., Barbosa, L. A. G. (1958). A Agricultura do Arquipélago de Cabo Verde (Cartas agrícolas. Problemas agrários). Memórias da J. I. U., Lisboa. Nº 2. 178 pp.

The World Bank (2010). Food Price Watch, Poverty Reduction and Equity group, 3 pp. <http://siteresources.worldbank.org/INTPOVERTY/Resources/FoodPriceWatchDec2010.pdf> (obtido em 17 de Agosto de 2011).

Timmer, C.P., Falcon, W. P, Pearson, S.R. (1983). Análise da política Alimentar, The Johns Hopkins University Press, Baltimore e Londres, 309pp.

Toye, J. (2009). Development with dearer food: Can the invisible hand guide us?, Oxford Department of International Development, Oxford, **21**, 8pp.

UNDP (2011). Human Development Report, Sustainability and Equity: A Better Future for all, United Nations Development Programme, New York, 185pp. <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2011/> (obtido em 15 de Novembro de 2011).

USDA (2010). Grain: World Markets and Trade, Foreign Agricultural Service, 60pp. <http://www.fas.usda.gov/grain/circular/2010/05-10/grainfull05-10.pdf> (obtido em 16 de Novembro de 2011).

Wang, H. H (2003). Is China's Agricultural Futures Market Efficient? 25th International Conference of Agricultural Economists, Durban, South Africa, August 16-22 pp.

CIBERGRAFIA

<http://www.ers.usda.gov/briefing/wheat/background.htm> (Acesso em 06 de Outubro de 2011).

[Http://www.fas.usda.gov/psdonline/](http://www.fas.usda.gov/psdonline/) (Acesso em 06 de Outubro de 2011).

<http://www.fao.org/corp/statistics/en/> (Acesso em 30 Setembro de 2011).

<http://www.foodsec.org/> (Acesso em 06 de Outubro de 2011).

www.worldbank.org (Acesso em 29 Setembro de 2011).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

[Http://www.governo.cv/](http://www.governo.cv/) (Acesso em 26 de Agosto de 2011).

<http://www.africaneconomicoutlook.org/po/countries/west-africa/cape-verde/> (Acesso em Obtido em 22 de Novembro de 2011).

<http://www.oje.pt/noticias/africa/imigracao-em-cabo-verde-aumentou-20-em-2009> (Acesso em 29 de Dezembro de 2011).

[http://www.un.cv/files/RELATORIO%20ODM%20\(2008-2009\).pdf](http://www.un.cv/files/RELATORIO%20ODM%20(2008-2009).pdf). (Acesso em 13 de Dezembro de 2010).

http://www.portugalcaboverde.com/item1.php?lang=1&id_channel=33&id_page=114. (Acesso em 13 de Dezembro de 2010).

http://team.univ-paris1.fr/teamperso/fsteiner/econ_of_reg.htm. (Acesso em 05 de Abril de 2011).

<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article29015> (Acesso em Acesso em 30 Setembro de 2011).

<http://asemana.sapo.cv/PDF/asemana-846.pdf> (Acesso em 05 de Abril de 2011).

http://www.portugalcaboverde.com/item2_detail.php?lang=1&id_channel=33&id_page=159&id=210 (Acesso em 29 Setembro de 2011).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

9 ANEXOS

Matriz de cálculo dos indicadores (índices ANSA tipo 2) para os grupos de produtos seleccionados.

Quadro 25: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2005.

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Δ inter-mercados | |
|--------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|------------------|------------|
| Jan | 92,7 | 105,0 | 100,9 | 93,1 | 109,0 | DND | DND | DND | 7,2 | |
| Fev | 94,6 | 117,0 | 96,4 | 89,4 | 103,0 | DND | DND | DND | 10,6 | |
| Mar | 92,6 | 118,0 | 99,6 | 91,5 | 105,0 | DND | DND | DND | 10,8 | |
| Abr | 92,3 | 118,0 | 98,0 | 92,2 | 100,0 | DND | DND | DND | 10,6 | |
| Mai | 96,1 | 111,0 | 98,1 | 92,0 | 99,7 | 105,3 | DND | DND | 6,8 | |
| Jun | 99,4 | 114,0 | 99,3 | 88,5 | 106,0 | DND | 96,9 | 96,5 | 8,0 | |
| Jul | 96,7 | 117,0 | 99,8 | DND | 96,9 | DND | 96,2 | 95,7 | 8,3 | |
| Ago | 94,9 | 120,0 | 100,0 | DND | 104,0 | DND | 94,2 | 88,6 | 11,0 | |
| Set | 106,3 | 121,0 | 102,1 | 86,3 | 102,0 | 99,0 | 92,7 | 95,8 | 10,3 | |
| Out | 97,0 | 121,0 | 100,1 | DND | 105,0 | 96,7 | 90,7 | 90,2 | 10,6 | |
| Nov | 93,7 | 113,0 | 102,5 | 91,7 | 112,0 | 98,0 | 90,2 | DND | 9,4 | |
| Dez | 97,1 | 111,0 | 109,2 | 86,6 | 99,7 | DND | DND | DND | 9,9 | |
| Media total | 96,1 | 116,0 | 100,5 | 90,2 | 104,0 | 99,8 | 93,5 | 93,3 | 9,5 | MED.C |
| Desvio Total | 3,1 | 4,4 | 5,8 | 4,6 | 6,7 | DND | DND | DND | 4,9 | MED.L |
| Media 1ºsem | 94,6 | 114,0 | 98,7 | 91,1 | 104,0 | 105,3 | 96,9 | 96,5 | | |
| Media 2ºsem | 97,6 | 117,0 | 102,3 | 88,2 | 103,0 | 97,9 | 92,8 | 92,6 | | |
| Desvio 1ºsem | 4,7 | 6,1 | 1,1 | 3,2 | 2,1 | DND | DND | DND | 3,5 | MED.L |
| Desvio 2ºsem | 4,5 | 4,2 | 3,6 | 3,0 | 5,0 | 1,2 | 2,5 | 3,7 | 3,5 | MED.L |
| | | | | | | | | | 1,5 | STD.C |
| | | | | | | | | | 1,4 | STD.L2.tot |
| | | | | | | | | | 8,2 | STD.L1.tot |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

MED.C: média na coluna

MED.L: média na linha

STD.L2.tot : desvio padrão do desvio total.

STD.L1 tot : desvio padrão da média total

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Δ inter-mercados | |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|------------------|-------|
| Jan | 94,8 | 103,0 | 103,0 | 94,2 | 105,2 | DND | DND | DND | 5,1 | |
| Fev | 92,6 | 126,3 | 91,5 | 86,2 | 104,3 | DND | DND | DND | 16,0 | |
| Mar | 88,2 | 128,0 | 98,7 | 87,4 | 108,3 | DND | DND | DND | 16,8 | |
| Abr | 93,6 | 128,1 | 97,2 | 85,1 | 100,8 | DND | DND | DND | 16,2 | |
| Mai | 92,9 | 109,7 | 93,7 | 80,1 | 100,0 | 122,7 | DND | DND | 14,8 | |
| Jun | 103,3 | 112,6 | 100,0 | 85,0 | 112,1 | DND | 93,6 | 94,2 | 10,1 | |
| Jul | 101,0 | 122,2 | 96,8 | DND | 96,8 | DND | 91,9 | 95,5 | 10,9 | |
| Ago | 96,7 | 127,9 | 96,0 | DND | 107,9 | DND | 93,2 | 83,5 | 15,4 | |
| Set | 108,6 | 124,0 | 95,2 | 83,2 | 106,9 | 113,6 | 90,7 | 92,1 | 13,7 | |
| Out | 98,7 | 127,6 | 91,1 | DND | 109,0 | 108,7 | 87,0 | 84,8 | 15,2 | |
| Nov | 91,3 | 112,7 | 94,9 | 84,3 | 121,8 | 111,4 | 88,3 | DND | 14,4 | |
| Dez | 109,0 | 111,7 | 90,3 | 84,0 | 107,7 | DND | DND | DND | 12,5 | |
| Media total | 97,6 | 119,5 | 95,7 | 85,5 | 106,7 | 114,1 | 90,8 | 90,0 | 13,44 | MED.C |
| Desvio Total | 6,7 | 8,9 | 3,8 | 3,8 | 6,4 | 6,1 | 2,7 | 5,5 | 5,50 | MED.L |
| Media 1ºsem | 94,2 | 117,9 | 97,3 | 86,3 | 105,1 | 122,7 | 93,6 | 94,2 | | |
| Media 2ºsem | 100,9 | 121,0 | 94,1 | 83,8 | 108,3 | 111,2 | 90,2 | 89,0 | | |
| Desvio 1ºsem | 5,0 | 10,9 | 4,2 | 4,6 | 4,6 | DND | DND | DND | 5,85 | MED.L |
| Desvio 2º sem | 6,9 | 7,1 | 2,7 | 0,6 | 8,0 | 2,5 | 2,5 | 5,8 | 4,51 | MED.L |

3,34 STD.C
2,01 STD.L.tot

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

MED.C: média na coluna

MED.L: média na linha

STD.C: desvio padrão na coluna (Δ inter-mercados).

STD.L.tot: desvio padrão do desvio total.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal | Δ inter-mercados | |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|------------------|-------|
| Jan | 91,1 | 106,6 | 99,4 | 92,0 | 114,6 | DND | DND | DND | 10,0 | |
| Fev | 95,6 | 110,2 | 100,1 | 92,7 | 101,7 | DND | DND | DND | 6,7 | |
| Mar | 95,9 | 110,9 | 100,4 | 95,6 | 100,0 | DND | DND | DND | 6,2 | |
| Abr | 91,3 | 111,3 | 98,6 | 99,3 | 99,5 | DND | DND | DND | 7,2 | |
| Mai | 99,3 | 112,3 | 101,4 | 103,9 | 99,4 | 82,1 | DND | DND | 9,9 | |
| Jun | 96,4 | 115,2 | 98,7 | 92,1 | 100,4 | DND | 101,4 | 99,5 | 7,2 | |
| Jul | 93,4 | 112,3 | 101,9 | DND | 97,0 | DND | 102,0 | 95,9 | 6,7 | |
| Ago | 93,6 | 111,8 | 102,9 | DND | 99,9 | DND | 96,3 | 95,4 | 6,7 | |
| Set | 104,1 | 118,9 | 109,0 | 89,5 | 98,1 | 84,5 | 96,8 | 100,9 | 10,8 | |
| Out | 95,4 | 113,9 | 106,8 | DND | 101,9 | 84,7 | 98,1 | 97,2 | 9,2 | |
| Nov | 96,1 | 113,2 | 108,2 | 99,1 | 101,2 | 84,6 | 94,2 | DND | 9,4 | |
| Dez | 88,2 | 110,9 | 123,3 | 89,1 | 91,8 | DND | DND | DND | 15,7 | |
| Media total | 95,0 | 112,3 | 104,2 | 94,8 | 100,5 | 84,0 | 98,1 | 97,8 | 8,80 | MED.C |
| Desvio Total | 4,1 | 3,0 | 7,0 | 5,0 | 5,2 | 1,2 | 3,1 | 2,4 | 3,88 | MED.L |
| Media 1ºsem | 94,9 | 111,1 | 99,8 | 95,9 | 102,6 | 82,1 | 101,4 | 99,5 | | |
| Media 2ºsem | 95,1 | 113,5 | 108,7 | 92,6 | 98,3 | 84,6 | 97,5 | 97,4 | | |
| Desvio 1ºsem | 3,2 | 2,8 | 1,1 | 4,8 | 5,9 | DND | DND | DND | 3,56 | MED.L |
| Desvio 2º sem | 5,2 | 2,9 | 7,7 | 5,7 | 3,7 | 0,1 | 2,9 | 2,5 | 3,83 | MED.L |

2,69 STD.C

1,84 STD.L.tot

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

MED.C: média na coluna

MED.L: média na linha

STD.C: desvio padrão na coluna (Δ inter-mercados).

STD.L.tot: desvio padrão do desvio total.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 26: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2006.

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 100,8 | 111,1 | 98,0 | 89,7 | 103,0 | DND | DND | DND |
| Fev | 86,2 | 121,0 | 98,4 | 92,3 | 108,3 | 94,9 | DND | DND |
| Mar | 97,7 | 114,4 | DND | 90,3 | 105,3 | 92,1 | DND | DND |
| Abr | 99,9 | DND | DND | 95,1 | 101,5 | 92,2 | 105,4 | 104,0 |
| Mai | 97,1 | 118,1 | 96,8 | 94,5 | 102,4 | 90,6 | DND | DND |
| Jun | 89,8 | 117,1 | 97,0 | 94,4 | 105,6 | 101,4 | 100,4 | 98,7 |
| Jul | 93,9 | 116,2 | 97,0 | 92,3 | 105,6 | 99,6 | 98,2 | 98,5 |
| Ago | 115,7 | 95,6 | 99,7 | 100,5 | 99,7 | 89,9 | 100,5 | DND |
| Set | 98,4 | DND | 97,9 | 94,4 | 104,6 | 103,1 | 99,0 | 102,9 |
| Out | 104,5 | DND | 97,4 | 95,6 | 104,7 | 104,1 | 98,0 | 94,9 |
| Nov | 94,4 | 118,8 | 95,0 | 91,0 | 105,8 | 105,3 | 96,8 | 97,1 |
| Dez | 99,5 | DND | 97,8 | 95,3 | 110,4 | DND | 101,2 | 95,4 |
| Media total | 98,2 | 114,0 | 97,5 | 93,8 | 104,8 | 97,3 | 99,9 | 98,8 |
| Desvio Total | 7,4 | 8,0 | 1,2 | 2,9 | 2,9 | 6,0 | 2,7 | 3,5 |
| Media 1ºsem | 95,3 | 116,3 | 97,5 | 92,7 | 104,4 | 94,2 | 102,9 | 101,3 |
| Media 2ºsem | 101,1 | 110,2 | 97,5 | 94,8 | 105,1 | 100,4 | 99,0 | 97,8 |
| Desvio 1ºsem | 5,9 | 3,8 | 0,8 | 2,3 | 2,5 | 4,3 | 3,5 | 3,7 |
| Desvio 2º sem | 8,1 | 12,7 | 1,5 | 3,3 | 3,4 | 6,3 | 1,6 | 3,2 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 108,7 | 111,5 | 91,3 | 83,9 | 107,5 | DND | DND | DND |
| Fev | 98,8 | 128,3 | 94,0 | 85,2 | 114,3 | 111,3 | DND | DND |
| Mar | 98,6 | 110,6 | DND | 81,8 | 106,8 | 106,4 | DND | DND |
| Abr | 101,8 | DND | DND | 92,7 | 98,6 | 107,5 | 105,4 | 95,9 |
| Mai | 96,5 | 123,7 | 88,4 | 91,3 | 100,8 | 103,0 | DND | DND |
| Jun | 87,3 | 128,4 | 91,5 | 94,9 | 108,2 | 105,1 | 89,9 | 100,9 |
| Jul | 96,8 | 127,1 | 95,6 | 84,7 | 108,0 | 105,1 | 87,4 | 101,6 |
| Ago | DND | 125,2 | 83,6 | 97,1 | 104,7 | 103,0 | 85,6 | 99,6 |
| Set | 104,0 | DND | 94,3 | 89,2 | 108,2 | 107,9 | 94,5 | 102,5 |
| Out | 112,4 | DND | 94,8 | 90,4 | 108,4 | 110,5 | 95,6 | 89,2 |
| Nov | 93,8 | 129,3 | 89,7 | 84,3 | 110,9 | 111,7 | 91,7 | 94,3 |
| Dez | 103,4 | DND | 92,9 | 92,6 | 121,0 | DND | 98,6 | 89,5 |
| Media total | 100,2 | 123,0 | 91,6 | 89,0 | 108,1 | 107,1 | 93,6 | 96,7 |
| Desvio Total | 7,0 | 7,6 | 3,6 | 4,9 | 5,8 | 3,2 | 6,4 | 5,3 |
| Media 1ºsem | 7,0 | 8,8 | 2,3 | 5,4 | 5,6 | 3,1 | 11,0 | 3,6 |
| Media 2ºsem | 7,2 | 2,0 | 4,5 | 4,8 | 5,6 | 3,6 | 5,0 | 6,0 |
| Desvio 1ºsem | 7,0 | 8,8 | 2,3 | 5,4 | 5,6 | 3,1 | 11,0 | 3,6 |
| Desvio 2º sem | 7,2 | 2,0 | 4,5 | 4,8 | 5,6 | 3,6 | 5,0 | 6,0 |

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 94,9 | 110,7 | 103,0 | 95,5 | 98,6 | DND | DND | DND |
| Fev | 97,1 | 115,5 | 101,7 | 99,4 | 102,4 | 78,6 | DND | DND |
| Mar | 96,9 | 117,2 | DND | 98,8 | 103,8 | 77,7 | DND | DND |
| Abr | 98,1 | DND | DND | 97,5 | 104,4 | 76,9 | 105,4 | 112,1 |
| Mai | 97,8 | 113,8 | 103,0 | 97,7 | 104,1 | 78,2 | DND | DND |
| Jun | 92,3 | 105,8 | 101,1 | 93,9 | 102,9 | 95,8 | 114,4 | 95,7 |
| Jul | 91,7 | 105,4 | 98,0 | 102,5 | 103,2 | 91,4 | 112,7 | 94,4 |
| Ago | DND | 106,1 | 101,5 | 103,1 | 96,2 | 94,9 | 95,6 | 101,6 |
| Set | 92,8 | DND | 100,6 | 101,3 | 101,0 | 96,0 | 108,2 | 103,4 |
| Out | 96,5 | DND | 99,4 | 106,0 | 101,0 | 94,7 | 101,1 | 102,6 |
| Nov | 95,1 | 108,3 | 99,0 | 99,8 | 100,8 | 95,8 | 100,6 | 100,8 |
| Dez | 95,6 | DND | 101,4 | 98,1 | 99,9 | DND | 105,2 | 103,4 |
| Media total | 95,3 | 110,4 | 100,9 | 99,5 | 101,5 | 88,0 | 105,4 | 101,8 |
| Desvio Total | 2,2 | 4,7 | 1,7 | 3,4 | 2,5 | 8,8 | 6,3 | 5,4 |
| Media 1ºsem | 2,2 | 4,5 | 1,0 | 2,1 | 2,2 | 8,1 | 6,4 | 11,6 |
| Media 2ºsem | 2,0 | 1,5 | 1,4 | 2,7 | 2,3 | 1,8 | 6,1 | 3,4 |
| Desvio 1ºsem | 2,2 | 4,5 | 1,0 | 2,1 | 2,2 | 8,1 | 6,4 | 11,6 |
| Desvio 2º sem | 2,0 | 1,5 | 1,4 | 2,7 | 2,3 | 1,8 | 6,1 | 3,4 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 27: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2007

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 104,5 | DND | 97,7 | 92,3 | 108,5 | DND | 95,8 | 99,9 |
| Fev | 99,3 | DND | 97,9 | 97,6 | 98,9 | 103,2 | 91,9 | 109,8 |
| Mar | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Abr | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Mai | 104,6 | 119,3 | 95,1 | 94,1 | 99,7 | 100,2 | 92,4 | 95,6 |
| Jun | 101,0 | 118,9 | 90,9 | 87,8 | 95,4 | 99,8 | 114,1 | 93,4 |
| Jul | 96,6 | 121,5 | 96,4 | 93,0 | 107,6 | 101,1 | 92,6 | 94,0 |
| Ago | 91,9 | 124,6 | 97,0 | 99,8 | 105,7 | 101,1 | 93,2 | 93,2 |
| Set | 96,7 | 124,9 | 96,3 | 93,1 | 101,5 | 101,1 | 93,0 | 99,8 |
| Out | 98,3 | 126,1 | 97,8 | 94,8 | 100,8 | 104,8 | 90,2 | 93,1 |
| Nov | 93,7 | 125,6 | 98,1 | 91,0 | 108,2 | 104,5 | 92,6 | 94,0 |
| Dez | 98,2 | 125,3 | 95,4 | 94,8 | 103,5 | 101,9 | 92,0 | 97,4 |
| Media total | 98,5 | 123,3 | 96,2 | 93,8 | 103,0 | 102,0 | 94,8 | 97,0 |
| Desvio Total | 4,1 | 2,9 | 2,2 | 3,3 | 4,5 | 1,8 | 6,9 | 5,2 |
| Media 1ºsem | 102,3 | 119,1 | 95,4 | 92,9 | 100,6 | 101,1 | 98,6 | 99,7 |
| Media 2ºsem | 95,9 | 124,7 | 96,8 | 94,4 | 104,5 | 102,4 | 92,3 | 95,2 |
| Desvio 1ºsem | 2,6 | 0,3 | 3,3 | 4,1 | 5,6 | 1,9 | 10,5 | 7,2 |
| Desvio 2º sem | 2,5 | 1,6 | 1,0 | 3,0 | 3,1 | 1,8 | 1,1 | 2,7 |

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 111,6 | DND | 91,5 | 84,0 | 118,5 | DND | 93,1 | 97,5 |
| Fev | 103,3 | DND | 95,7 | 91,5 | 96,7 | 111,6 | 94,6 | 107,1 |
| Mar | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Abr | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Mai | 101,9 | 132,2 | 91,5 | 89,4 | 101,7 | 106,2 | 89,4 | 92,9 |
| Jun | 108,2 | 131,5 | 90,4 | 86,2 | 97,9 | 106,1 | 97,0 | 89,7 |
| Jul | 93,5 | 135,3 | 91,1 | 85,4 | 113,6 | 107,8 | 91,0 | 88,6 |
| Ago | 87,8 | 133,3 | 94,9 | 93,3 | 109,7 | 108,6 | 90,4 | 87,2 |
| Set | 96,1 | 134,7 | 96,6 | 87,0 | 95,7 | 110,4 | 88,6 | 97,4 |
| Out | 97,3 | 137,3 | 98,3 | 89,7 | 101,1 | 110,9 | 82,3 | 88,1 |
| Nov | 93,2 | 133,7 | 99,1 | 84,7 | 113,3 | 114,4 | 81,5 | 87,3 |
| Dez | 98,6 | 132,8 | 97,1 | 89,9 | 102,2 | 110,9 | 83,0 | 89,2 |
| Media total | 99,2 | 133,9 | 94,6 | 88,1 | 105,0 | 109,7 | 89,1 | 92,5 |
| Desvio Total | 7,2 | 1,9 | 3,2 | 3,1 | 8,1 | 2,7 | 5,3 | 6,4 |
| Media 1ºsem | 106,3 | 131,9 | 92,3 | 87,8 | 103,7 | 108,0 | 93,5 | 96,8 |
| Media 2ºsem | 94,4 | 134,5 | 96,2 | 88,3 | 105,9 | 110,5 | 86,1 | 89,6 |
| Desvio 1ºsem | 4,5 | 0,5 | 2,3 | 3,3 | 10,1 | 3,2 | 3,2 | 7,6 |
| Desvio 2º sem | 3,9 | 1,6 | 2,9 | 3,2 | 7,3 | 2,3 | 4,3 | 3,9 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 97,3 | DND | 102,4 | 100,5 | 98,5 | DND | 98,6 | 103,1 |
| Fev | 95,3 | DND | 99,5 | 105,7 | 101,2 | 90,6 | 89,2 | 112,5 |
| Mar | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Abr | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND | DND |
| Mai | 107,4 | 106,3 | 97,7 | 100,4 | 98,2 | 91,3 | 95,4 | 99,3 |
| Jun | 93,7 | 106,2 | 91,3 | 89,9 | 92,8 | 90,4 | 131,2 | 98,4 |
| Jul | 99,7 | 107,8 | 100,5 | 103,1 | 101,5 | 91,0 | 93,8 | 101,2 |
| Ago | 97,5 | 111,5 | 98,5 | 104,7 | 101,7 | 89,9 | 95,2 | 101,4 |
| Set | 97,5 | 110,3 | 96,0 | 101,3 | 105,9 | 87,0 | 97,5 | 103,0 |
| Out | 99,6 | 109,3 | 97,3 | 101,6 | 100,5 | 95,7 | 98,1 | 100,5 |
| Nov | 94,2 | 113,4 | 96,5 | 99,5 | 103,2 | 89,7 | 101,0 | 103,0 |
| Dez | 97,7 | 114,1 | 94,1 | 99,6 | 104,4 | 88,4 | 98,7 | 105,6 |
| Media total | 98,0 | 109,9 | 97,4 | 100,6 | 100,8 | 90,4 | 99,9 | 102,8 |
| Desvio Total | 3,9 | 3,0 | 3,2 | 4,3 | 3,7 | 2,4 | 11,5 | 4,0 |
| Media 1ºsem | 98,4 | 106,3 | 97,7 | 99,1 | 97,7 | 90,8 | 103,6 | 103,3 |
| Media 2ºsem | 97,7 | 111,1 | 97,2 | 101,6 | 102,9 | 90,3 | 97,4 | 102,4 |
| Desvio 1ºsem | 6,2 | 0,0 | 4,7 | 6,6 | 3,5 | 0,5 | 18,8 | 6,5 |
| Desvio 2º sem | 2,0 | 2,4 | 2,2 | 2,0 | 2,0 | 3,0 | 2,6 | 1,8 |

Quadro 28: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2008

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 101,3 | 119,7 | 97,4 | 92,2 | 99,8 | 105,0 | 91,3 | 96,8 |
| Fev | 98,2 | 121,5 | 95,2 | 94,8 | 98,2 | 104,1 | 94,2 | 98,3 |
| Mar | 94,8 | 121,3 | 94,6 | 92,2 | 102,8 | 103,6 | 89,9 | 105,2 |
| Abr | 93,0 | 118,6 | 95,1 | 92,0 | 104,8 | 104,5 | 89,0 | 107,9 |
| Mai | 97,2 | 120,4 | 92,6 | 93,5 | 104,8 | 102,3 | 88,9 | 102,9 |
| Jun | 97,1 | 118,6 | 93,6 | 89,9 | 104,9 | 104,5 | 88,3 | 103,9 |
| Jul | 95,5 | 119,2 | 96,5 | 91,5 | 106,2 | 105,1 | 85,4 | 103,8 |
| Ago | 105,6 | 112,6 | 93,7 | 98,2 | 99,7 | 103,0 | 88,4 | 96,2 |
| Set | 108,1 | 113,0 | 92,9 | 92,6 | 100,7 | 106,9 | 87,9 | 95,5 |
| Out | 102,1 | 112,6 | 92,4 | 87,0 | 107,4 | 110,8 | 93,5 | 92,0 |
| Nov | 97,8 | 116,6 | 98,0 | 89,0 | 101,0 | 104,9 | 95,3 | 99,2 |
| Dez | 94,5 | 115,8 | 99,8 | 85,5 | 96,8 | 108,7 | 102,2 | 102,3 |
| Media total | 98,8 | 117,5 | 95,2 | 91,5 | 102,3 | 105,3 | 91,2 | 100,3 |
| Desvio Total | 4,6 | 3,3 | 2,3 | 3,4 | 3,4 | 2,4 | 4,5 | 4,7 |
| Media 1ºsem | 97,0 | 120,0 | 94,8 | 92,4 | 102,5 | 104,0 | 90,3 | 102,5 |
| Media 2ºsem | 100,6 | 114,9 | 95,6 | 90,6 | 102,0 | 106,6 | 92,1 | 98,2 |
| Desvio 1ºsem | 2,9 | 1,3 | 1,6 | 1,6 | 2,9 | 1,0 | 2,2 | 4,2 |
| Desvio 2º sem | 5,6 | 2,7 | 3,0 | 4,6 | 4,1 | 2,8 | 6,2 | 4,5 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 104,0 | 131,4 | 98,7 | 86,5 | 97,5 | 116,3 | 81,2 | 87,6 |
| Fev | 95,7 | 134,4 | 96,9 | 90,3 | 99,4 | 114,9 | 84,6 | 88,5 |
| Mar | 89,7 | 134,9 | 98,0 | 85,8 | 98,7 | 114,6 | 81,6 | 103,7 |
| Abr | 88,6 | 131,3 | 98,0 | 80,3 | 105,6 | 116,1 | 80,8 | 107,7 |
| Mai | 96,3 | 136,2 | 96,1 | 79,6 | 106,6 | 113,0 | 79,4 | 99,1 |
| Jun | 93,5 | 137,0 | 97,9 | 80,3 | 107,3 | 112,3 | 79,1 | 99,1 |
| Jul | 93,2 | 132,6 | 99,5 | 83,1 | 108,4 | 113,1 | 78,7 | 97,4 |
| Ago | 108,7 | 121,0 | 96,3 | 96,5 | 95,1 | 111,3 | 79,8 | 82,7 |
| Set | 112,3 | 124,7 | 94,4 | 88,3 | 97,5 | 113,3 | 80,5 | 82,4 |
| Out | 102,0 | 127,4 | 84,5 | 77,7 | 115,0 | 120,6 | 88,8 | 84,1 |
| Nov | 95,7 | 136,0 | 94,1 | 81,0 | 103,0 | 114,0 | 90,1 | 91,1 |
| Dez | 91,7 | 123,6 | 99,1 | 75,8 | 89,1 | 119,6 | 102,0 | 102,0 |
| Media total | 97,6 | 130,9 | 96,1 | 83,8 | 101,9 | 114,9 | 83,9 | 93,8 |
| Desvio Total | 7,5 | 5,4 | 4,0 | 5,9 | 7,0 | 2,8 | 6,8 | 8,8 |
| Media 1ºsem | 94,6 | 134,2 | 97,6 | 83,8 | 102,5 | 114,5 | 81,1 | 97,6 |
| Media 2ºsem | 100,6 | 127,5 | 94,7 | 83,7 | 101,4 | 115,3 | 86,6 | 89,9 |
| Desvio 1ºsem | 5,5 | 2,4 | 1,0 | 4,4 | 4,4 | 1,6 | 2,0 | 8,1 |
| Desvio 2º sem | 8,5 | 5,7 | 5,5 | 7,6 | 9,4 | 3,8 | 8,9 | 8,4 |

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 98,7 | 108,0 | 96,4 | 99,9 | 101,6 | 88,1 | 98,9 | 105,9 |
| Fev | 100,6 | 108,5 | 93,9 | 100,7 | 97,3 | 87,7 | 101,3 | 108,1 |
| Mar | 100,0 | 107,8 | 92,1 | 98,6 | 105,9 | 87,1 | 98,2 | 107,1 |
| Abr | 97,5 | 106,0 | 93,0 | 103,6 | 103,9 | 87,2 | 97,1 | 108,1 |
| Mai | 98,2 | 104,7 | 90,0 | 107,3 | 103,0 | 86,3 | 98,4 | 108,0 |
| Jun | 100,6 | 104,8 | 90,3 | 99,5 | 102,4 | 92,8 | 97,6 | 110,4 |
| Jul | 97,8 | 105,8 | 94,2 | 99,8 | 104,1 | 93,0 | 92,1 | 112,2 |
| Ago | 102,5 | 104,1 | 91,8 | 100,0 | 103,2 | 90,7 | 94,8 | 116,4 |
| Set | 103,9 | 101,3 | 91,4 | 97,0 | 103,1 | 100,5 | 95,3 | 108,6 |
| Out | 102,1 | 101,4 | 103,0 | 96,3 | 99,9 | 91,0 | 98,1 | 115,9 |
| Nov | 100,0 | 102,0 | 100,9 | 97,0 | 98,9 | 86,6 | 100,4 | 110,1 |
| Dez | 97,4 | 108,1 | 100,4 | 95,2 | 102,5 | 87,0 | 102,4 | 102,6 |
| Media total | 99,9 | 105,2 | 94,8 | 99,6 | 102,1 | 89,8 | 97,9 | 109,5 |
| Desvio Total | 2,1 | 2,6 | 4,4 | 3,3 | 2,4 | 4,1 | 2,9 | 3,9 |
| Media 1ºsem | 99,3 | 106,6 | 92,6 | 101,6 | 102,3 | 88,2 | 98,6 | 107,9 |
| Media 2ºsem | 100,6 | 103,8 | 97,0 | 97,5 | 101,9 | 91,5 | 97,2 | 111,0 |
| Desvio 1ºsem | 1,3 | 1,7 | 2,4 | 3,3 | 2,9 | 2,3 | 1,5 | 1,5 |
| Desvio 2º sem | 2,7 | 2,7 | 5,1 | 2,0 | 2,1 | 5,1 | 3,9 | 5,1 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 32: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2009

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 86,3 | 127,7 | 98,6 | 78,3 | 92,4 | 120,3 | 100,6 | 102,4 |
| Fev | 86,2 | 128,0 | 95,2 | 88,9 | 102,7 | 112,6 | 103,9 | 89,9 |
| Mar | 94,8 | 118,0 | 94,1 | 84,8 | 96,1 | 105,7 | 100,2 | 89,8 |
| Abr | 93,7 | 130,4 | 94,6 | 86,2 | 102,1 | 110,4 | 100,9 | 90,6 |
| Mai | 93,3 | 133,4 | 93,8 | 84,7 | 101,4 | 109,2 | 102,4 | 88,7 |
| Jun | 96,2 | 130,9 | 92,3 | 86,9 | 103,0 | 110,1 | 96,1 | 89,2 |
| Jul | 119,2 | 128,2 | 89,2 | 81,8 | 100,1 | 106,7 | 88,7 | 85,8 |
| Ago | 95,2 | 135,1 | 90,8 | 86,5 | 103,9 | 113,7 | 93,1 | 86,6 |
| Set | 99,3 | 124,8 | 94,4 | 89,6 | 103,3 | 114,9 | 91,0 | 86,5 |
| Out | 93,7 | 119,2 | 97,1 | 92,7 | 101,0 | 115,2 | 100,6 | 86,0 |
| Nov | 93,7 | 120,2 | 95,7 | 89,9 | 101,4 | 113,3 | 103,8 | 88,5 |
| Dez | 91,6 | 122,4 | 93,4 | 89,0 | 103,2 | 114,4 | 105,4 | 86,2 |
| Media total | 95,2 | 126,5 | 94,1 | 86,6 | 100,9 | 112,2 | 98,9 | 89,2 |
| Desvio Total | 8,4 | 5,6 | 2,6 | 3,9 | 3,4 | 4,0 | 5,4 | 4,5 |
| Media 1ºsem | 91,7 | 128,1 | 94,8 | 85,0 | 99,6 | 111,4 | 100,7 | 91,8 |
| Media 2ºsem | 98,8 | 125,0 | 93,4 | 88,3 | 102,1 | 113,0 | 97,1 | 86,6 |
| Desvio 1ºsem | 4,4 | 5,3 | 2,1 | 3,6 | 4,4 | 4,9 | 2,6 | 5,3 |
| Desvio 2º sem | 10,3 | 5,9 | 3,0 | 3,7 | 1,5 | 3,2 | 7,1 | 1,0 |

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 86,3 | 127,7 | 98,6 | 78,3 | 92,4 | 120,3 | 100,6 | 102,4 |
| Fev | 86,2 | 128,0 | 95,2 | 88,9 | 102,7 | 112,6 | 103,9 | 89,9 |
| Mar | 94,8 | 118,0 | 94,1 | 84,8 | 96,1 | 105,7 | 100,2 | 89,8 |
| Abr | 93,7 | 130,4 | 94,6 | 86,2 | 102,1 | 110,4 | 100,9 | 90,6 |
| Mai | 93,3 | 133,4 | 93,8 | 84,7 | 101,4 | 109,2 | 102,4 | 88,7 |
| Jun | 96,2 | 130,9 | 92,3 | 86,9 | 103,0 | 110,1 | 96,1 | 89,2 |
| Jul | 119,2 | 128,2 | 89,2 | 81,8 | 100,1 | 106,7 | 88,7 | 85,8 |
| Ago | 95,2 | 135,1 | 90,8 | 86,5 | 103,9 | 113,7 | 93,1 | 86,6 |
| Set | 99,3 | 124,8 | 94,4 | 89,6 | 103,3 | 114,9 | 91,0 | 86,5 |
| Out | 93,7 | 119,2 | 97,1 | 92,7 | 101,0 | 115,2 | 100,6 | 86,0 |
| Nov | 93,7 | 120,2 | 95,7 | 89,9 | 101,4 | 113,3 | 103,8 | 88,5 |
| Dez | 91,6 | 122,4 | 93,4 | 89,0 | 103,2 | 114,4 | 105,4 | 86,2 |
| Media total | 95,2 | 126,5 | 94,1 | 86,6 | 100,9 | 112,2 | 98,9 | 89,2 |
| Desvio Total | 8,4 | 5,6 | 2,6 | 3,9 | 3,4 | 4,0 | 5,4 | 4,5 |
| Media 1ºsem | 91,7 | 128,1 | 94,8 | 85,0 | 99,6 | 111,4 | 100,7 | 91,8 |
| Media 2ºsem | 98,8 | 125,0 | 93,4 | 88,3 | 102,1 | 113,0 | 97,1 | 86,6 |
| Desvio 1ºsem | 4,4 | 5,3 | 2,1 | 3,6 | 4,4 | 4,9 | 2,6 | 5,3 |
| Desvio 2º sem | 10,3 | 5,9 | 3,0 | 3,7 | 1,5 | 3,2 | 7,1 | 1,0 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 98,9 | 105,5 | 102,5 | 96,2 | 98,2 | 85,6 | 100,4 | 105,5 |
| Fev | 99,9 | 109,8 | 99,7 | 96,9 | 99,1 | 86,7 | 99,2 | 104,6 |
| Mar | 97,7 | 109,2 | 100,0 | 95,3 | 96,8 | 87,4 | 104,8 | 105,7 |
| Abr | 100,9 | 112,1 | 101,7 | 95,3 | 97,3 | 87,3 | 92,3 | 106,7 |
| Mai | 96,7 | 117,8 | 99,6 | 93,5 | 96,8 | 84,1 | 96,5 | 107,0 |
| Jun | 96,4 | 115,1 | 98,6 | 95,4 | 99,3 | 84,0 | 96,3 | 106,8 |
| Jul | 97,9 | 116,2 | 98,1 | 95,4 | 97,2 | 83,5 | 99,4 | 104,0 |
| Ago | 95,4 | 118,0 | 96,8 | 95,4 | 100,8 | 80,8 | 99,1 | 104,1 |
| Set | 95,9 | 118,2 | 97,1 | 93,7 | 103,7 | 81,5 | 96,5 | 104,2 |
| Out | 98,1 | 119,5 | 92,9 | 97,4 | 100,9 | 85,0 | 97,5 | 99,5 |
| Nov | 97,8 | 119,4 | 93,3 | 97,0 | 103,2 | 88,0 | 98,5 | 98,1 |
| Dez | 98,9 | 118,0 | 94,5 | 96,7 | 103,9 | 87,8 | 98,6 | 98,6 |
| Media total | 97,9 | 114,9 | 97,9 | 95,7 | 99,8 | 85,2 | 98,3 | 103,7 |
| Desvio Total | 1,6 | 4,6 | 3,1 | 1,2 | 2,7 | 2,4 | 3,0 | 3,2 |
| Media 1ºsem | 98,4 | 111,6 | 100,3 | 95,4 | 97,9 | 85,9 | 98,3 | 106,1 |
| Media 2ºsem | 97,3 | 118,2 | 95,5 | 95,9 | 101,6 | 84,4 | 98,3 | 101,4 |
| Desvio 1ºsem | 1,8 | 4,4 | 1,4 | 1,1 | 1,1 | 1,5 | 4,3 | 1,0 |
| Desvio 2º sem | 1,4 | 1,2 | 2,2 | 1,4 | 2,6 | 3,1 | 1,1 | 3,0 |

Quadro 29: Indicador Ansa Serie 2 - Índice de Preços em 2010

A) Índice de Preços Global

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 95,4 | 117,0 | 93,7 | 91,9 | 104,0 | 103,6 | 102,0 | 94,0 |
| Fev | 92,7 | 120,0 | 92,5 | 93,6 | DND | DND | 105,5 | 97,2 |
| Mar | 87,7 | 120,6 | 93,8 | 85,4 | DND | 106,4 | 107,4 | 101,2 |
| Abr | 90,6 | 119,1 | 94,8 | 88,3 | DND | 102,6 | 103,7 | 102,8 |
| Mai | 94,8 | 118,6 | 95,2 | 92,0 | DND | 97,3 | 106,0 | 97,0 |
| Jun | 99,7 | 119,0 | 95,4 | 91,0 | DND | 95,5 | 102,3 | 97,1 |
| Jul | 100,4 | 118,9 | 94,3 | 91,4 | DND | 95,3 | 104,2 | 95,7 |
| Ago | 102,4 | 116,1 | 91,8 | 90,7 | DND | 104,5 | 94,0 | 101,0 |
| Set | 100,7 | 118,8 | 93,6 | 87,8 | DND | 107,4 | 98,0 | 96,3 |
| Out | 90,8 | 121,1 | 90,1 | 95,6 | DND | 103,2 | 96,6 | 99,6 |
| Nov | 88,6 | 119,0 | 90,0 | 91,9 | DND | 102,8 | 96,3 | 103,3 |
| Dez | 88,1 | 118,7 | 89,0 | 98,6 | DND | 105,5 | 96,8 | 100,6 |
| Media total | 94,3 | 118,9 | 92,9 | 91,5 | 104,0 | 102,2 | 101,1 | 98,8 |
| Desvio Total | 5,4 | 1,4 | 2,2 | 3,5 | DND | 4,2 | 4,5 | 3,0 |
| Media 1ºsem | 93,5 | 119,0 | 94,2 | 90,4 | 104,0 | 101,1 | 104,5 | 98,2 |
| Media 2ºsem | 95,2 | 118,8 | 91,5 | 92,7 | DND | 103,1 | 97,7 | 99,4 |
| Desvio 1ºsem | 4,1 | 1,2 | 1,1 | 3,0 | DND | 4,5 | 2,2 | 3,2 |
| Desvio 2º sem | 6,7 | 1,6 | 2,1 | 3,8 | DND | 4,2 | 3,5 | 2,9 |

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

B) Índice de Preços dos produtos locais.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 92,0 | 118,6 | 93,2 | 87,6 | 104,2 | 115,4 | 106,6 | 87,8 |
| Fev | 88,0 | 126,1 | 95,1 | 89,7 | DND | DND | 111,0 | 96,3 |
| Mar | 75,2 | 121,2 | 93,4 | 78,2 | DND | 122,8 | 110,8 | 102,2 |
| Abr | 78,6 | 120,3 | 92,5 | 82,2 | DND | 117,3 | 109,1 | 103,2 |
| Mai | 91,5 | 121,9 | 92,9 | 90,1 | DND | 111,1 | 108,3 | 90,4 |
| Jun | 101,3 | 123,8 | 93,0 | 89,3 | DND | 110,6 | 95,0 | 90,1 |
| Jul | 99,9 | 123,1 | 92,4 | 90,3 | DND | 109,3 | 99,8 | 88,4 |
| Ago | 103,9 | 116,8 | 88,3 | 91,3 | DND | 109,6 | 89,5 | 102,2 |
| Set | 93,1 | 125,6 | 92,5 | 85,1 | DND | 117,4 | 99,5 | 96,5 |
| Out | 92,8 | 129,1 | 84,3 | 94,2 | DND | 107,1 | 92,4 | 97,2 |
| Nov | 83,4 | 123,5 | 81,0 | 85,5 | DND | 113,1 | 93,6 | 103,9 |
| Dez | 86,1 | 115,1 | 81,9 | 99,8 | DND | 115,6 | 96,5 | 99,0 |
| Media total | 90,5 | 122,1 | 90,0 | 88,6 | 104,2 | 113,6 | 101,0 | 96,4 |
| Desvio Total | 8,8 | 4,0 | 4,9 | 5,6 | DND | 4,6 | 7,8 | 5,9 |
| Media 1ºsem | 87,8 | 122,0 | 93,3 | 86,2 | 104,2 | 115,4 | 106,8 | 95,0 |
| Media 2ºsem | 93,2 | 122,2 | 86,7 | 91,0 | DND | 112,0 | 95,2 | 97,9 |
| Desvio 1ºsem | 9,5 | 2,7 | 0,9 | 4,9 | DND | 5,0 | 6,0 | 6,6 |
| Desvio 2º sem | 7,8 | 5,3 | 5,1 | 5,5 | DND | 4,0 | 4,1 | 5,4 |

C) Índice de Preços dos produtos importados.

| In.2médio | S. Filipe | Maio | Brava | Stª Catarina | Stº Antão | S. Vicente | S. Miguel | Tarrafal |
|---------------|-----------|-------|-------|--------------|-----------|------------|-----------|----------|
| Jan | 98,8 | 115,8 | 94,2 | 96,3 | 103,9 | 91,9 | 98,6 | 98,6 |
| Fev | 97,4 | 115,4 | 90,6 | 97,4 | DND | DND | 101,4 | 97,7 |
| Mar | 100,3 | 120,2 | 94,2 | 92,6 | DND | 84,5 | 104,1 | 100,3 |
| Abr | 102,7 | 118,1 | 97,1 | 94,4 | DND | 82,9 | 96,5 | 102,4 |
| Mai | 98,1 | 116,1 | 97,5 | 93,9 | DND | 83,4 | 104,2 | 102,0 |
| Jun | 98,2 | 115,4 | 97,8 | 92,6 | DND | 80,5 | 107,7 | 102,4 |
| Jul | 101,0 | 115,7 | 96,2 | 92,5 | DND | 81,4 | 106,4 | 101,1 |
| Ago | 101,0 | 115,5 | 95,4 | 90,1 | DND | 99,5 | 97,3 | 100,0 |
| Set | 108,3 | 113,7 | 95,1 | 90,5 | DND | 97,3 | 96,9 | 96,2 |
| Out | 90,3 | 115,1 | 95,9 | 97,1 | DND | 99,2 | 99,8 | 101,4 |
| Nov | 92,4 | 115,7 | 96,1 | 98,3 | DND | 92,5 | 99,0 | 102,9 |
| Dez | 89,6 | 121,3 | 93,8 | 97,5 | DND | 95,4 | 97,1 | 101,9 |
| Media total | 98,2 | 116,5 | 95,3 | 94,4 | 103,9 | 89,9 | 100,8 | 100,6 |
| Desvio Total | 5,3 | 2,2 | 2,0 | 2,8 | DND | 7,5 | 4,0 | 2,1 |
| Media 1ºsem | 99,2 | 116,8 | 95,2 | 94,5 | 103,9 | 84,6 | 102,1 | 100,5 |
| Media 2ºsem | 97,1 | 116,2 | 95,4 | 94,3 | DND | 94,2 | 99,4 | 100,6 |
| Desvio 1ºsem | 1,9 | 1,9 | 2,8 | 2,0 | DND | 4,3 | 4,1 | 2,0 |
| Desvio 2º sem | 7,5 | 2,6 | 0,9 | 3,7 | DND | 6,8 | 3,6 | 2,4 |

Fonte: Cálculos do autor com base em dados ANSA, 2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 30: Produção e consumo mundial de arroz (milhões de toneladas)

| Ano | Produção (1000T) | Exportação (1000T) | Importação (1000T) | Consumo Aparente (1000T) | Consumo Aparente <i>per</i> <i>capita</i> (Kg/ano) | População mundial |
|------------|-----------------------------|-------------------------------|-------------------------------|---|---|------------------------------|
| 1965 | 260360,0 | 502,0 | 503,6 | 260361,5 | 77,7 | 3350247056 |
| 1970 | 308112,3 | 23322,3 | 399,3 | 285189,3 | 76,8 | 3712963247 |
| 1975 | 345086,3 | 202,3 | 232,2 | 345116,2 | 84,4 | 4090414797 |
| 1980 | 393939,0 | 373,5 | 200,8 | 393766,3 | 88,4 | 4452942594 |
| 1985 | 465590,3 | 472,9 | 1099,1 | 466216,5 | 96,0 | 4858255344 |
| 1990 | 517380,7 | 273,7 | 361,6 | 517468,6 | 97,8 | 5289040477 |
| 1995 | 562530,3 | 894,4 | 4208,7 | 565844,6 | 99,3 | 5700328131 |
| 2000 | 599586,0 | 1468,4 | 1742,2 | 599859,7 | 98,5 | 6089648784 |
| 2005 | 616131,7 | 1757,8 | 2121,9 | 616495,8 | 95,3 | 6469688764 |
| 2006 | 627311,0 | 1723,2 | 2464,3 | 628052,1 | 95,9 | 6546299902 |
| 2007 | 647077,0 | 1680,0 | 1836,8 | 647233,8 | 97,7 | 6623914961 |
| 2008 | 661811,0 | 1992,4 | 1880,1 | 661698,7 | 98,7 | 6700983106 |
| 2009 | 684779,9 | 1839,5 | 1880,6 | 684821,0 | 101,1 | 6776763237 |

Fonte: Cálculos do autor com base em dados FAO, 2011.

Quadro 31: Produção e consumo mundial de milho (milhões de toneladas).

| Ano | Produção (1000T) | Exportação (1000T) | Importação (1000T) | Consumo Aparente (1000T) | Consumo Aparente <i>per</i> <i>capita</i> (Kg/ano) | População mundial |
|------------|-----------------------------|-------------------------------|-------------------------------|---|---|------------------------------|
| 1965 | 229118,7 | 24419,7 | 24132,4 | 228831,3 | 68,3 | 3350247056 |
| 1970 | 282986,6 | 29437,3 | 28908,0 | 282457,3 | 76,1 | 3712963247 |
| 1975 | 333448,4 | 54737,1 | 53845,3 | 332556,6 | 81,3 | 4090414797 |
| 1980 | 420673,0 | 78376,5 | 76800,0 | 419096,5 | 94,1 | 4452942594 |
| 1985 | 471384,6 | 65445,0 | 65764,0 | 471703,7 | 97,1 | 4858255344 |
| 1990 | 484866,7 | 71879,0 | 72144,0 | 485131,6 | 91,7 | 5289040477 |
| 1995 | 558469,2 | 71725,7 | 70312,8 | 557056,3 | 97,7 | 5700328131 |
| 2000 | 605055,5 | 81646,8 | 80802,5 | 604211,2 | 99,2 | 6089648784 |
| 2005 | 716312,7 | 89508,3 | 88748,5 | 715552,9 | 110,6 | 6469688764 |
| 2006 | 706698,0 | 789,5 | 95444,1 | 801352,7 | 122,4 | 6546299902 |
| 2007 | 789480,9 | 826,2 | 107228,7 | 895883,4 | 135,2 | 6623914961 |
| 2008 | 826224,2 | 102114,1 | 103608,4 | 827718,5 | 123,5 | 6700983106 |
| 2009 | 817110,5 | 100417,0 | 953960,6 | 1670654,0 | 246,5 | 6776763237 |

Fonte: Cálculos do autor com base em dados FAO, 2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 32: Produção e consumo mundial de trigo (milhões de toneladas).

| Ano | Produção (1000 ton) | Exportação (1000 ton) | Importação (1000 ton) | Consumo Aparente (1000 ton) | Consumo Aparente <i>per</i> <i>capita</i> (Kg/ano) | População mundial |
|------|------------------------|--------------------------|--------------------------|-----------------------------------|--|----------------------|
| 1965 | 278741,0 | 52941,3 | 52041,8 | 277841,5 | 82,9 | 3350247056 |
| 1970 | 322302,3 | 48278,5 | 47837,1 | 321860,8 | 86,7 | 3712963247 |
| 1975 | 378166,5 | 63081,5 | 64964,4 | 380049,4 | 92,9 | 4090414797 |
| 1980 | 437607,1 | 85846,5 | 85372,6 | 437133,1 | 98,2 | 4452942594 |
| 1985 | 513514,3 | 96882,0 | 96512,2 | 513144,5 | 105,6 | 4858255344 |
| 1990 | 559131,6 | 101605,4 | 101009,5 | 558535,7 | 105,6 | 5289040477 |
| 1995 | 551613,1 | 101395,6 | 101588,5 | 551805,9 | 96,8 | 5700328131 |
| 2000 | 587711,6 | 115143,1 | 114229,2 | 586797,7 | 96,4 | 6089648784 |
| 2005 | 620800,8 | 121948,3 | 120684,1 | 619536,5 | 95,8 | 6469688764 |
| 2006 | 602887,2 | 126440,1 | 124570,4 | 601017,5 | 91,8 | 6546299902 |
| 2007 | 612606,8 | 132793,6 | 128203,0 | 608016,3 | 91,8 | 6623914961 |
| 2008 | 683406,5 | 131129,5 | 128308,6 | 680585,7 | 101,6 | 6700983106 |
| 2009 | 681915,8 | 149324,6 | 140713,8 | 673305,0 | 99,4 | 6776763237 |

Fonte: Cálculos do autor com base em dados FAO, 2011.

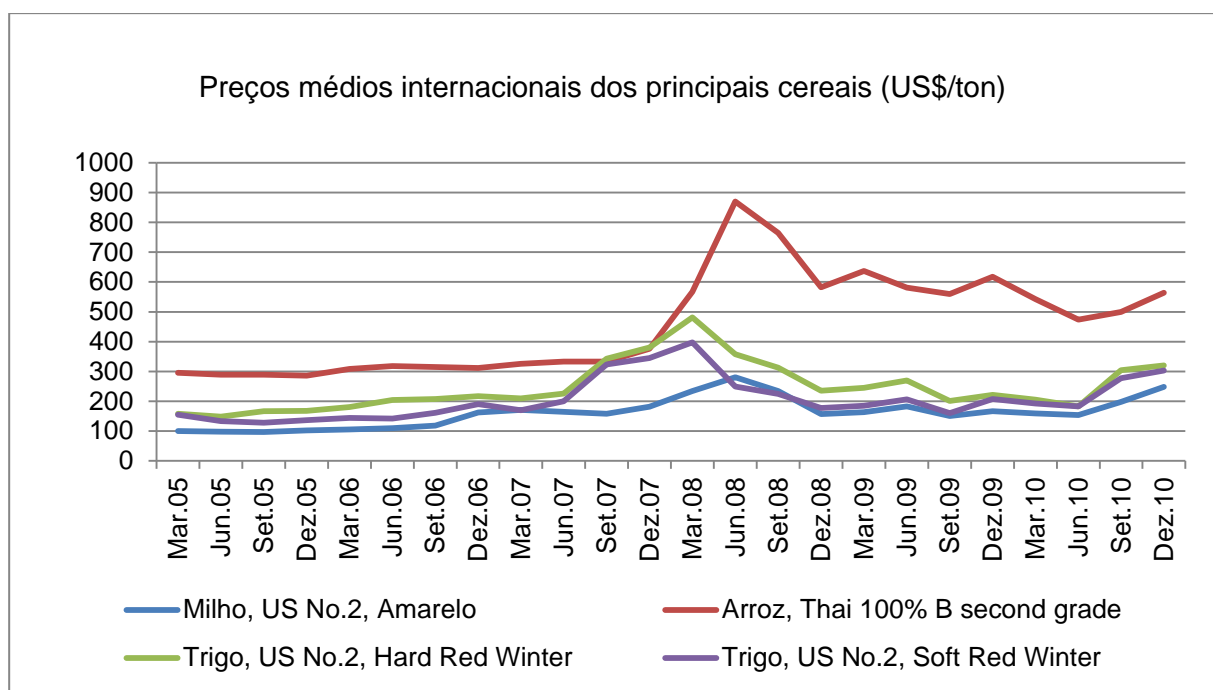


Figura 17: Evolução dos preços médios internacionais dos principais cereais (US\$/ton).

Fonte: Cálculo do autor com base em dados ANSA, 2011.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

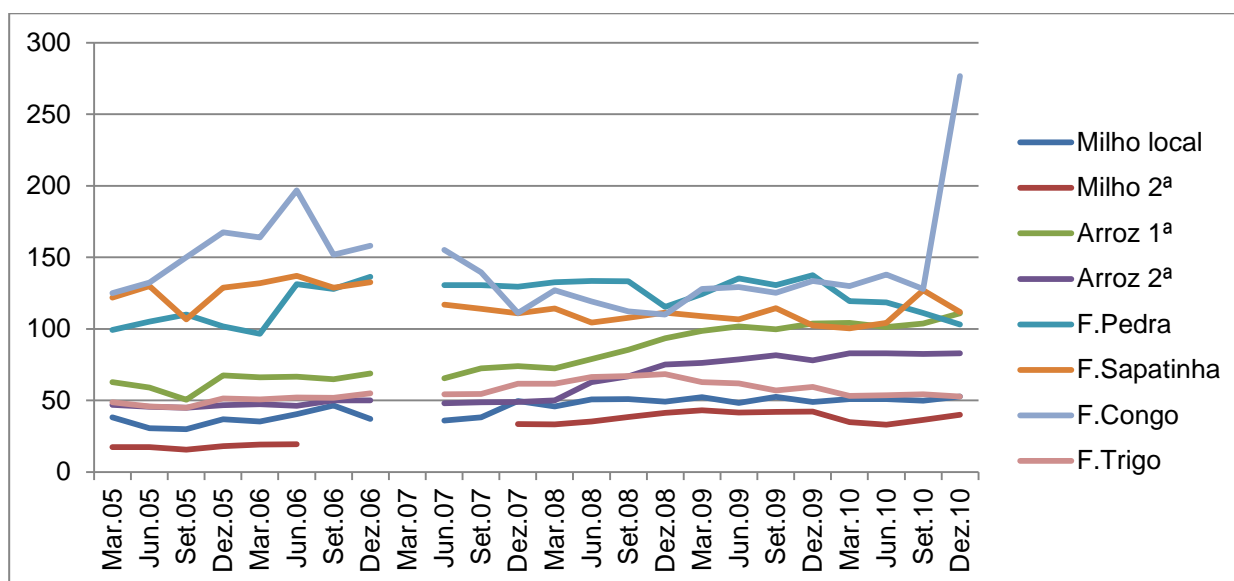


Figura 18: Evolução da Média de preços dos produtos no mercado de Santa Catarina em Cabo Verde (ECV/Kg/L). **Fonte:** Cálculo do autor com base em dados ANSA,2011.

Quadro 33: Principais produtores mundiais de arroz e os mais representativos PALOP (em milhares de toneladas de arroz com casca).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2008 | 2009 | 2010 |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|--------|
| China | 113 102 | 142 877 | 191 615 | 189 814 | 193 354 | 196681 | 197212 |
| Índia | 63 338 | 80 312 | 111 517 | 127 465 | 148 260 | 133700 | 120620 |
| Indonésia | 19 331 | 29 652 | 45 179 | 51 898 | 60 251 | 64399 | 66412 |
| Bangladesh | 16 715 | 20 821 | 26 778 | 37 628 | 46 905 | 47724 | 49355 |
| Vietname | 10 173 | 11 647 | 19 225 | 32 530 | 38 725 | 38950 | 39989 |
| Myanmar | 8 162 | 13 317 | 13 972 | 21 324 | 30 500 | 32682 | 33205 |
| Tailândia | 13 850 | 17 368 | 17 193 | 25 844 | 30 467 | 32116 | 31597 |
| Filipinas | 5 578 | 7 646 | 9 885 | 12 389 | 16 816 | 16266 | 15772 |
| Brasil | 7 553 | 9 776 | 7 421 | 11 090 | 12 100 | 12651 | 11309 |
| Japão | 16 493 | 12 189 | 13 124 | 11 863 | 11 029 | 10590 | 10600 |
| Guiné | 311 | 480 | 740 | 1 141 | 1 534 | 1499 | 1615 |
| Guiné-Bissau | 91 | 65 | 181 | 202 | 368 | 182 | 177 |
| Moçambique | 80 | 231 | 218 | 266 | 248 | 179 | 180 |
| Angola | 15 | 15 | 25 | 62 | 70 | 14 | 18 |

Fonte: FAO, 2011

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 34: Principais consumidores mundiais de arroz sem casca (consumo aparente em toneladas).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2007 |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| China | 113101872 | 142876522 | 191614942 | 189809329 | 187380531 |
| Índia | 63717808 | 80313296 | 111517401 | 127459503 | 144515115 |
| Indonésia | 19331000 | 29651904 | 45178652 | 51899630 | 57157865 |
| Bangladesh | 16714900 | 20821008 | 26777904 | 37627501 | 43048045 |
| Vietname | 10173300 | 11647400 | 19225104 | 32529500 | 35947434 |
| Tailândia | 13850000 | 17360211 | 17193216 | 25843985 | 32093778 |
| Myanmar | 8161900 | 13317400 | 13971800 | 21324088 | 31449700 |
| Filipinas | 5576499 | 7639510 | 9885000 | 12389461 | 16241401 |
| Brasil | 7552886 | 9776228 | 7491537 | 11290149 | 11107103 |
| Japão | 16493000 | 12188992 | 13124000 | 11862998 | 10892998 |
| EUA | 3801311 | 6629250 | 7080000 | 8657819 | 9001522 |

Fonte: FAO, 2011

Quadro 35: Principais importadores mundiais de arroz sem casca e PALOP (ton).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2007 |
|------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Filipinas | 0 | 3 | 592 727 | 642 233 | 1 900 000 |
| Indonésia | 956 130 | 2 011 713 | 40 641 | 803 357 | 1 001 432 |
| África de Sul | 75 255 | 126 130 | 201 220 | 504 009 | 943 347 |
| Irão | 5 626 | 25 720 | 0 | 0 | 934 614 |
| Arábia Saudita | 202 027 | 347 961 | 279 507 | 932 101 | 924 713 |
| Benim | 4 300 | 17 476 | 131 000 | 47 627 | 922 457 |
| Coreia | 0 | 0 | 27 000 | 795 000 | 785 000 |
| Iraque | 2 241 | 400 000 | 380 000 | 1 200 000 | 735 810 |
| Emiratos Árabes | 15 651 | 234 395 | 309 182 | 431 856 | 734 584 |
| Costa do Marfim | 78 666 | 253 136 | 308 432 | 352 398 | 613 568 |
| Moçambique | 51 | 84 481 | 70 000 | 70 000 | 425 600 |
| Guiné | 30 000 | 128 000 | 182 158 | 101 745 | 313 573 |
| Angola | 4 866 | 55 082 | 98 600 | 57 500 | 166 100 |
| Cabo Verde | 2 692 | 10 274 | 8 746 | 18 503 | 31 999 |
| Guiné-Bissau | 13 320 | 11 948 | 43 268 | 74 400 | 17 315 |
| S. Tomé | 1 625 | 2 800 | 2 300 | 3 800 | 2 283 |

Fonte: FAO, 2010

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 36: Exportações dos principais produtores mundiais de arroz sem casca e países CPLP (ton).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Tailândia | 1 047 455 | 2 762 916 | 3 557 816 | 5 282 156 | 7 408 299 | 8672450 | 6902450 |
| Índia | 27 187 | 432 925 | 504 982 | 1 527 109 | 6 143 344 | 2474250 | 2131270 |
| Vietname | 18 479 | 33 300 | 1 624 000 | 3 476 983 | 4 558 000 | 4735170 | 3411040 |
| Brasil | 46 119 | 332 | 1 010 | 12 865 | 56 784 | 319454 | 348811 |
| Indonésia | 0 | 10 003 | 0 | 196 | 336 | 429 | 2286 |
| Filipinas | 0 | 256 390 | 2 | 224 | 68 | 233 | 129 |
| China | 1 694 892 | 1 363 032 | 404 599 | 2 883 996 | 1 158 731 | 809316 | 622161 |
| Bangladesh | 0 | 0 | 0 | 700 | 8 483 | 5445 | 3201 |
| Myanmar | 640 964 | 653 100 | 213 600 | 251 400 | 1 624 | 40924 | 40924 |

Fonte: FAO, 2011

Quadro 37: Preço no produtor nos principais exportadores de arroz (US\$/ton).

| Países | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Bangladesh | 118.5 | 108.1 | 114.0 | 103.2 | 142.8 | 143.9 | 139.0 | 153.0 | 174.0 | 187.5 |
| Brasil | 136.1 | 124.7 | 133.5 | 190.1 | 217.2 | 203.5 | 208.8 | 256.4 | 356.8 | 339.2 |
| China | 205.4 | 151.7 | 140.9 | 207.8 | 314.1 | 321.0 | 331.1 | 227.0 | 278.0 | 284.0 |
| Índia | 132.6 | 124.6 | 124.1 | 134.2 | 207.7 | 203.7 | 259.0 | 154.1 | 385.7 | 376.3 |
| Indonésia | 127.1 | 112.3 | 133.9 | 140.5 | 176.1 | 210.3 | 231.7 | 277.5 | 280.0 | 209.0 |
| Japão | 2231.7 | 1970.7 | 1888.8 | 2399.4 | 2292.0 | 2016.7 | 1864.9 | 1811.9 | 2046.3 | 2348.9 |
| Filipinas | 190.5 | 160.2 | 170.9 | 163.1 | 168.6 | 189.4 | 203.9 | 243.6 | 318.8 | 306.9 |
| Tailândia | 108.5 | 108.6 | 117.6 | 134.2 | 165.5 | 172.2 | 180.5 | 326.7 | 290.8 | 291.0 |

Fonte: FAO, 2011

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 38: Principais consumidores mundiais de arroz e PALOP's (disponibilidade alimentar) (kcal/capita/dia).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 |
|---------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Vietname | 1 520,62 | 1 352,74 | 1 569,33 | 1 648,66 | 1 632,66 | 1 638,78 | 1 638,14 | 1 635,25 | 1 623,31 |
| Bangladesh | 1 569,13 | 1 334,06 | 1 507,03 | 1 536,39 | 1 534,06 | 1 617,83 | 1 577,57 | 1 571,75 | 1 591,90 |
| Laos | 1 687,76 | 1 503,12 | 1 474,64 | 1 464,27 | 1 459,12 | 1 461,72 | 1 466,03 | 1 476,86 | 1 474,98 |
| Camboja | 1 567,47 | 1 267,47 | 1 435,69 | 1 549,47 | 1 464,75 | 1 479,87 | 1 428,16 | 1 381,71 | 1 435,51 |
| Myanmar | 1 470,13 | 1 653,73 | 1 326,81 | 1 361,24 | 1 355,70 | 1 356,90 | 1 362,83 | 1 356,48 | 1 349,59 |
| Indonésia | 1 010,68 | 1 214,28 | 1 264,14 | 1 266,16 | 1 248,42 | 1 248,07 | 1 241,13 | 1 234,35 | 1 228,88 |
| Filipinas | 768,91 | 932,02 | 932,62 | 1 039,18 | 1 042,88 | 1 084,36 | 1 072,82 | 1 162,23 | 1 202,38 |
| Tailândia | 1 451,62 | 1 413,47 | 1 092,65 | 1 059,04 | 1 032,89 | 1 031,77 | 1 052,21 | 1 004,24 | 1 006,63 |
| Madagáscar | 1 240,19 | 1 195,46 | 1 006,81 | 980,95 | 980,07 | 967,7 | 988,06 | 982,31 | 997,17 |
| Guine | 484,47 | 712,25 | 927,59 | 927,58 | 955,56 | 949,84 | 900,64 | 909,73 | 942,18 |
| Guiné-Bissau | 582,25 | 432,17 | 1 045,14 | 897,89 | 890,62 | 829,83 | 874,93 | 775,23 | 667,31 |
| Cabo Verde | 98,23 | 167,47 | 239,55 | 381,66 | 374,74 | 363,85 | 456,75 | 445,68 | 494,45 |
| S. Tomé | 224,88 | 231,98 | 266,13 | 261,84 | 254,34 | 250,88 | 267,85 | 274,81 | 278 |
| Moçambique | 62,67 | 103,14 | 88,24 | 121,04 | 43,87 | 73,21 | 139,89 | 178,68 | 172,25 |
| Angola | 27,59 | 76,52 | 92,96 | 42,88 | 15,83 | 25,02 | 22,78 | 33,62 | 41,15 |

Fonte: FAO, 2010

Quadro 39: Principais produtores mundiais de Milho (1000 ton).

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2008 | 2009 | 2010 |
|----------------------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|--------|
| USA | 105 471 | 168 647 | 201 532 | 251 854 | 307 384 | 332549 | 316165 |
| China | 33 087 | 62 715 | 97 214 | 106 178 | 166 035 | 164108 | 177541 |
| Brasil | 14 216 | 20 372 | 21 348 | 31 879 | 59 018 | 50720 | 56060 |
| Mexico | 8 879 | 12 374 | 14 635 | 17 557 | 24 320 | 20143 | 23302 |
| Argentina | 9 360 | 6 400 | 5 400 | 16 781 | 22 017 | 13121 | 22677 |
| India | 7 486 | 6 957 | 8 962 | 12 043 | 19 290 | 16680 | 14060 |
| Indonesia | 2 825 | 3 991 | 6 734 | 9 677 | 16 324 | 17630 | 18364 |
| France | 7 491 | 9 323 | 9 401 | 16 018 | 15 819 | 15288 | 13975 |
| África do Sul | 6 179 | 11 040 | 9 180 | 11 431 | 11 597 | 12050 | 12815 |
| Ucrânia | | | | 3 848 | 11 447 | 10486 | 11953 |
| Total Mundial | 265 831 | 396 623 | 483 343 | 592 477 | 822 713 | 652775 | 666912 |

Fonte: FAO, 2010

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 40: Principais exportadores mundiais de milho (1000 ton)

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2007 | 2008 | 2009 |
|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| EUA | 14 409 | 63 152 | 52 172 | 47 971 | 57 014 | 54094 | 47813 |
| Argentina | 5 233 | 3 481 | 2 998 | 10 847 | 14 990 | 15383 | 8536 |
| Brazil | 1 471 | 6 | 0 | 7 | 10 933 | 6433 | 7782 |
| Hungria | 210 | 83 | 156 | 1 007 | 4 976 | 3372 | 4176 |
| China | 2 | 104 | 3 405 | 10 466 | 4 917 | 253 | 130 |
| França | 2 455 | 3 181 | 7 195 | 7 948 | 4 749 | 6138 | 6733 |
| India | 0 | 0 | 0 | 32 | 2 728 | 3537 | 2601 |
| Paraguay | 23 | 25 | 1 | 215 | 2 109 | 1059 | 1869 |
| Ucrânia | 0 | 0 | 0 | 163 | 809 | 2812 | 7179 |
| Alemanha | 72 | 125 | 226 | 553 | 712 | 685 | 687 |
| Total | 29 676 | 80 303 | 72 039 | 82 354 | 109 684 | 93766 | 87506 |
| Mundial | | | | | | | |

Fonte: FAO, 2010

Quadro 41: Principais importadores mundiais de milho (1000 ton)

| Países | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Japão | 6 018 | 12 830 | 16 008 | 16 111 | 16 628 | 16460 | 16193 |
| Coreia | 214 | 2 351 | 6 158 | 8 715 | 8 579 | 9021 | 7334 |
| Mexico | 761 | 3 777 | 4 104 | 5 348 | 7 955 | 9146 | 7261 |
| Espanha | 1 972 | 4 533 | 1 810 | 3 484 | 6 675 | 5442 | 4049 |
| China | 652 | 4 433 | 5 440 | 4 945 | 4 530 | 4231 | 4676 |
| Egipto | 73 | 596 | 1 900 | 4 710 | 4 474 | 3980 | 1935 |
| Holanda | 2 467 | 3 010 | 2 012 | 1 306 | 3 448 | 3557 | 3146 |
| Irão | 12 | 647 | 936 | 1 181 | 3 409 | 2971 | 3735 |
| Colombia | 7 | 193 | 33 | 1 939 | 3 323 | 3324 | 3245 |
| Malaysia | 218 | 663 | 1 480 | 2 249 | 2 658 | 2101 | 2628 |
| Total | 28 980 | 79 842 | 73 513 | 82 108 | 107 151 | 60233 | 54203 |
| Mundial | | | | | | | |

Fonte: FAO, 2010

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 42: Preço no produtor nos principais exportadores de milho (US\$/ton).

| Países | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-----------|--------|--------|--------|--------|--------|----------|----------|----------|-------|-------|
| USA | 73.00 | 78.00 | 91.00 | 95.00 | 81.00 | 79.00 | 120.00 | 157.00 | 160.0 | 146.0 |
| Argentina | 82.04 | 84.04 | 78.35 | 79.64 | 106.96 | 140.47 | 151.07 | 183.89 | 137.7 | 113.5 |
| Brasil | 110.37 | 69.14 | 89.29 | 102.92 | 103.58 | 118.95 | 120.67 | 171.64 | 215.8 | 158.4 |
| Hungria | 89.85 | 68.45 | 82.69 | 133.77 | 116.09 | 108.78 | 124.71 | 249.51 | 174.0 | 145.4 |
| China | 410.70 | 155.85 | 146.19 | 213.85 | 189.69 | 189.18 | 252.11 | 296.08 | 218.3 | 243.0 |
| França | 95.87 | 94.69 | 93.55 | 148.98 | 116.25 | 128.56 | 160.60 | 245.62 | 174.0 | 151.4 |
| Índia | 110.83 | 99.86 | 105.33 | 108.06 | 115.88 | 122.49 | 119.22 | 137.75 | 193.1 | 186.1 |
| Paraguai | 137.68 | 34.83 | 77.85 | 311.47 | 624.49 | 1 155.60 | 1 189.45 | 1 755.96 | 155.1 | 132.7 |
| Ucrânia | 70.95 | 84.51 | 70.78 | 91.14 | 82.34 | 66.96 | 102.57 | 165.15 | 137.3 | 109.0 |
| Alemanha | 109.59 | 103.70 | 101.64 | 141.08 | 170.33 | 119.59 | 164.49 | 260.42 | 191.9 | 154.2 |
| Canadá | 90.23 | 97.50 | 115.97 | 102.07 | 109.34 | 90.01 | 106.70 | 148.69 | 185.6 | 158.8 |

Fonte: FAO, 2010

Quadro 43: Principais produtores mundiais de trigo em milhares de toneladas.

| Países | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 |
|---------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|
| China | 93 873 | 90 290 | 86 488 | 91 952 | 97 445 | 108 466 | 109 298 | 112 463 | 115115 | 115180 |
| Índia | 69 681 | 72 766 | 65 761 | 72 156 | 68 637 | 69 355 | 75 807 | 78 570 | 80680 | 80710 |
| USA | 53 001 | 43 705 | 63 814 | 58 738 | 57 280 | 49 490 | 55 823 | 68 026 | 60365,7 | 60102 |
| Rússia | 46 982 | 50 609 | 34 104 | 45 413 | 47 698 | 44 927 | 49 368 | 63 765 | 61740 | 41507 |
| França | 31 540 | 38 939 | 30 475 | 39 693 | 36 886 | 35 364 | 32 764 | 39 002 | 38332 | 38207 |
| Canadá | 20 630 | 15 961 | 23 049 | 24 796 | 25 748 | 25 265 | 20 054 | 28 611 | 26847 | 23166 |
| Alemanha | 22 838 | 20 818 | 19 260 | 25 427 | 23 693 | 22 428 | 20 828 | 25 989 | 25192 | 24106 |
| Ucrânia | 21 348 | 20 556 | 3 599 | 17 520 | 18 699 | 13 947 | 13 938 | 25 885 | 20886 | 16851 |
| Austrália | 24 299 | 10 132 | 26 132 | 21 905 | 25 173 | 10 822 | 13 039 | 21 397 | 21656 | 22138 |
| Paquistão | 19 024 | 18 227 | 19 183 | 19 500 | 21 612 | 21 277 | 23 295 | 20 959 | 24033 | 23311 |
| Total Mundial | 589 824 | 574 747 | 560 138 | 632 710 | 626 876 | 605 069 | 611 102 | 689 946 | 474849 | 445281 |

Fonte: FAO, 2011

Quadro 44: Principais importadores mundiais de trigo em milhares de toneladas

| Países | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|---------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|-------|
| Brasil | 7 523 | 7 016 | 6 572 | 6 612 | 4 848 | 4 988 | 6 531 | 6 638 | 6033 | 5446 |
| Itália | 6 860 | 7 527 | 7 716 | 6 986 | 6 483 | 6 752 | 7 162 | 6 258 | 5443 | 6479 |
| Egipto | 4 896 | 4 413 | 5 575 | 4 057 | 4 367 | 5 688 | 5 817 | 5 911 | 8328 | 4060 |
| Japão | 5 854 | 5 521 | 5 863 | 5 246 | 5 490 | 5 472 | 5 337 | 5 275 | 5781 | 5476 |
| Argélia | 5 367 | 4 538 | 5 998 | 5 183 | 5 034 | 5 683 | 4 966 | 4 851 | 6914 | 5720 |
| Holanda | 2 362 | 3 168 | 3 813 | 3 031 | 3 366 | 3 177 | 3 987 | 4 838 | 4305 | 4985 |
| Marrocos | 3 441 | 3 376 | 3 318 | 2 140 | 2 646 | 2 632 | 1 826 | 3 683 | 4084 | 2390 |
| Bélgica | 3 581 | 3 191 | 3 558 | 3 510 | 3 125 | 3 435 | 3 460 | 3 454 | 3115 | 3584 |
| Espanha | 2 502 | 3 863 | 6 347 | 3 861 | 4 368 | 7 492 | 5 180 | 3 441 | 4656 | 6413 |
| México | 2 794 | 3 386 | 3 140 | 3 500 | 3 585 | 3 718 | 3 447 | 3 253 | 3217 | 2777 |
| Total Mundial | 117 004 | 112 749 | 120 856 | 110 321 | 116 632 | 120 836 | 124 131 | 119 261 | 51874 | 47329 |

Fonte: FAO, 2011

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**

Quadro 45: Principais exportadores mundiais de trigo em milhares de toneladas.

| Países | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|----------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------|---------------|
| USA | 27 830 | 25 783 | 24 246 | 25 429 | 31 581 | 27 179 | 23 377 | 32 947 | 30093 | 21942 |
| Canada | 18 772 | 17 659 | 12 203 | 11 704 | 15 119 | 13 925 | 18 498 | 17 552 | 15781 | 19279 |
| Austrália | 17 724 | 15 542 | 14 697 | 9 503 | 18 451 | 13 915 | 14 976 | 14 684 | 8278 | 17528 |
| Rússia | 419 | 1 636 | 10 259 | 7 588 | 4 672 | 10 320 | 9 705 | 14 444 | 11720 | 16821 |
| França | 18 034 | 15 621 | 13 678 | 16 367 | 14 892 | 16 023 | 16 581 | 14 386 | 16293 | 16872 |
| Argentina | 11 019 | 10 791 | 9 052 | 6 169 | 9 977 | 10 431 | 9 697 | 9 645 | 8772 | 5118 |
| Cazaquistão | 4 990 | 3 023 | 3 944 | 5 195 | 2 587 | 1 899 | 4 195 | 6 178 | 4951 | 3229 |
| Alemanha | 4 569 | 5 710 | 5 872 | 4 473 | 3 927 | 4 627 | 6 106 | 4 646 | 7038 | 9688 |
| China | 3 | 455 | 688 | 2 237 | 784 | 260 | 1 114 | 2 337 | 126 | 8 |
| Reino Unido | 3 527 | 1 626 | 1 624 | 3 658 | 2 523 | 2 495 | 2 117 | 1 912 | 2766 | 2533 |
| Total Mundial | 117 190 | 113 749 | 120 396 | 109 592 | 118 937 | 120 474 | 126 443 | 132 832 | 105818 | 113019 |

Fonte: FAO, 2011

Quadro 46: Preço no produtor nos principais exportadores de trigo (US\$/ton).

| Países | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 |
|-------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| USA | 96 | 102 | 131 | 125 | 125 | 126 | 157 | 238 | 295,0 | 195,0 |
| Canada | 91,58 | 100,7 | 114,1 | 122,1 | 117,8 | 98,27 | 107,6 | 187,03 | 262,4 | 186,4 |
| Austrália | 113,1 | 120 | 142,4 | 172,5 | 159,1 | 150,5 | 152,9 | 202,93 | 327,1 | 223,0 |
| Rússia | 77,46 | 76,86 | 55,86 | 78,95 | 112,5 | 88,69 | 112,6 | 182 | 205,3 | 134,7 |
| França | 93,7 | 96,72 | 91,67 | 129,2 | 119,9 | 116,5 | 150,1 | 266,73 | 218,3 | 154,3 |
| Argentina | 108,1 | 122,1 | 129,3 | 129,6 | 184,4 | 252,5 | 271,6 | 334,01 | 176,5 | 145,6 |
| Cazaquistão | 69,03 | 77,16 | 63,14 | 80,68 | 107,1 | 97,06 | 97,28 | 136,93 | 224,3 | 174,6 |
| Alemanha | 106,8 | 99,59 | 95,05 | 124,2 | 154,2 | 123,3 | 136,9 | 245,34 | 252,0 | 150,0 |
| China | 118,3 | 126,9 | 127,6 | 186,6 | 165,6 | 165,1 | 220 | 258,4 | 238,4 | 270,9 |
| Reino Unido | 113,5 | 116,6 | 104,9 | 137,2 | 157,5 | 132,9 | 149,3 | 258,22 | 279,4 | 170,3 |

Fonte: FAO, 2011

ANEXO 2: Fotografias e imagens ilustrativas da realidade Cabo-verdiana.



Figura 17: Cultura de milho e feijão em sequeiro – ilha de Santiago



Figura 18: Mulheres efectuando venda ambulante de produtos agrícolas (“Rabidantes”).

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**



Figura 19: Mercado da Cidade da Praia, ilha de Santiago.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**



Figura 20: Cultura da Bananeira em São Jorge dos Órgãos, ilha de Santiago.



Figura 21: Cultura da Cana-de-açúcar, Cidade de Pedra Badejo, ilha de Santiago.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**



Figura 22: Criação de gado bovino, Cidade de Pedra Badejo, Ilha de Santiago.



Figura 23: Criação de gado caprino e ovino, localidade de Calheta São Miguel, ilha de Santiago.

**Segurança Alimentar e Preços dos Alimentos Básicos no Mercado Nacional e Internacional:
A Importância da “Eficiência” dos Mercados em Cabo Verde**



Figura 24: Barragem de Poilão, Ilha de Santiago.



Figura 25: Erosão provocada pela queda das chuvas.